

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
ANA AUGUSTA DE OLIVEIRA SIMAS

**O GERÚNDIO NA EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO NA DIVERSIDADE DO
PORTUGUÊS DO MANAUARA**

MANAUS – AM

2016

ANA AUGUSTA DE OLIVEIRA SIMAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes: Representação em Etnolinguística, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras e Artes, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Andrade Martins.

**MANAUS – AM
2016**

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA AUGUSTA DE OLIVEIRA SIMAS

**O GERÚNDIO NA EXPRESSÃO DO FUTURO NA DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS
DO MANAUARA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, aprovada em 24/03/2016.

Profa. Dra. Silvana Andrade Martins (Presidente)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Valteir Martins
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Dedico este trabalho aos meus pais Maria Tereza de Oliveira Simas e Ednel dos Santos Simas, pela disposição em assumirem cuidar dos meus filhos em minha ausência, e aos meus filhos Elias Paulo Simas dos Reis e Augusto César Simas dos Reis, por entenderem a minha necessidade e vontade de prosseguir meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de poder alcançar e concretizar mais um objetivo na minha vida pessoal e profissional.

À minha orientadora, Profa Dra Silvana Andrade Martins, que me acompanhou e orientou em pesquisas de Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso e a mais esta etapa da Pós-graduação, por quem tenho profunda admiração, por sua sabedoria, seriedade, dedicação e paciência em sua profissão como professora, pesquisadora e orientadora, sem deixar nada a desejar.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, os quais, com seus conhecimentos e experiências, contribuíram grandemente para o alcance do objetivo de todos os alunos do programa.

Às minhas amigas Jussara Araújo, pela disponibilidade em colaborar com seu conhecimento sobre o programa estatístico e por me atender sempre que precisei, e Sandra Alfaia, por me incentivar a continuar na busca por conhecimentos e com quem muito aprendi, desde a graduação.

À coordenadora do curso de Ciências Contábeis Simone Amâncio, pela compreensão e apoio dados quando precisei, em virtude da conclusão desta pesquisa.

À Senhora Daíze Rocha pelo excelente atendimento em sua função como secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da UEA.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM) pela bolsa concedida.

RESUMO

No português brasileiro, a ocorrência do gerúndio para expressar a futuridade tem despertado a atenção dos estudiosos que buscam registrar e analisar a variação e a mudança linguística no escopo da Língua Portuguesa. Nesta perspectiva de estudo, investiga-se a ocorrência do gerúndio na expressão do futuro na diversidade do português do manauara. Fundamentado na teoria Sociofuncionalista, que converge princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico Tavares (2013) e Castilho (2012), tem-se como objeto de análise a construção gerundiva codificada por três verbos ‘ir + estar + gerúndio’ como indicação de tempo futuro, objetivando verificar em quais contextos ela ocorre e quais fatores contribuem para o uso desta variante. O *corpus* de análise se constitui de textos representativos das modalidades da escrita e da fala, distribuídos em um contínuo de graus de monitoramento que se estendeu dos mais formais aos menos formais. Da escrita, foram analisados dois periódicos da cidade de Manaus, o jornal ‘Acrítica’ e o ‘Diário do Amazonas’ e bate-papos, mensagens e comentários escritos por usuários na página do *Facebook* de um dos programas televisivos locais e de interações feitas entre docentes e acadêmicos em um grupo do aplicativo *WhatsApp*. Na fala, são examinadas as interações em contextos mais formais e menos formais provenientes da fala de professores, atendentes de lojas comerciais, além de registros da fala espontânea coletados no cotidiano dos manauaras. O *corpus* constituído e recebeu tratamento estatístico, por meio do programa GoldVarbX, analisando-se os seguintes grupos de fatores como favorecedores ou inibidores da ocorrência da perífrase gerundiva em estudo. Os linguísticos: I) Variável Dependente: a) gerundismo, b) não gerundismo; II) tipos de verbo: auxiliar: ir (presente); III) modal: poder; com indicativo de certeza; 2. sem indicativo de certeza; 3. com indicativo de dúvida; IV) Marcas de tempo futuro: a) presença da marca (advérbio de tempo, locução encabeçada pela preposição ‘em’, locução não encabeçada pela preposição ‘em’), b) ausência de marca; V) Tipos de Oração: a) oração absoluta; b) oração principal, c) oração subordinada, d) oração coordenada, e) oração interrogativa; VI) Pessoa do Discurso: a) primeira pessoa do singular; b) segunda pessoa do singular; c) terceira pessoa do singular; d) primeira pessoa do plural e) terceira do plural. Os resultados mostraram que a perífrase ‘ir + estar + gerúndio’ está mais restrita à fala e ocorre tanto em contextos de interação mais formais quanto menos formais. Os fatores favorecedores desta construção gerundiva são a ausência de marca de tempo indicador de futuro e orações coordenadas.

Palavras-chave: Gerúndio; futuro; português manauara.

ABSTRACT

In Brazilian Portuguese, the occurrence of the gerund to express futurity has gotten the attention of studios who seek to record and analyze the variation and linguistic change in the scope of the Portuguese language. In this perspective of study, it is investigated the occurrence of the gerund in the expression of the future in the diversity of manauara Portuguese. Based on Sociofunctionalist theory that converges principles of Variationist Sociolinguistics and Linguistics Functionalism Tavares (2013) and Castillo (2012), it has as an object of analysis the gerundive construction coded by three verbs 'go + be + gerund' as an indication of future tense, in order to verify in which contexts it occurs and what factors contribute for the use of this variant. The analysis corpus is constituted of representative texts of the modalities of forms and speech, distributed in a continuum of degrees of monitoring that it was extended from the most formal to the less formal. About Writing, two journals from the city of Manaus were analyzed, the newspaper "A crítica" and "O Diário do Amazonas" and chats, messages and comments written by users on the Facebook page from one of the local television programs and from interactions made between teachers and academics in a group of WhatsApp application. About Speech, interactions are examined in more formal and less formal contexts from speaking teachers, shop attendants, beyond records of spontaneous speech collected in manauara's daily life. The constituted corpus and received statistical treatment through the GoldVarbX program, analyzing the following groups of factors as favorer or occurrence inhibitors of gerundive periphrasis on study. The Linguistic: I) Dependent Variable: a) gerundismo, b) non-gerundismo; II) types of verb: help: go (present); III) modal: can; with indication of certainty; 2. with no indication of certainty; 3. with indication of doubt; IV Marks of future tense: a) presence of the mark (adverb of time, locution headed by the preposition 'in', locution not headed by the preposition 'in'), b) no mark; V) Types of Clause: a) absolute clause; b) main clause, c) subordinate clause, d) independent clause and) interrogative clause; VI) Person of Speech: a) the first person singular; b) second-person singular; c) third person singular; d) first person plural and e) third plural. The results showed that the periphrasis 'go + be + gerund' is more restricted to speech and occurs both in more formal contexts of interaction than less formal. The favorer factors of this gerundive construction are the absence of time mark, future indicator and coordinate clauses.

Key-Words: Gerund; future; manauara Portuguese.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 1 – Visão Geral de Pesquisas realizadas no Interior e Capital do Amazonas.....	20
Quadro 2 – Perífrases verbais.....	42
Quadro 3 – Ações Verbais Pontuais e não Pontuais.....	45
Quadro 4 – Gerundismo.....	46
Quadro 5 – Futuro Imperfeito na Voz Ativa.....	48
Quadro 6 – Futuro Imperfeito na Voz Passiva.....	49
Quadro 7 – Futuro Perfeito ou Anterior de Voz Ativa.....	49
Quadro 8 – Futuro Perfeito de Voz Passiva.....	49
Quadro 9 – Valores Aspectuais.....	69
Quadro 10 – Aspectos Verbais do Português.....	69
Quadro 11 – Tipologia do Aspecto.....	72
Quadro 12 – O Corpus.....	85
Quadro 13 – Perfil dos Participantes.....	86

TABELAS

Tabela 1 – Variável dependente: gerundismo e não gerundismo.....	101
Tabela 2 – Distribuição dos dados com construção de gerúndio.....	101
Tabela 3 – Marcas de Tempo Futuro.....	102
Tabela 4 – Tipo de Oração.....	104
Tabela 5 – Contexto Pessoa do Discurso.....	105
Tabela 6 – Realização da Fator Sexo.....	106
Tabela 7 – Faixa Etária.....	107
Tabela 8 – Profissão.....	109
Tabela 9 – Nível Escolaridade.....	111
Tabela 10 – Graus de Formalidade.....	112
Tabela 11 – Aceitabilidade do gerundismo entre os docentes.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo I	
MANAUS: FORMAÇÃO LINGUÍSTICO-CULTURAL E OS ESTUDOS SOBRE A FALA MANAUARA.....	14
1.1 Manaus: um pouco de sua história.....	14
1.2 A Fala Amazonense em Foco: Estudos Dialetológicos e Sociolinguísticos.....	17
Capítulo II	
REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1 O Sociofuncionalismo: Um Hibridismo da Sociolinguística e do Funcionalismo.....	23
2.2 O Tratamento do Gerúndio: do latim ao português brasileiro.....	29
2.2.1 O Gerúndio no latim.....	29
2.2.2 O Gerúndio no português europeu	32
2.2.3 O Gerúndio no português brasileiro.....	37
2.3 As perífrases verbais na expressão do tempo futuro: do latim ao português brasileiro contemporâneo	48
Capítulo III	
CONTEXTO VARIÁVEL DAS PERÍFRASES DE GERÚNDIO E FATORES DE ANÁLISE.....	56
1.1 A escolha da variável.....	56
3.2 As marcas de tempo futuro	62
3.3 O tempo verbal.....	64
3.4 O aspecto verbal.....	68
753.5 Interferência dos fatores sociais.....	79
3.5.1 O sexo/gênero.....	79
3.5.2 Faixa Etária.....	80
3.5.3 Nível de Escolaridade.....	81

Capítulo IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	82
4.1 O corpus: coleta e critérios de constituição.....	82
4.2 Os informantes.....	85
4.3 Grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.....	87
4.3.1 Grupos de Fatores Linguísticos.....	93
4.3.2 Grupos de Fatores Extralinguísticos.....	94
4.3. 4 Tratamento Estatístico dos Dados.....	97

Capítulo V

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	97
5.1 O gerúndio como expressão de futuridade na escrita	97
5.2 O gerúndio como expressão de futuridade na fala.....	99
5.2.1 Frequência do verbo auxiliar e modal nas construções gerundivas.....	101
5.2.2 Análise dos fatores linguísticos favorecedores ou inibidores da perífrase gerundiva.....	102
5.2.2.1 Marcas de Tempo Futuro.....	102
5.2.2.2 Tipos de Oração	104
5.2.2.3 Pessoas do Discurso.....	104
5.2.2.4 Fator Gênero/Sexo.....	105
5.2.2.5 Fator Faixa Etária.....	107
5.2.2.6 Fator Profissão.....	108
5.2.2.7 Fator Nível de Escolaridade.....	111
5.2.2.8 Grau de Formalidade	112
5.3 Grau de aceitabilidade dos docentes no emprego da perífrase inovadora (<i>ir</i>) + <i>estar</i> + <i>gerúndio</i>	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

Este estudo é de natureza descritiva e se enquadra na linha de pesquisa Interpretação em Etnolinguística do Programa de pós-graduação em Letras e Artes. Vincula-se ao Projeto Fala Manauara Culta (FAMAC), o qual tem por objetivo documentar, em seu banco de dados digitais, registros reais do português falado, concernente à norma culta e popular, na capital do estado do Amazonas.

O Brasil é um país de diversidade econômica, geográfica, social, cultural, étnica e naturalmente linguística. O português falado no Brasil como qualquer outra língua possui variações. Neste contexto, Bortoni-Ricardo (2005) explica que, para os estudiosos da linguagem, principalmente os teóricos da ordem em que se enquadra a Sociolinguística Variacionista, as normas e categorias sociais são anteriormente existentes e atuam como parâmetros dos usos linguísticos, além de serem elementos constitutivos na construção do percurso da língua no contexto social. Nesta perspectiva interacional do funcionamento da língua, a autora supracitada assevera que “a língua é um fenômeno intrínseco ao ser humano e ele a usa como instrumento principal de comunicação para estabelecer sua relação na sociedade” (p. 147 - 148).

A cada situação de fala, da qual o falante se insere e participa, nota-se que a língua é heterogênea e diversificada. É justamente essa heterogeneidade que precisa ser sistematizada. “Se este fator não puder ser sistematizado, como justificar o fato de que a diversidade linguística entre os seres humanos não os impedem de se comunicar?” (TARALLO, 2007, p 06). Sabe-se que toda comunidade de fala tem características linguísticas peculiares, são frequentes as formas de fala em variação. A essas formas dá-se o nome de *variantes*, que “são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2007, p. 8).

Em conformidade com Martellota (2011, p. 15), há um esforço pela busca da sistematicidade dos aspectos gramaticais implícitos ao uso das línguas. Contudo, o autor explica: “em um conjunto de regras estáticas aplicáveis ao processo de formação de frases nos mais diferentes contextos, as línguas naturais se mostram indiferentes no seguimento das regras estáticas”. Expõe que as línguas são extremamente sensíveis a diferenças comportamentais dos indivíduos que as falam. Portanto, conclui que as línguas naturais apresentam variações de

natureza individual, social, regional, entre outras, as quais convivem em um mesmo momento do tempo, apresentando mudanças que se manifestam com o decorrer dos anos.

Neste contexto de variação, focaliza-se o fenômeno da variação na expressão de futuridade no português brasileiro contemporâneo. Observa-se que coexistem várias estratégias linguísticas para indicar o tempo futuro como: a) a forma de futuro simples ‘*Almoçarei* em casa hoje’; b) as formas de presente ‘Amanhã, quando eu voltar da academia, *faço* meu trabalho’; c) a forma perifrástica com o verbo ‘ir + (no presente) + infinitivo’: ‘*Vou comprar* umas frutas’; d) a forma perifrástica com o verbo ‘ir (no futuro) + infinitivo’: ‘*Irei correr* na praia da Ponta Negra’; e) a forma perifrástica com o verbo ‘haver + de + infinitivo’: ‘*Hei de comprar* um apartamento’; f) a forma perifrástica com o verbo ‘haver no futuro + de + infinitivo’: ‘*Haverei de levar* os meninos para um passeio’. Além dessas formas, já existem indícios na fala brasileira de outra variante utilizada para expressar a futuridade, que é a perífrase ‘ir (presente) + estar + gerúndio’ como em: ‘Já resolvi a questão do seu cartão tá... Jogue fora esse daí da sua casa, o outro cartão *vai tá chegando* dia dezoito’. Porém, esta construção é comumente rotulada depreciativamente como *gerundismo* por muitos defensores da modalidade de língua considerada “modelo” pela sociedade, uma vez que essa perífrase constituída por três verbos não consta nos compêndios gramaticais. Por isso, é tratada como “erro”, “inadequação” ou uma construção discordante em relação à norma gramatical da língua.

É essa especificidade de ocorrência de uso da construção com três verbos ‘ir + estar + gerúndio’ para expressar o futuro que este estudo se propõe a investigar no português empregado pelos manauaras. Busca-se verificar a ocorrência dessa construção, identificando os fatores linguísticos e extralinguísticos que são favorecedores ou inibidores desta variante.

Para o alcance dos objetivos propostos, a investigação foi feita em dois contextos: na modalidade da escrita e da fala mais e menos formal. Da escrita mais formal são analisados dois periódicos da cidade de Manaus, os jornais ‘Acrítica’ e o ‘Diário do Amazonas’, os quais têm como público-alvo as classes média e alta manauara (ARAÚJO, 2016). Na escrita menos formal, foram examinados comentários de usuários extraídos da página de *Facebook* do programa jornalístico ‘Alô Amazonas’ e mensagens provenientes de dois grupos sociais para interação no âmbito profissional, por meio do aplicativo *WhatsApp*. Na fala, são analisados os textos produzidos por professores, atendentes de lojas comerciais e registros da fala espontânea coletados no cotidiano. Também fazem parte do *corpus* as falas de apresentadores e de entrevistados veiculadas por um dos jornais televisivos de Manaus.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro trata da formação linguístico-cultural da população que vive em Manaus, abordando pontos relevantes que caracterizam o português dessa região como a área geográfica, os aspectos históricos,

econômicos e étnico-culturais. Além disso, traz um levantamento da produção científica referente aos estudos linguísticos desenvolvidos no Amazonas, com enfoque em Manaus e na região metropolitana, produzidos nos âmbitos de iniciação científica e de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico que fundamenta este estudo e está organizado em três subtópicos: no primeiro, tecem-se considerações acerca das teorias Sociolinguística Variacionista e do Sociofuncionalismo, discutindo conceitos, demonstrando pontos convergentes dessas teorias em relação à concepção de língua e sua funcionalidade no contexto social; no segundo faz uma abordagem relativa ao gerúndio e seu funcionamento no latim, no português europeu e no português brasileiro; e, no terceiro, apresenta-se a evolução das perífrases verbais na expressão do tempo futuro, no percurso do latim ao português brasileiro contemporâneo, referenciando vários estudos sobre o tema.

O terceiro capítulo trata da delimitação da variável. Com base no sociofuncionalismo, que é uma articulação da sociolinguística variacionista e do funcionalismo, apresenta-se a delimitação da variável e expõem-se também os fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados para a verificação das hipóteses referentes à ocorrência da construção gerundiva em estudo.

No quarto capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos que norteiam a coleta e análise do *corpus*, bem como os critérios empregados para a constituição do *corpus*. Também, por ser uma pesquisa que focaliza um fenômeno de variação linguística, faz-se necessário delimitar a regra variável, a escolha dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que funcionam como motivadores ou inibidores da ocorrência do fenômeno em variação.

No último capítulo, faz-se a análise dos resultados obtidos da ocorrência da construção gerundiva em estudo, controlada pelos grupos de fatores selecionados, e se explicita a respeito da verificação das hipóteses, guiando-se pelo aporte teórico que sustenta esta análise.

Capítulo I

MANAUS: FORMAÇÃO LINGUÍSTICO-CULTURAL E OS ESTUDOS SOBRE A FALA MANAUARA

1.1 Manaus: um pouco de sua história

Manaus, a capital do estado do Amazonas, situada na confluência dos rios Negro e Solimões, é o maior centro financeiro da região Norte. Localiza-se no extremo norte do País, a 1.932 quilômetros de Brasília, a capital federal e, segundo os dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é a cidade mais populosa da Amazônia.

A capital amazonense foi fundada em 1669 com o forte São José do Rio Negro e, em 1832, foi elevada à vila, recebendo o nome de Manaus. Em 24 de outubro de 1848, foi legalmente transformada em cidade, já com o nome de Barra do Rio Negro. Foi somente em 4 de setembro de 1856 que voltou a receber seu nome atual.

A origem do nome da cidade, de acordo com o site *Guia do Turista*, vem da tribo ‘Manáos’, que foi dado em homenagem à nação indígena que habitava as regiões do rio Negro e Solimões. Observa-se que, em conformidade com a grafia antiga, Manáos é escrito com ‘o’ e acentua-se a vogal precedente ‘a’. O nome ‘Manaus’ na língua indígena significa “Mãe dos Deuses”.

Ainda, segundo as informações do site, o período de povoação da Amazônia se inicia entre os anos de 1850 a 1640, época em que Portugal e Espanha estiveram sob uma só coroa. Com isso, os portugueses entraram no vale amazônico, sem desrespeito oficial aos interesses espanhóis. Devido aos interesses comerciais, os portugueses não viam na região a facilidade de obter grandes lucros a curto prazo, considerando que era uma área de difícil acesso e também por desconhecerem, naquela época, a existência de riquezas, como ouro e prata. Por isso, entre outros motivos que não se pretende aqui abordar, a ocupação do lugar onde hoje se encontra Manaus foi demorada.

Em 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro, é proclamada a República Federativa do Brasil, extinguindo-se o Império. Foi então que a Província do Amazonas passa a ser Estado do Amazonas, tendo como capital a cidade Manáos. A borracha, matéria-prima das indústrias, tornou-se cada vez mais requisitada e, o Amazonas, como seu principal produtor, desenvolveu sua economia para atender à crescente demanda de mercado. Isso intensificou o processo de migração para Manaus, encabeçado não só por nordestinos, mas também por brasileiros de outras regiões, além da imigração de ingleses, franceses, judeus, gregos, portugueses, italianos e espanhóis. A chegada dos migrantes gerou um crescimento demográfico que obrigou a cidade a passar por mudanças significativas.

Em 1892, inicia-se o governo de Eduardo Ribeiro, que tem um papel importante na transformação da cidade, através da elaboração e execução de um plano para coordenar o seu crescimento. Esse período de 1810 a 1910 é conhecido como 'Fase Áurea da Borracha'. A cidade ganha o serviço de transporte coletivo de bondes elétricos, telefonia, eletricidade e água encanada, além de um porto flutuante, que passa a receber navios dos mais variados calados e de diversas bandeiras.

O site descreve também que a metrópole da borracha entra nos anos de 1900 com uma população em torno de 20 mil habitantes, com uma cidade de ruas retas e longas; de calçadas com granito e pedras de liós importadas de Portugal; de praças e jardins bem cuidados; de belas fontes e monumentos e com um teatro suntuoso, além de hotéis, cassinos, estabelecimentos bancários, palacetes e com todos os requintes de uma cidade moderna. Nesta época áurea, a cidade foi referência internacional das discussões sobre doenças tropicais, saneamento e saúde pública. Realizaram-se aqui grandes ações em parceria com cientistas internacionais, como o caso da erradicação da febre amarela, em 1913. No início do século XX, as ações de saneamento estiveram praticamente restritas a Manaus. O auge do ciclo econômico transformou a capital em uma cidade moderna, com as mesmas benfeitorias que chegavam ao Rio de Janeiro, a então capital federal.

Em 1910, Manaus ainda vivia a euforia dos preços altos da borracha, quando de repente foi surpreendida pela fortíssima concorrência da borracha natural, plantada e extraída dos seringais da Ásia, que invadiu vertiginosamente os mercados internacionais. Foi o fim do domínio da exportação do produto dos seringais naturais da Amazônia, deflagrando assim o início de uma lenta agonia econômica para a região. Com isso, o desempenho do comércio manauara tornou-se crítico e as importações de artigos de luxo e supérfluos caíram vertiginosamente. Assim, a cidade foi abandonada por aqueles que podiam partir e mergulhou em um profundo marasmo, entrando em decadência por quase meio século.

No que se refere à sua formação cultural, segundo o que consta no site *Guia do Turista*, Manaus é uma cidade marcada por traços culturais, políticos e econômicos herdados dos portugueses, espanhóis e franceses. Em sua história, ressalta-se a importância dos ameríndios na constituição étnica. Dessa mistura de raças, surgem os descendentes caboclos, os quais iniciaram a ocupação humana na Amazônia. Desenvolveram-se em contato íntimo com o meio ambiente, adaptando-se às peculiaridades regionais e oportunidades oferecidas pela floresta.

De acordo com as informações disponíveis no *Portal da Amazônia*, após o declínio da borracha, a solução para que o desenvolvimento na capital Manaus continuasse apareceu em 1967, com o surgimento da Zona Franca de Manaus. Com isso, o Amazonas ganhou incentivos fiscais para o comércio e a indústria. Em função da Zona Franca, gerida pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), foi criado o distrito industrial, em que se destacou o polo de duas rodas (motocicletas e bicicletas), eletrônicos, dentre outros. Ainda de acordo com o site *Portal Amazônia*, A Zona Franca é uma das principais fontes de renda do Estado, gera mais de 600 mil empregos diretos e 200 indiretos, embora, desde 2010, venha sofrendo uma redução na disponibilidade de empregos, como consequência da crise mundial e nacional que se vive hoje.

Conforme informações do jornal *online D24am*, Manaus é uma capital que recebe muitos imigrantes de outros estados e de outros países. A maioria vem em busca de melhores condições de vida e conquistas profissionais. De acordo com o jornal, os estrangeiros também fazem parte desse quadro e geralmente são trazidos por empresas transnacionais, que atuam em Manaus ou imigram com a intenção de abrir negócios comerciais na cidade. Os mais recentes estrangeiros a aportarem em Manaus são os haitianos, os quais já são mais de 1,4 mil, segundo dados da Pastoral do Imigrante, entidade ligada à Igreja Católica, que atua acolhendo a essa população.

O jornal supracitado informa ainda os números obtidos pela pesquisa do Censo Demográfico de Manaus, realizada em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo aponta que 22% da população da capital é composta por imigrantes. De acordo com o Censo do ano de 2002 do IBGE, a cidade tinha 248.201 mil habitantes vindos de outros estados. Esse número aumentou para 150 mil pessoas nos últimos 11 anos. Entre os imigrantes, os paraenses representam o maior percentual. Até o ano de 2000, quando o número de habitantes da cidade era de 1.404.835, o equivalente a 8,08% dessa população nasceu no Pará. Esse percentual supera o número de moradores de Manaus que vieram do Nordeste, o qual segundo o censo de 2000, era de 5,17%.

Por todos estes fatores, Manaus, ainda que seja considerada geograficamente distante do centro econômico financeiro do país, tem sido um atrativo de oportunidade para muitos brasileiros das mais diferentes regiões do Brasil e de outros países, inicialmente devido ao

período áureo da borracha e, depois, devido à Zona Franca de Manaus. A mistura, o contato com a diversidade de costumes, culturas, gostos, falares e sotaques a caracterizam como uma metrópole extremamente heterogênea e dinâmica. Portanto, por ser Manaus uma capital onde convivem falantes do português provenientes de várias localidades do Brasil, a fala manauara resulta dessa mistura de sotaques, fato que vem chamando a atenção dos linguistas interessados em documentar a diversidade linguística do português brasileiro.

1.2 A fala amazonense em foco: estudos dialetológicos e sociolinguísticos

O estado do Amazonas, como já foi mencionado, é o maior da região Norte e bastante atrativo para habitantes de qualquer lugar do País e até do estrangeiro que vem em busca de melhoria vida. Essa mistura de falares tem despertado o olhar de pesquisadores como linguistas, antropólogos e sociólogos, interessados em explorar a diversidade linguístico-cultural do Amazonas. Com a expansão das pesquisas nas universidades amazonenses, fomentadas sobretudo pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM), esses estudos têm se difundido e sua atenção se volta principalmente às microrregiões do Estado, mas também começam a se expandir em referência à capital. Por conseguinte, a variedade do português falado no Amazonas, vem sendo estudada, na perspectiva da Dialetologia e da Sociolinguística Variacionista, principalmente pelos grupos de pesquisas formados por pesquisadores das Universidades Federal do Amazonas (UFAM) e da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Um dos primeiros estudos de cunho dialetológico realizado na região foi em 1980, intitulado O falar do “caboco” amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves, desenvolvido por Correa (1980) e apresentado ao programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica, do estado do Rio de Janeiro. A pesquisadora documentou aspectos relevantes sobre a realização predominante do */o/* em posição tônica no falar dos municípios estudados.

Em 2004, foi elaborado o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), tese de doutorado defendida por Cruz, pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O estudo foi apresentado ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A pesquisadora investigou nove cidades do interior no Amazonas, controlando como variáveis sociais idade, sexo e escolaridade. Foram entrevistados 6 informantes em cada localidade, sendo um homem e uma mulher em cada faixa

etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Todos os informantes tinham até quatro anos de escolaridade.

A partir da elaboração do *ALAM*, foram realizadas várias pesquisas de cunho dialetológico no Amazonas, orientadas por Cruz, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que alavancaram as pesquisas linguísticas no Estado. Entre estes estudos constam trabalhos de iniciação científica e de conclusão de curso, dentre os quais em nível de iniciação científica, destacam-se os de Martins (2006; 2007), Maia (2006), Dias (2007) e Quara (2007), que investigaram os fenômenos fonético-fonológicos dos dados de elocução livre provenientes do *ALAM* (CRUZ, 2004). Como trabalho monográfico em curso de especialização, cita-se o de Maia (2009), que estudou as vogais médias pretônicas em Itacoatiara utilizando os dados do *ALAM* (CRUZ, 2004).

Em nível de mestrado, para citar alguns estudos, fazem-se referência aos trabalhos de Torres (2010) que investigou a realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves; de Silva (2010) que investigou o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves; de Brito (2010) que elaborou o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas; de Quara (2012), que investigou as vogais médias pretônicas no município de Manaus; o trabalho de Maia (2012) que estudou a realização do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá; de Justiniano (2012) que apresenta o Atlas Linguístico dos falares da microrregião do Alto Rio Negro, pertencente à mesorregião do Norte do Amazonas, que compreende os municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos; de Berçot-Rodrigues (2014), que estudou a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico de substituição das demais consoantes fricativas pela fricativa glotal [h, ɦ] na fala manauara, sob a ótica da Dialetologia, aplicando o método Geolinguístico e as teorias da Sociolinguística Variacionista e Fonologia Natural; e de Gonçalves (2015), que examinou o léxico realizado por migrantes provenientes do interior do estado do Amazonas, mais precisamente, de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, que vivem em Manaus há pelo menos cinco anos.

Em nível de doutorado, apresenta-se o de Campos (2009), professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM, que apresentou tese no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), abordando o fenômeno do alçamento das vogais posteriores em posição tônica, observado na fala dos habitantes do município de Borba; e o de Flávia Martins (2013), também professora titular da UFAM, que apresentou sua tese ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo como enfoque de pesquisa o fenômeno da concordância nominal de número no falar dos habitantes do Alto Solimões. Destaca-se ainda Freire (2011), professor titular da

UFAM, que publicou o livro *Amazonês*, uma referência primordial a ser consultada quando se aborda a diversidade do português falado no estado do Amazonas.

Esses estudos, conforme apontados, estavam sobretudo voltados para a análise da fala interiorana. Especificamente a respeito dos estudos referentes ao português falado na metrópole manauara, ressalta-se que esses se iniciaram nos últimos sete anos, tendo como principal referência os estudos realizados pelo grupo de pesquisa da Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC), criado em 2008, por S. Martins, na Universidade do Estado do Amazonas. O objetivo da equipe do FAMAC é constituir um banco de dados digital da fala manauara, para análise sobretudo na perspectiva sociolinguística variacionista.

O FAMAC é formado por um grupo constituído por professores e estudantes de graduação e pós-graduação, vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE). Tem-se por meta documentar o português empregado pelo manauara, em três situações de registros: Elocuções Formais (EF), diálogos (D2) e entrevistas entre informante e documentador (DID). O critério para o estabelecimento da população de referência é ser nascido em Manaus ou residir neste município há, no mínimo, 20 anos. E, na coleta de dados de inquéritos da norma culta, o critério é possuir ensino superior completo.

Os estudos realizados pelo FAMAC se inscrevem na pesquisa sociolinguística variacionista. Emprega como variáveis os fatores gênero, faixa etária (de 20 a 35 anos; de 36 a 55 anos; e de 56 em diante) e nível de escolaridade.

O projeto também tem por objetivo formar pesquisadores na área da pesquisa sociolinguística. Nesta perspectiva já foram realizados vários trabalhos de iniciação científica e de conclusão de curso, orientados por S. Martins e V. Martins.

Dentre os trabalhos de iniciação científica estão o de Babilônia (2014) que examinou a alternância tu/você; Ribeiro (2014), que analisou aspectos da ocorrência da expressão de futuridade no português falado em Manaus; Arantes (2014) que registrou a fala manauara, a partir da realização de entrevistas (DID), que propiciassem a ocorrência da expressão de informação no âmbito do *irreallis*, entre outros. Como trabalho de conclusão de curso de graduação, citam-se os estudos de Evangelista (2014) que examinou a realização da lateral /l/ na fala manauara; de Ribeiro (2014) que investigou a variação de futuridade na fala manauara, e o de Barros (2015), que analisou a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irreallis* na fala manauara; Holanda, Luciana Serdeira (2015) que estudou a codificação da gradação no falar do manauara, para enumerar alguns.

Em Programa de Pós-graduação há dois estudos, este aqui apresentado que trabalha a construção gerundiva como expressão de futuridade e o de Araújo (2016) que investiga o futuro perifrástico com o verbo 'ir' (no presente e no futuro) na escrita jornalística manauara. Ainda

entre outras produções científicas, cita-se o artigo publicado por S. Martins & V. Martins (2014), a respeito do processo de seleção de uso dos pronomes de 2ª pessoa na fala dos manauaras, descrevendo os fatores linguísticos e sociais que condicionam essa alternância, numa perspectiva da Sociolinguística Interacionista. Alguns fenômenos da variação linguística que têm sido focalizados pelo grupo FAMAC são no âmbito da fonologia como a elisão do –r no final de palavras, a nasalização e o processo de neutralização da distinção entre /l/ e /l̃/ no contexto da vogal /i/. No âmbito morfossintático, a alternância pronominal tu/você e entre nós e a gente; as construções que marcam a gradação; e a expressão da futuridade.

Sem a pretensão de ser exaustivo, relaciona-se no quadro 1, os trabalhos já realizados nas microrregiões do estado do Amazonas e de sua capital.

CORRÊA, Hydelvídea Cavalcante de Oliveira	<i>O falar do caboclo amazonense</i> . Rio de Janeiro: PUC, 1980.
CRUZ, M. L. de C	<i>Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM</i> . Rio de Janeiro Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) UFRJ, 2004.
MAIA, Edson Galvão	<i>Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru</i> . Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.
	<i>Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas</i> . Manaus: UFAM, trabalho monográfico do curso de especialização em Linguística, 2009.
DIAS, Daniele de Oliveira	<i>Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/ em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá</i> . Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2007.
QUARA, Hariele Regina Guimarães	<i>As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)</i> . Manaus: UFAM, mestrado em Letras, 2012.
BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire	<i>A Realização da Fricativa Glotal na Fala Manauara</i> . Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas, 2014.
TORRES, Francinery Gonçalves Lima	<i>A realização das variantes palatais /ç/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio Solimões)</i> . Manaus: UFAM, mestrado em Sociedade e Cultura, 2010.
SILVA, Lúcia Helena Ferreira.	<i>Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves</i> . Manaus: UFAM, Dissertação de mestrado, 2010.
BRITO, Roseanny de Melo	<i>Atlas dos falares do baixo Amazonas - AFBAM</i> . Manaus: UFAM, dissertação de mestrado, 2010.

MAIA, Edson Galvão	<i>A Realização fonética do /s/ pós-vocálico nos Municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá.</i> Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas, 2012.
JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos	<i>Atlas linguístico dos falares do alto rio Negro</i> – Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas. UFAM, 2012.
GONÇALVES, S. M. Godinho	<i>Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: Um estudo de geolinguística.</i> Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Federal do Amazonas, UFAM, 2015.
CAMPOS, Maria Sandra	<i>O Alçamento das Vogais Posteriores em Sílabas Tônicas: um estudo do Português falado em Borba no Amazonas.</i> Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, 2009.
MARTINS, Flávia Santos	<i>Varição na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas).</i> Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.
BABILONIA, Leandro, MARTINS, Silvana	<i>A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara.</i> Revista Eletrônica do Programa de Pós- Graduação em Letras/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação. Três Lagoas, MS, 2005. Semestral ISSN 1980-1858. Descrição baseada em: v. 13, n.1, ago./dez. 2011.
EVANGELISTA, Camila dos Santos	<i>A realização da lateral /l/ na fala manauara: um estudo sociolinguístico variacionista.</i> Trabalho de Conclusão de Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, 2014.
RIBEIRO, Paula Jamile Feitosa	<i>Contextos Linguísticos e Socioculturais da Variação da Expressão de Futuridade na Fala Manauara.</i> Pesquisa de iniciação científica (PAIC). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.
ARANTES, Heliene Carvalho	<i>O Português Falado na Cidade de Manaus: Coleta de Dados - SIPROJ- nº27543.</i> Pesquisa de iniciação científica (PAIC). Universidade do Estado do Amazonas UEA, Manaus, 2014.
MARTINS, Silvana; MARTINS, Valteir	<i>Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil.</i> 178. Inter DISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies Vol. 3.1, 2014.
RIBEIRO, Paula Jamile Feitosa	<i>A Variação da Futuridade na Fala Manauara.</i> Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2015.
BARROS, Nathalie Anne Conceição	<i>Indicativo na Expressão do Irrealis na Fala Manauara.</i> Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2015.
HOLANDA, Luciana Serdeira	<i>A gradação na fala manauara: uma abordagem sociolinguística e funcional.</i> Trabalho de Conclusão

	de Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.
ARAÚJO, Jussara Maria	<i>A Expressão de Futuridade na Escrita Jornalística Manauara dos Anos 80 aos Dias Atuais: Um Estudo Funcionalista</i> . Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Programa de Pós-graduação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2016.

Quadro – 1 Visão Geral de Pesquisas realizadas no Interior e Capital do Amazonas.

Fonte: Elaboração própria

Conforme evidenciado, os estudos sociolinguísticos e dialetológicos no Amazonas vêm se ampliando e se fortalecendo. Para isso, a atuação dos grupos de pesquisa tem sido fundamental. Reconhece-se que há muito trabalho a ser feito, para o mapeamento dos falares do Amazonas e descrição dos fenômenos linguísticos que caracterizam a diversidade do português falado nesta região.

Por fim, esclarece-se que com este detalhamento apresentado sobre os estudos de abordagem sociolinguística no Amazonas, não se pretende ser exaustivo. Há outros trabalhos de igual importância que embora não tenham sido citados aqui, somam-se a esses na grande relevância que representam para o conhecimento do português do Norte.

Capítulo II

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que norteiam este estudo. Expõe-se a respeito dos princípios teóricos do Sociofuncionalismo, uma convergência de postulados da Sociolinguística e do Funcionalismo Linguístico. Em seguida, busca-se descrever a trajetória da manifestação do gerúndio na língua portuguesa do latim, passando pelo português europeu, até o português brasileiro. Por fim, discorre-se brevemente sobre as perífrases verbais empregadas para expressar a futuridade e, nesse contexto, focalizam-se as perífrases em que ocorre o verbo no gerúndio.

2.1 O sociofuncionalismo: um hibridismo da sociolinguística e do funcionalismo

O Sociofuncionalismo nasce de uma orientação de pesquisa que tem por objetivo analisar e explicar os fenômenos da variação e de mudança linguística. Para isso, conforme explica Tavares (2013, p. 27), “busca articular [...] pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano ou, em sua denominação mais recente, linguística baseada no uso”. Essa teoria tem fundamentado vários estudos que investigam fenômenos variáveis, particularmente entre a variação morfossintática e o processo de mudança por gramaticalização, de acordo com a autora supracitada.

Na exposição desse tópico, serão inicialmente expostos os postulados da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo, para depois discorrer a respeito do Sociofuncionalismo.

Em conformidade com Labov ([1972], 2008, p. 13), considerado por muitos como o precursor da Sociolinguística Variacionista, esta tem por objetivo a análise da “língua tal como

usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Nessa abordagem teórica, Tavares (2013, p. 3) explica que “a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis: os falantes fazem escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou construções”. A autora ressalta que esta assertiva contraria a postura linguística do século passado, representado pelo Estruturalismo, que, em sua base teórica, postulava a língua como um sistema inalterável e homogêneo.

A concepção interacionista e funcional da língua é enfatizada na assertiva de Bakhtin¹ (1929, p. 129 *apud* TORRES, 2009, p. 87), ao enunciar que:

A verdadeira substância de uma língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo fenômeno psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações.

Essa percepção da língua admite que a variação dos usos linguísticos acarreta existência de duas ou mais formas distintas, as quais, em uma dada comunidade de fala e em um dado período de tempo, são usadas para expressar o mesmo significado ou função.

Além da variação e mudança, outro postulado da Sociolinguística é a concepção social de língua, o qual é ressaltado por Calvet (2002, p. 12): “as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Nesse sentido, agrega-se a essa afirmação as palavras de Benveniste² (1989 *apud* TORRES, 2009, p. 88), ao explicitar que:

É dentro da língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente, é pela utilização dessa língua em situações de interações sociais que os indivíduos constroem suas relações com os outros indivíduos e dessa forma também agem sobre o sistema linguístico de que fazem uso de acordo com suas necessidades.

A variação e a mudança linguística, no escopo da Sociolinguística, são compreendidas como um processo inerente às línguas do mundo, desencadeados por fatores que intervêm nos usos linguísticos, conforme explica Torres (2009, p. 90):

¹ BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1990.

² BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1990.

as línguas estão em constante processo de variação e mudança, de forma que todas as línguas do mundo são continuidades históricas das línguas que as antecederam, como as neolatinas em latim. Essas variações podem ser observadas em um plano sincrônico e podem ser relacionadas a diversos fatores. Pessoas de origem geográfica, idade, sexo, escolaridade e profissões diferentes, por exemplo, num determinado período da história da língua, falam de modo diferente, e essa diferença pode ser sistematizada, ou seja, podem ser elucidados fatores de ordem linguística e extralinguística que influenciam a manifestação e manutenção de uma determinada variante em relação a outra.

Na esteira desse pensamento, Tavares (2013, p. 30) afirma que:

Um dos principais objetivos da Sociolinguística Variacionista é a descoberta dos padrões de distribuição das formas variantes, o que permite o mapeamento de possíveis influências de natureza sociocultural, linguística e estilística sobre o emprego variável dessas formas.

Na concepção de Camacho³ (2001 *apud* TORRES, 2009, p. 89):

No enfoque da Sociolinguística Variacionista, o exame da linguagem em contexto social é tão importante para a solução dos problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável e não como mero recurso interdisciplinar. Sendo a linguagem um fenômeno social, expressão mais característica do comportamento social, a Sociolinguística recorre ao contexto social para encontrar respostas para as questões que emergem da variação inerente ao sistema linguístico, já que é impossível separar a linguagem de suas funções sócio-interativas.

Neste sentido, para a Sociolinguística, os falantes de uma mesma língua que compõe uma comunidade linguística não se expressam de forma homogênea, considera ainda que as situações de comunicação exigem do falante a utilização de diferentes formas de se expressar. Por conseguinte, os usos linguísticos estão vinculados aos contextos sociais e, portanto, a escolha por uma ou outra estrutura gramatical é contextual.

O Funcionalismo Linguístico, por sua vez, também busca explicar o processamento da língua a partir dos usos linguísticos, conforme já abordado. Nesta perspectiva teórica, Castilho (2012) explica que:

³ CAMACHO, Roberto Gomes. In: MUSSALIN, Bentes F; Bentes. A. C. *Introdução à Linguística aplicada: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

O funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são então estudadas. Para captar a “situação verbal”, diferentes metodologias são propostas, com grande ênfase na Teoria da Variação. O funcionalismo tem em comum eleger ora o discurso, ora a Semântica como componentes centrais de uma língua, indagando continuamente como a língua funciona nos ambientes. (p. 20)

O autor, na mesma obra, enfatiza que, no âmbito do Funcionalismo, a língua é concebida como:

Um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, ou seja, é a capacidade de sustentar a interação através da linguagem. Assim, as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. O discurso é um macro globalizador dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe.

Para Dik⁴ (1978 *apud* CASTILHO, 2012, p. 21) a língua não é abstrata, pois ela existe em função do seu uso e tem como objetivo estabelecer comunicação entre os usuários. Por isso, a aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa e a sintaxe e a semântica devem ser estudadas dentro de uma proposta pragmática.

Castilho (2012, p. 21) ressalta a postulação central do Funcionalismo. Para ele:

O funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Essas estruturas não são fechadas, pois representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e de intercomunicação. A pesquisa funcionalista, portanto, concentra-se no esclarecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical.

Kenedy & Martellota (2003) destacam que o Funcionalismo Linguístico se caracteriza por uma concepção de que a língua é um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões provenientes das diferentes situações comunicativas, que contribuem para determinação da sua estrutura gramatical. Assim sendo “o principal interesse de uma linguística funcionalista está

⁴ DIK, S. Gramática funcional. Trad. Leocardio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madri: Soc. Gen. Española de Librería, 1978.

nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas”. (DIK⁵, 1989 *apud* KENEDY & MARTELLOTA, 2003, p. 21).

Neste sentido, para o Funcionalismo, a gramática das línguas naturais é um conjunto de escolhas elaboradas pelos usuários. Além disso, esta gramática não é estática, visto que “a língua é uma competência comunicativa, as estruturas linguísticas não são objetos autônomos, a explicação linguística deve ser procurada nos usos linguísticos ou numa percepção pancrônica da língua”. (CASTILHO, 2012, p. 22).

Tendo como base teórica a Sociolinguística Variacionista e o Sociofuncionalismo Linguístico, reúnem-se pontos convergentes existentes entre essas teorias, os quais são relevantes para o estudo em questão, conforme apontados por Tavares, 2003 (*apud* TORRES, RODRIGUES & COAN, 2012, p. 60-61): a) a propriedade atribuída à língua em uso; b) os fenômenos linguísticos investigados são analisados em situação real de sujeitos reais interagindo; c) a concepção de que a língua está sempre mudando; d) a mudança linguística é entendida como contínua e gradual; e) a mudança pode ser observável nos âmbitos linguísticos e social; f) a mudança pode ser observada a partir de dados sincrônicos e diacrônicos; g) o princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem na língua provocando variação e mudança são as mesmas de épocas passadas; h) análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos na língua; i) atenção dada à frequência; j) a afirmação de que há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade em que ocorrem.

Tavares, 2003 (*apud* TORRES, RODRIGUES & COAN, 2012, p. 60-61) propõe uma junção das teorias Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, a qual define de Sociofuncionalismo, na denominação mais recente, linguística baseada no uso.

A respeito do surgimento do termo “sociofuncionalismo”, Neves (1999) explica que ele surgiu no *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL/RJ), como uma nomenclatura para designar as pesquisas que eram norteadas pela Sociolinguística Variacionista e pelo Funcionalismo norte-americano, as quais analisavam o fenômeno da variável linguística numa perspectiva teórica de que o uso variável é definido nos contextos das relações interativas estabelecidas durante a comunicação.

No uso diário da língua, há, por um lado, construções gramaticais que são repetidas, reforçando-se assim sua regularidade e seu caráter fixo, sistemático, o uso conserva a gramática. Por outro lado, tais construções podem ser rearranjadas e remodeladas de modos diferentes, dando origem a construções inovadoras, o uso modifica a gramática (TAVARES, 2003; 2012a).

⁵ Ver Neves 1997.

A autora ressalta ainda, que como as experiências do falante e do ouvinte com a língua são particulares, individuais, e podem ser diferentes em diversos graus, eles precisam se esforçar para se fazer entender e tentar entender também, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções. A partir disso, surgem as mudanças e adaptações feitas durante a interação. E, como tentativa de obtenção de êxito no processo de troca verbal, pode ocorrer o surgimento de novas estratégias para a constituição do discurso que, se frequentemente repetidas, tornam-se rotineiras, tornando-se parte da gramática da língua.

Esse movimento de rotinização gramatical é denominado *Gramaticalização*, caracterizado como processo de regularização gradual pelo qual estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou itens gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto comunicativo (HOPPER, 1987; 1998; e 2011 *apud* TAVARES, 2013, p. 32).

Tavares (2013) assevera que a gramática constitui um processo contínuo, está sempre em movimento, é pressionada pela necessidade de uso do falante, no que tange ao Funcionalismo Linguístico. Nesta perspectiva teórica a variação está presente nos níveis mais profundos de representação gramatical, sendo, portanto, inerente à língua. Assim explica que este é um dos pontos de maior aproximação das duas teorias, uma vez que a Sociolinguística Variacionista pode incorporar pressupostos teórico-metodológicos da Linguística baseada no uso, já que também propõe que a variabilidade é um fenômeno inerente à língua.

Em uma teoria baseada no uso, os estudos quantitativos passam a ser extremamente importantes para a compreensão da amplitude da experiência com a língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1966; 1972), embora destinada à compreensão como ocorre a interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança gramatical. (BYBEE *apud* TAVARES, 2013, p. 33)

Neste contexto, além da questão da variabilidade inerente, existem vários postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Linguística baseada no uso que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados na análise e explicação de fenômenos de variação e de mudança linguística.

2.2 O tratamento do gerúndio: do latim ao português brasileiro

2.2.1 O gerúndio no latim

O gerúndio, segundo Campos (1972), é uma forma particular da língua latina quando é observado a partir do conjunto das línguas indo-europeias, enquanto que outras formas nominais que lhe são próximas, como o gerundivo e o particípio presente, têm uma amplitude maior dentro do conjunto linguístico.

Campos (1972) explica que o latim não possuía flexão do infinitivo, fenômeno que ocorria em outras línguas indo-europeias como o grego, por exemplo. O que existia era um conjunto de formas nominais no latim: o *gerúndio* (forma nominal substantiva, que pertencia à voz ativa e possuía flexão de quatro casos: genitivo, dativo, acusativo e ablativo); o *gerundivo* (forma nominal adjetiva, que pertencia à voz passiva e se flexionava como os adjetivos de primeira classe; o *supino* em *-um* e *-u* (formas nominais de uso menos genérico que o gerúndio e o gerundivo, reservadas para determinadas construções). Dessa forma o gerúndio flexiona os substantivos na forma ativa e o gerundivo flexiona os adjetivos na forma passiva. Observa-se que, para a descrição do latim, os termos *gerúndio* e *gerundivo* apresentam distinções importantes em sua definição, conforme alerta Campos (1972, p. 84):

A diferença fundamental entre o gerúndio e o gerundivo é que este último é usado normalmente quando se tem objeto direto, ficando o primeiro reservado para as construções intransitivas. Esta é a distinção mais simples entre essas duas formas, mas isso não significa que seja constante nem absoluta.

Assim, o gerúndio acontece em construções intransitivas e o gerundivo ocorre com as transitivas. Quanto à distribuição do emprego gerúndio e do gerundivo, nos vários casos de declinação temos o seguinte” (CAMPOS, 1972, p. 384):

a) no genitivo e no ablativo sem preposição, é facultativo o uso de uma ou de outra forma, quando há objeto; não existindo, só se emprega o gerúndio, a exemplo de (1):

(1) “Tum Caesar: Equidem, inquit, Crasse, ita sum cupidus... te... *audiendi*... (Cic., De Or., II, 4, 16)

“Então disse César: na verdade, Crasso, estou tão desejoso *ouvir-te*...” (**gerúndio, genitivo, com objeto**).

b) no acusativo e no ablativo preposicionados, o genitivo precedido por *causa e gratia* e no dativo emprega-se o gerúndio quando o verbo não tem objeto e o gerundivo quando o verbo se constrói com objeto. O exemplo (2) ilustra o uso do gerundivo:

(2) ... quas ego mihi semper *in administranda república* propones animum et mentem mean ipsa cogitatione hominum excellentium conformabam. (ic., Pro Arch, VI, 14)

“... e eu, colocando-os sempre diante de mim ao *administrar a república*, moldava o meu espírito e a minha mente no próprio pensamento destes homens excelentes”). (**gerundivo, ablativo preposicionado, com objeto**)

De acordo com Campos (1972, p. 385),

De todos esses casos do gerúndio e do gerundivo que constituíam a flexão do infinitivo, conservou-se apenas o ablativo do gerúndio, que deixou de ser empregado como uma forma integrante da flexão do infinitivo. E, para preencher esta lacuna, essas mesmas línguas utilizam-se do infinitivo preposicionado.

A autora ressalta que é provável que ele já tenha sido utilizado no latim vulgar, porém é muito difícil comprovar sua extensão, pela escassez de sua ocorrência nos textos antigos. O exemplo (3) ilustra o uso do infinitivo:

(3) “Sufficit enim monacho duas tunicas et duas cuculas hebere propter *luare* ipsas res” ... (Regra de S. bento, 55, p. 600-601).

“Com efeito, basta ao monge ter duas tunicas e duas capas, por causa das noites e para *levá-las*” ...

O ablativo do gerúndio, por ter sido usado mais frequentemente desde a fase mais remota do latim, destacou-se entre os demais. Ribezzo & Weerenbeck (*apud* CAMPOS, 1972, p. 385) concluíram que “este foi seu caso original do qual surgiram os demais”.

No período clássico, o ablativo do gerúndio indicava, normalmente, o meio ou instrumento com que se realizava a ação. Para Campos (1972, p. 385), esse talvez tenha sido seu sentido original, porque é com essa constatação que foi encontrada a maior parte dos exemplos do período arcaico e clássico, como mostram os exemplos (4) e (5):

(4) Tu coniux, tibi faz animum temptare *prencando*.

“Quanto a ti, esposa, podes sondar teu espírito com tuas *súplicas*” (Vg., E., IV, 113).

(5) Ventus enim fit, ubi est *agitando* percitus era (Lucr., R.N., VI, 685)

“Com efeito, o vento se produz, quando o ar foi posto em movimento *por agitação*”.

O participio presente, de igual modo ao passado e ao futuro, é definido como “uma forma adjetiva do verbo, que se refere sempre a um determinado termo da oração ou ainda pode formar construções com o sujeito próprio – ablativo” (CAMPOS, 1972, p. 386). Ele exprime todas as circunstâncias da ação principal, como o tempo, a causa, a concessão, o modo, com exclusão

do meio e do instrumento, que eram restritas do ablativo do gerúndio como se pode perceber nos exemplos (6) e (7):

(6) Igitur vagenses, quo metellus initio iugurtha pacificante praesidium imposuerat... príncipes ciuitatis inter se coniurante... (Sal., Iug., LXI,2).

“Portanto, em Vaga, onde Metelo, no início havia colocado uma guarnição, enquanto Iugurta *tratava* da paz...”.

(7) – At us oculus, sic animus se non uidens alia cernit (Cic., Tus., I, 27, 67).

“– Mas, como olho, assim é a alma, embora não se *vendo*, distingue as outras coisas”.

Campos (1972) esclarece que o participio presente tem uso raro junto a verbos de estado ou de movimento, formando perífrases ou embriões de perífrases como no exemplo (8) registrado do período arcaico e tardio pela autora.

(8) ... ibat (Thamar) ingrediens et clamans (Vulg., 2 R., 13, 19).

“... (Thamar ia *amando e gritando*)”.

A autora salienta, ainda, que a diferença existente entre o ablativo do gerúndio e o participio presente, rígida no período clássico, desfez-se no período tardio, uma vez que o uso de uma forma pela outra se tornou comum, conforme os exemplos (9) e (10).

(9) ... quod ... *in redeundo* cum idem pomerium transiret, auspicari esset oblitus... (Cic., Nat. Deor., II, 4, 11).

“... porque... em *voltando*, como atravessasse o pomério, tinha-se esquecido de tomar os auspícios... (*in redeundo* = *rediens*, gerúndio preposicionado).

(10) ... quae filii Israhel tetigerant *eund vel redeundo* ad montem Dei... (Per. Aeth., p. 45, 10).
“... que os filhos de Israel tocaram *indo* ou *voltando* do monte de Deus...”

Diante do exposto na pesquisa sobre o uso do gerúndio no latim, Campos (1972, p. 388) afirma que “vamos encontrar o gerúndio nas línguas românicas com uma flexibilidade muito maior do que latim clássico”. Isso porque, ainda segundo a autora, o gerúndio adquiriu outras funções, desenvolveu outras já existentes de forma inicial no participio presente, o gerúndio circunstancial, ou até mesmo que nunca pertenceram a esta forma verbal.

Assim, Campos (1972), ao apresentar o uso do gerúndio no latim clássico a partir de textos retirados de obras latinas clássicas, explica a função exercida pelo gerúndio nessa fase e demonstra que, na língua latina, não existia a flexão do infinitivo e, havia, em lugar do infinitivo, três formas nominais: o gerúndio (casos: genitivo, dativo, acusativo e ablativo), o gerundivo e o supino. Dessa forma, a função do gerúndio, no latim, era a de completar a flexão do infinitivo.

2.2.2 O gerúndio no português europeu

Lobo (2001, p. 1) conceitua o gerúndio como “forma verbal tradicionalmente classificada como não finita pelo tema verbal seguido do sufixo –ndo, pode ocorrer em português (europeu) em diferentes contextos sintáticos”, temos por exemplo, o gerúndio em complexos verbais, ou seja, as perífrases, em que o gerúndio pode ocorrer com um verbo auxiliar ou aspectual dos quais podemos citar o ‘estar’, ‘continuar’, ‘vir’ e ‘ir’, com os quais forma uma unidade sintática mais ou menos coesa, como exemplos (11), (12) e (13) apresentados por Lobo (2001).

(11) O Zé *está brincando* no jardim.

(12) A Ana *vem dizendo* há muito tempo que é preciso arranjar o telhado.

(13) O diretor *vai levando* a sua avante.

Outro contexto de ocorrência do gerúndio são as sentenças predicativas, que muitas vezes se assemelham a um predicado secundário e pode ser dividido em gerúndio predicativo do sujeito, alterando o sujeito como nos exemplos (14) e (15), e gerúndio predicativo do objeto, modificador do objeto direto, em construções com verbos perceptivos e também de representação igual às construções com verbo preposicionado no infinitivo, ver exemplos (16) e (17), conforme Lobo (2001) apresenta.

(14) O Zé entrou em casa *cantando*.

(15) Escrevi este poema *pensando* em ti.

(16) O Zé viu o Paulo *cantando*.

(17) João fotografou o Afonso *dormindo* tranquilamente.

Outro exemplo de contexto de ocorrência sintática apresentado por Lobo (2001, p. 2) é o gerúndio em orações adjuntas, o qual pode ser dividido em três tipos:

a) *de predicado ou integradas*, como no exemplo (18) e (19):

(18) Os ladrões arrombaram a porta *usando* um maçarico.

(19) A Ana convenceu o Zé *apresentando-lhes* bons argumentos.

b) *de frase ou perifrástica*, como em (20) e (21);

(20) a. *Tendo chegado* atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila.

b. O Zé encontrou lugar na última fila, *tendo chegado* atrasado.

(21) *Estando* as crianças doentes, não poderemos ir à festa.

c) de posterioridade ou coordenadas.

As últimas, em *c*, têm esta caracterização “por ocorrerem sempre em posição final, serem normalmente interpretadas como posteriores à matriz e não terem uma interpretação semântica de tipo adverbial, sendo antes parafraseáveis por uma oração do tipo coordenado”⁶ ver exemplo (22).

(22) a. Os bandidos escaparam à polícia, *só tendo sido identificados dois dias depois.*

b. Os bandidos escaparam, e *só foram identificados dois dias depois.*

Além destes contextos, Lobo (2001, p. 3) destaca que “o gerúndio pode ocorrer de forma bastante restrita como em circunstâncias de imperativo”, apresentado em (23):

(23) *Andando!*

Outro contexto descrito por Lobo (2001, p. 3) refere-se às gerundivas predicativas e às adjuntas gerundivas. A autora mostra alguns aspectos que distinguem estas orações, assim como as propriedades que diferenciam uma da outra. Lobo (2001) afirma que as gerundivas predicativas se diferenciam das adjuntas porque estão sujeitas ao mesmo tipo de restrições aspectuais, a que estão submetidas na construção de progressividade, ou seja, não é possível ocorrer com predicados estáticos e não pode alternar com a variante padrão *-a + infinitivo* (cf. LOBO, 2001, p. 3) como nos exemplos (24), (25), (26) e (27). Contudo, as adjuntas gerundivas podem ocorrer em qualquer predicado, inclusive nos estáticos como em (28) e (29).

(24) * João está *andando a viver* em paris. (gerúndio em complexos verbais)

(25) * João viu o Zé *estando a viver* em Paris. (gerúndio predicativo do objeto)

(26) * João chegou em casa *estando doente*. (gerúndio predicativo do sujeito)

(27) * O João *estando a viver* em paris! (gerúndio predicativo em oração independente)

(28) O Zé perturbou a reunião *estando constantemente a interromper*. (gerundiva adjunta de predicado / modo)

(29) *Estando a viver* em Paris, o João tem algumas interferências do francês. (gerundiva adjunta de frase).

⁶ *Idem.*

Lobo (2001) ainda faz outra distinção entre as gerundivas e as predicativas, é a alternância na variação do português europeu com (a + infinitivo), como mostrado por ela nos exemplos (30), (31), (32).

(30) Os ladrões estão arrombando (a arrombar) a porta. (gerúndio em complexos verbais com estar)

(31) O João viu os ladrões arrombando (a arrombar) a porta. (gerúndio predicativo do objeto)

(32) O João chegou à casa coxeando (a coxear). (gerúndio predicativo do sujeito)

Para Lobo (2001) a diferença entre as gerundivas de frase e as adjuntas de predicado está no valor semântico típico que lhes são associados e pela condição não marcada. Neste sentido, ao se levar em consideração o primeiro aspecto, Lobo (2001) classifica as gerundivas de frase em quatro tipos:

1) causais

(33) *Havendo* poucas restrições, o atelier fechou.

(34) *Chegando* atrasado, o zé não arranjou lugar sentado.

2) concessivas iniciadas por mesmo e embora

(35) Mesmo *tendo* chegado atrasado, o Zé conseguiu acompanhar a aula.

(36) Mesmo *havendo* poucas inscrições, o atelier não fechará.

3) temporais (tempo não simultâneo)

(37) *Tendo* as crianças adormecido, os pais foram deitar-se.

(38) *Estando* os meninos a dormir, o pai ouviu um estrondo enorme.

4) condicionais

(39) *Saindo* de casa às oito e meia, conseguirás chegar a horas.

(40) *Havendo* poucas inscrições, o atelier fechará.

No que se refere às adjuntas de predicado, expressam os valores:

a) de modo/meio

(41) Os ladrões arrombaram a porta *usando* um martelo.

(42) As andorinhas construíram o ninho juntando pequenos ramos.

b) de condição

(43) Os atletas teriam melhores resultados treinando mais horas por dia.

(44) O Zé teria menos dores ficando deitado.

c) de tempo simultâneo

(45) O Zé encontrou a solução para o problema pensando pela cidade.

(46) O Zé recebeu a notícia estando de férias.

Já o segundo aspecto, o da condição de não marcação, a gerundiva adjunta de frase acontece de forma não marcada característico em posição inicial, como em (47a) e ainda pode ocorrer sem marcação em posição final antecedida por pausa ou rompimento da entoação como no exemplo (47b).

(47) a. *Estando* com febre, o Zé foi à aula.

(47) b. O Zé foi à aula *estando* com febre.

Por outro lado, a gerundiva adjunta de predicado, ocorre geralmente em posição final e sem pausa como mostra o exemplo (48a). Isso não significa que não possam aparecer em posição inicial, mas neste contexto a interpretação é alterada com frequência como em (48b).

(48) a. O João não conseguiu fazer o pudim *batendo as claras em castelo*.

b. *Batendo* as claras em castelo, o João não conseguiu fazer o pudim.

O exemplo *b*, segundo Lobo (2001) tem interpretação diferente do exemplo *a*.

Outro critério que determina a diferença das gerundivas de predicado das de frase, de acordo com Lobo (2001) é o da resposta a interrogativas – QU, escopo da negação matriz. A partir disso, a autora enfatiza que apenas as gerundivas de predicado podem ocorrer em estruturas clivadas como (49) e (50), em respostas a interrogativas -QU como em (51) e (52), em interrogativas ou negativas alternativas como em (53) e (54) e podem aparecer sob o escopo da negação como em (55) e (56).

(49) Foi *arrombando* a porta com um maçarico que os ladrões conseguiram entrar. (modo/meio)

(50) É *juntando* pequenos ramos que os chipanzés constroem os ninhos. (modo)

(51) – Como é que os ladrões entraram em casa?

–*Arrombando* a porta com maçarico.

(52) Quando é que o João encontrou o irmão?

a. – *Passeando* pela baixa.

b. – Quando passeava pela baixa.

(53) Os ladrões arrombaram a porta *batendo* com um martelo ou *usando* um maçarico? (modo/meio)

(54) Os atletas teriam melhores resultados *alimentando-se* melhor ou *treinando* mais horas por dia? (modo/condição)

(55) O Zé não ligou o aparelho *seguindo* as instruções. (ligou de qualquer maneira)

(56) Os chipanzés não constroem os ninhos *esburacando* no solo. (constroem-no *juntando* pequenos ramos (modo/meio))

Lonzi (1991 & Lagunilha 1999 *apud* Lobo, 2001, p. 11) afirmam que “curiosamente, para além das diferenças de comportamento a nível externo, gerundivas de predicado e gerundivas de frase distinguem-se também quanto a uma série de propriedades internas”. Lobo (2001) enfatiza que, isso parece não acontecer com as adverbiais finitas e infinitivas. Pois, “os contrastes entre as gerundivas, por um lado, e finitas e infinitivas, por outro, podem estar de alguma forma relacionados com a ausência de conector nas primeiras *versus* a presenças de conector nas segundas” (LOBO, 2001, p. 11). Desta maneira, pode nas gerundivas de frase haver a inversão do sujeito lexical. Esse sujeito, no português europeu padrão, assim como na língua italiana e na espanhola, aparece sempre em posição pós-verbal ou pós-auxiliar como nos exemplos (57) e (58) “e pode corresponder a um pronome com caso nominativo. Em variedades não padrão do português europeu, a posição pré-verbal também é permitida.

(57) *Tendo* este aluno *desistido*, poderemos abrir mais uma vaga (causa)

(58) Mesmo *sendo* o Zé pouco simpático, a Ana está a pensar convidá-lo. (concessão)

Além disso, há outro fator de bastante relevância que distingue as gerundivas de frase e as de predicado. É que “as primeiras admitem negação própria com mais facilidade do que as últimas”, conforme apontam Guéron & Hoekstra (1995 *apud* LOBO, 2001, p. 12) e é exemplificado em (59) e (60).

(59) Não chegando a horas, terás dificuldades em estacionar. (condição)

(60) Não tendo sido colocada, a Ana começou a enviar currículos para várias empresas. (causa)

Já quanto às gerundivas de predicado, a negação própria acontece com algumas gerundivas, as quais possuem valor modal e se o evento for interpretado como intencional como no exemplo (61),

(61) O Zé irritou o professor não respondendo (deliberadamente) a nenhuma pergunta.

Lobo (2001), ao concluir seu estudo acerca da distinção entre as gerundivas de frase e as de predicado, afirma que as gerundivas de frase admitem facilmente determinações temporais distintas da matriz, como nos exemplos (62) e (63) o que não acontece com as gerundivas de predicado como em (64), (65) e (66):

(62) Recebendo hoje a confirmação, entregar-lhe- ei o documento amanhã. (anterioridade)

- (63) Chegando a tua mãe amanhã, comecei hoje arranjar o quarto. (posterioridade)
- (64) Tendo chegado atrasado, o Zé não arranjou lugar sentado. (causa)
- (65) Tendo os filhos, finalmente, adormecido, os pais puderam descansar. (tempo)
- (66) Mesmo tendo recebido lições extras, o Zé não passou no exame. (concessão)

Diante do exposto, verifica-se que Lobo (2001) mostra que o gerúndio se apresenta, no português falado europeu, de forma bastante dinâmica, sobretudo nos aspectos sintáticos. A autora faz uma descrição da distribuição sintática do gerúndio no português europeu e das suas propriedades sintáticas expressadas por diferentes classes gerundivas. A relevância em mostrar essa descrição também para este estudo é pelo fato de se estabelecer um diálogo da abordagem sobre a funcionalidade do gerúndio no português europeu feita pela autora, com a que se faz no presente estudo em referência. Por isso é importante frisar que ‘construções gerundivas são construções com o emprego de gerúndio’.

2.2.3 O gerúndio no português brasileiro

Nas sessões anteriores, fez-se uma abordagem sobre a forma nominal gerúndio e seu comportamento no latim e no português europeu com o objetivo de mostrar que o gerúndio pode desempenhar várias funções em diversos contextos em uma estrutura sentencial.

No português brasileiro falado, esta forma nominal tem sido objeto de discussão entre os estudiosos da língua, pois está assumindo mais uma função na oralidade, para expressar uma ação futura, o que contraria as regras determinadas em gramáticas tradicionais. Porém, nesse estudo, ao lado das gramáticas tradicionais, o gerúndio no português brasileiro será abordado também na perspectiva de descrições linguísticas, apresentando resultados de pesquisas de uso do gerúndio que mostram a dinamicidade da língua. Para tanto, serão observados os exemplares de Cunha & Cintra (1985), Cunha & Cintra (2013), Cunha, (2015), Castilho & Elias (2012), Bagno (2013) e Perini (2010).

Por muito tempo acreditou-se que saber falar a língua portuguesa era saber as regras prescritas nos compêndios gramaticais. Isto foi e ainda é motivo de grande discussão entre gramáticos e estudiosos da língua como Bagno (2013) e Perini (2010) que afirmam que as gramáticas normativas descrevem regras que não se aplicam, nem alcançam todos os usos possíveis da língua. “Isso se deve a vários fatores, entre os quais o caráter assistemático da

própria Norma Gramatical Brasileira (NGB), assim como sua pobreza conceitual frente a extrema complicação dos fatores” (PERINI, 2010, p. 23). O posicionamento adverso dos linguistas a muitas regras estabelecidas pelas gramáticas tradicionais é por considerarem que a língua é um instrumento de interação social e que, portanto, suas regras não podem ser ditadas por poucos nem impostas aos falantes como algo pronto, estático e desvinculado do seu meio social.

No Brasil existem inúmeras gramáticas que estabelecem normas que servem como base para a “boa fala”, “fala correta”. Contudo, algumas delas parecem resistir em assumir uma nova postura com relação à complexidade das regras linguísticas e passam a ideia de que o conteúdo que as compõem alcança a estrutura completa da língua. Isso contribui para a justificativa da sua não atualização no decorrer dos tempos. Um exemplo disso são as versões de Cunha & Cintra, (1985) e (2013), que apesar dos avanços científicos nos conhecimentos linguísticos que mostram a movimentação, o dinamismo da fala, as gramáticas tradicionais ainda se mostram indiferentes às novas concepções de análise da gramática do português brasileiro.

No que se refere ao tratamento do gerúndio para a forma simples e composta, estes compêndios apresentam a mesma abordagem, até os mesmos exemplos, tanto na versão dos anos oitenta (1985), quanto na mais atual (2013).

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas nominais, uma simples (*lendo*), e uma COMPOSTA (*tendo* ou *havendo lido*). A forma COMPOSTA é de caráter perfeito e indica a ação concluída anteriormente a que exprime o verbo da oração principal (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 479 – 2013, p. 504)

Na sequência, apresentam-se e os exemplos e a descrição das funções do gerúndio em ambas as versões.

(67) Não **tendo conseguido** dormir, fui esquentar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina. (O. Lara Resende, BD, p. 112).

(68) Já o sol, **tendo dado** a volta às maneiras da catedral, vinha muito baixo, por alta resta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesiásticas. (A. Ribeiro, AFPB, 265.)

“(69) Sem que eu soubesse, ela acabava de chegar do Rio, **havendo regressado** às pressas, por causa de complicações políticas. (C. dos Anjos, M, p. 126)”. (**grifo dos autores**)

Cunha & Cintra (1985, 2013) explicam que “A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela. Esse valor temporal do GERÚNDIO depende de sua colocação na frase (p. 479, grifo dos autores).

1.O gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período o GERÚNDIO exprime:

a) Uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal,

(70) **Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores. (A. Herculano, E, p. 180)”

b) Uma ação iniciada antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda contínua,

(71) **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo. (O. Lara Resende, BD) (**grifo dos autores**)

2. O gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa via de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

(72) Maciel ouvia **sorrindo**. (Machado de Assis, OC, II, p. 506) (**grifo dos autores**)

3. O gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

(73) No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo. (L. Jardim, MP, p. 47) (**grifo dos autores**)

4. O gerúndio antecedido da preposição *em*

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal,

(74) **Em se lhe dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade. (Monteiro Lobato, U, p.127) (**grifo dos autores**)

5. Construções Afetivas

O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida.

(75) **Andando, andando**, escureceu-nos (A. Ribeiro, M, p. 137) (**grifo dos autores**)

6. O gerúndio nas locuções verbais

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares ‘estar’, ‘andar’ e ‘ir’ para marcar diferentes aspectos da realização do processo verbal.

a) **Estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso:

Estavam todos dormindo, [...]

Estavam todos deitados,

Dormindo,

Profundamente. (M. Bandeira, PP, I, p. 211) (**grifo dos autores**)

b) **Andar** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado,

(76) **Andei buscando** esse dia pelos humildes caminhos... (C. Meireles, OP, p. 277)

c) **Ir** seguido de gerúndio indica uma ação durativa realizada progressivamente ou por etapas sucessivas:

(77) Vagaroso, o tempo foi passando. (M. Torga, NCM, p. 21)

d) **Vir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos,

(78) **Vinha amanhecendo**, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas. (G. Ramos, AOH, 109) (**grifo dos autores**)

Em Cunha (2015), a funcionalidade da forma nominal gerúndio também continua condicionada às mesmas regras estabelecidas pelas gramáticas tradicionais, de modo que não vai além do aspecto perfectivo e imperfectivo. Como afirma o autor, “de um modo geral, pode se dizer que as perífrases construídas com o *participio* exprimem o aspecto acabado, concluído;

e as construídas com o *infinitivo* ou o *gerúndio* expressam o aspecto inacabado, não concluído. (p. 224)

O autor diz que as formas nominais infinitivo, gerúndio e particípio expressam maior valor aspectual, quando se juntam aos verbos auxiliares.

O verbo ‘estar’ emprega-se com o gerúndio do verbo principal para indicar uma ação durativa como nos exemplos (79) e (80).

(79) ‘*Estou procurando emprego*’.

(80) ‘*Estamos esperando o resultado do concurso*’.

a) O verbo ‘ir’ alia-se ao gerúndio para indicar uma ação que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

(81) ‘*O navio ia encostando*.’ (pouco a pouco)

(82) ‘*Os convidados iam chegando de automóvel*’ (sucessivamente).

b) O ‘vir’ emprega-se com o gerúndio para indicar que a ação se desenvolve gradualmente, compara-se à construção similar de ‘ir’:

(83) ‘*Vinha rompendo a madrugada*’.

(84) ‘*Venho tratando desse assunto*’.

c) O verbo ‘andar’ emprega-se com o gerúndio do verbo principal para indicar uma ação durativa, construção semelhante à de ‘estar’:

(85) ‘*Ando lendo os clássicos*’.

(86) ‘*Andava procurando um livro raro*’.

Por conseguinte, ainda que muitas gramáticas, que ditam as normas de uso da língua portuguesa, persistam em convencer o falante de que a língua que ele fala é como se fosse um patrimônio histórico, o qual precisa ser preservado, os inúmeros estudos sistemáticos da história e da realidade linguística brasileira mostram, por outro lado, que o português contemporâneo segue em uma direção contrária a esta afirmação categórica. Pesquisas precisam ser amplamente difundidas, pois são um valioso fator de renovação e atualização dos instrumentos normativos como os dicionários e gramáticas, que muito timidamente se abrem para os fatos da norma real. Na esteira desse pensamento estão Perini (2010), Castilho & Elias (2012) e Bagno (2013). Estes autores, em suas ‘Gramáticas do Português Brasileiro’, explanam, de forma mais ampliada, sobre o emprego de construções com o gerúndio, mostrando que o uso do gerúndio no português falado contemporâneo vai muito além do seu aspecto de duratividade.

Perini (2010) menciona a forma progressiva, formada por ‘estar + gerúndio’, e diz que uma construção como ‘estou fazendo’ é a maneira normal de relatar um evento simultâneo ao momento da fala. Porém, há também formas progressivas com o verbo ‘estar’ no passado: ‘estive fazendo’ e ‘estava fazendo’ e, no futuro, como ‘eu vou estar fazendo’. Segundo o autor, qualquer forma de ‘estar’, exceto o próprio gerúndio, pode ser base de uma construção progressiva, como em (87), (88) e (89):

(87) ‘Alguns meninos *estavam fazendo* barulho lá fora’.

(88) ‘Eu *estive trabalhando* no meu projeto durante uma semana’.

(89) ‘Quando o dia amanhecer, eu *vou estar dormindo*’.

Essas formas expressam eventos em andamento, seja no presente, no passado ou no futuro.

No que se refere aos verbos auxiliares + o gerúndio, o autor destaca que,

Alguns verbos podem se combinar com o gerúndio, o infinitivo ou o particípio verbal de outro verbo, criando sequências e valencialmente semelhantes a formas verbais simples. [...] *ter*, que é completado pelo particípio verbal *eu tinha comido*; *ir*, que é completado pelo infinitivo: *vou comer*; *estar*, que é completado pelo gerúndio: *estou comendo*. (PERINI, 2010, p. 237-238)

Perini⁷ explica que esses verbos formam os “tempos compostos”, dos quais os formados por ‘ter’ mais ‘particípio’ têm lugar nos paradigmas tradicionais, e os formados de ‘ir’ mais ‘infinitivo’ ou ‘estar’ mais ‘gerúndio’ são geralmente excluídos. Enfatiza que não conhece nenhum motivo para essa diferença de tratamento. Assim:

a) ‘Ter’ ocorre com o particípio verbal formando os tempos passados compostos como nos exemplos (90) e (91):

(90) ‘*Tem chovido* horrores nos últimos dias’.

(91) ‘Essa menina *tem estudado demais*’.

b) ‘Ir’ forma com o infinitivo o futuro composto que se alterna com o presente para exprimir fatos futuros, ou fornece condicional alternativo:

(92) ‘O presidente *vai falar* hoje às nove horas’.

(93) ‘Quando vocês chegarem eu já *tereí terminado/vou ter terminado* meu trabalho’.

⁷ *Ibidem*.

c) ‘Estar’, com o ‘gerúndio’, forma os tempos progressivos, essa construção pode ocorrer não apenas com o estar, mas com o andar, ‘vir’ e ‘ir’.

Castilho & Elias (2012, p. 132-133) parecem mais enfáticos ao tratar do fenômeno linguístico gerúndio, uma vez que contemplam a tendência na fala, no português brasileiro contemporâneo, para expressar uma ação futura, que é a perífrase gerundiva codificada pelo verbo ‘ir + estar + gerúndio’.

Os autores argumentam que “o quadro conjugacional do português brasileiro está sendo alterado, perdendo-se formas simples, substituídas por formas compostas ou perifrásticas” (CASTILHO & ELIAS, 2012, p.133). Eles salientam que os falantes do português brasileiro desenvolveram mais formas perifrásticas do que os falantes de Latim. Acrescentam ainda que talvez se queira, agora, juntar ao presente simples de ‘eu tenho cura’, por exemplo, uma espécie de presente composto ‘eu estou tendo cura’. A forma ‘vou’ atribui tempo futuro ao conjunto ‘eu vou estar tendo cura’, evitando-se o futuro simples em –rei. Os autores não se referem a estas construções como “erro” ou inadequação cometida pelo falante, mas como uma forma inovadora, possível e de conformidade com a sintaxe da língua. No quadro 2, observam-se as perífrases apresentadas por eles.

Aspecto imperfectivo	Estar + gerúndio	Estou falando, estava falando, Estou vendendo, estava vendendo Estou partindo, estava partindo.
	Ir + gerúndio	Vou partindo, vou vendendo, ia partindo etc. vou falando, ia falando etc. , ia vendendo etc.
Perífrases modais	Poder + infinitivo	Posso falar, podia falar etc. Posso vender, Posso partir, podia vender, podia partir,
	Dever + infinitivo	Devo falar, devo vender, devia vender etc. devo partir, devia partir etc.

Quadro 2 - Perífrases Verbais.

Fonte: CASTILHO, (2012, p. 77)

O autor ressalta que as perífrases vão, no português brasileiro, muito além das apresentadas no quadro, pois são muito produtivas. Por exemplo, “pode-se utilizar mais de um verbo auxiliar para criar perífrases complexas tais como: *tinha sido falado, tinha vindo falar, posso estar falando, vou estar enviando*”. (CASTILHO & ELIAS 2012, p. 77)

Nesta perspectiva, também se destaca o emprego do verbo ‘ir’, que está se gramaticalizando, assumindo mais uma função no português contemporâneo falado, que é a expressão de futuridade. Entretanto, esta forma tem sido refutada por muitos defensores da língua homogênea.

Essa forma verbal, a exemplo do que ocorre com o infinitivo alia-se a outros para expressar o tempo futuro formando perífrases, algumas delas com até três verbos: (i) verbo flexionado no futuro do presente + gerúndio; (ii) verbo auxiliar no presente + verbo principal no gerúndio; (iii) verbo auxiliar ou modal + infinitivo + gerúndio. (TORRES, 2009, p. 32).

Esta é a razão para os olhares negativos que recaem sobre o uso do gerúndio, tachado de “gerundismo”, “erro de construção”, “anglicismo”, uso exagerado do gerúndio. No entanto, Possenti (2003) se posiciona diante desta questão afirmando que a ordem dos verbos auxiliares é perfeitamente canônica porque eles vêm sempre antes do principal como em ‘vou sair’. Se houver mais de um auxiliar na mesma construção, haverá ordens permitidas e outras proibidas a exemplo de ‘tenho estado viajando’, mas não ‘*estive tendo viajado’; ‘vou estar saindo’, mas não ‘*estarei indo sair’. Além disso, conforme afirma o autor, cada auxiliar pede que o verbo seguinte tenha uma forma específica, ou seja, não aceita qualquer outra forma do verbo seguinte. Assim, o verbo ‘ir’ pede um infinitivo: ‘vou sair’, mas não ‘*vou saído’. O verbo ‘estar’ pede gerúndio ou particípio: ‘estar dormindo’, ‘estar vestido’, mas não ‘*estar dormir’. Logo, a construção está em conformidade com a sintaxe do português e sua ordem é: ‘ir + estar + -ndo’.

Nesta discussão, Menon (2004 *apud* TORRES, 2009, p. 34) contribui para desfazer a ideia de que o gerúndio implica apenas uma noção progressiva, como é tratado pelas gramáticas tradicionais e afirma que em construções como em (94), (95), (96) e (97):

(94) Amanhã, a essa hora, estaremos tomando sol na praia

(95) Amanhã, a essa hora, estaremos mergulhando no mar; e as construções

(96) Amanhã, a essa hora, vamos estar tomando sol na praia;

(97) Amanhã, a essa hora, vamos estar mergulhando no mar.

A autora mostra que a diferença nestas construções é o uso da forma do verbo auxiliar que expressa o futuro, e o gerúndio continua sendo gerúndio. Então, para Menon (2004), ainda que se atribua uma interpretação progressiva a (i) e (iii), já que tomar sol pode implicar períodos de tempo mais ou menos longos, não se pode fazer isso em (ii) e (iv), pois nestes exemplos a

interpretação é interativa, ou semelfactivo⁸, se for apenas um mergulho para explorar a superfície do mar.

Então, diante de tais discussões,

É preciso esclarecer que nem todas as construções em que o gerúndio se alia para expressar tempo, seja ele, presente, passado ou futuro, podem ser consideradas gerundismo. Se tratássemos todas as construções gerundivas como gerundismo, teríamos de considerá-las como uma variante de uma variável, o que definitivamente não é. O gerúndio pode aliar-se a outro verbo para expressar diferentes tempos e modos em português brasileiro e acrescenta a essas construções nuances aspectuais diferentes. (TORRES, 2009, p. 37)

Por isso, o pesquisador explica que em situações como: ‘Eu estava correndo das 8 às 10 da manhã de ontem’, há uma situação anterior ao momento de fala, uma expressão de tempo passado, que tem como verbo principal uma forma no gerúndio, a qual expressa uma circunstância durativa e terminada no passado; em ‘Estou estudando’, o gerúndio explicita uma situação concomitante ao momento da fala, que expressa duratividade e situação não acabada no presente; em ‘Amanhã estou viajando para Curitiba’, há uma situação posterior ao momento da fala, uma expressão de futuro, também durativa, mas não começada. Torres (2009) ressalta ainda que estas construções são antigas na língua, no entanto, são variáveis de variantes de variáveis distintas, expressam passado, presente e futuro, respectivamente e não sofrem estigmas.

Possenti (2003) também segue esta mesma linha de pensamento. Para ele, nem todos os verbos são durativos, evidentemente: ‘enviar’, ‘providenciar’, ‘decidir’ são eventos semelfactivos, um único evento. Comrie (1976) distingue, no entanto, eventos desse tipo que ocorrem repetidas vezes em sequência (iterativos). Por conseguinte, se o aspecto dos verbos não for considerado, dificilmente se entenderá por que um caso de “gerundismo” pode ser normal e outro não.

Do mesmo modo, Bagno (2013), parte do ponto de vista de que “não é o gerúndio que está sendo cada vez mais usado, mas sim os verbos auxiliares que se acumulam diante do gerúndio” (p. 289) e afirma que, nessas construções com auxiliares múltiplos, o gerúndio está onde sempre esteve na língua e o que, de fato, causa estranheza ou até repúdio por parte dos puristas é o emprego de diversos auxiliares como são os exemplos dados pelo autor.

⁸ São eventos semelfactivos. Um único evento. Comrie (1976) distingue, no entanto, eventos desse tipo que acontecem uma única vez (semelfactivos) e ainda eventos desse tipo que ocorrem repetidas vezes em sequência (iterativos). Revista do GEL, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 116-138, 2010. p. 116

- (98) ‘Estou assistindo TV’.
 (99) ‘Vou estar assistindo TV’.
 (100) ‘Posso estar assistindo TV’.
 (101) ‘Vou poder estar assistindo TV’.

Na concepção de Bagno (2013), o que causa reação negativa por parte de muitos falantes e principalmente por gramáticos tradicionalistas são as circunstâncias em que o emprego de construções com o gerúndio, que indicam aspecto durativo, são usadas para expressar ações pontuais como os exemplos apresentados no quadro 3.

Ações não Pontuais	Ações Pontuais
O senhor <i>pode estar experimentando</i> o casaco, se quiser.	O senhor <i>pode experimentar</i> o casaco, se quiser.
A Berenice já já <i>vai estar atendendo</i> a senhora	A Berenice já já <i>vai atender</i> a senhora.
Microsoft <i>pode estar comprando</i> Skyp por US\$ 7, 5 bilhões.	Microsoft <i>pode comprar</i> Skyp por US\$ 7, 5 bilhões.
Sou educadora social na área da informática e cidadania. Penso com este blog <i>poder estar experimentando e aprendendo</i> várias possibilidades no uso do blog para fins educacionais, e desta forma <i>poder estar compartilhando</i> estas experiências com quem precisar delas.	Penso com este blog <i>poder experimentar e aprender...</i> e desta forma <i>poder compartilhar...</i>
O curso teve início hoje (30), onde de 43 inscritos, apenas 29 pessoas serão selecionadas para <i>poder estar preenchendo</i> as vagas da brigada Ambiental do Prevfogo.	29 pessoas serão selecionadas para <i>preencher</i> as vagas da Brigada Ambiental.

Quadro 3 – Ações Verbais Pontuais e não Pontuais.
Fonte: Elaboração Própria.

Nestes contextos, o autor evidencia que o uso do infinitivo é o mais adequado em virtude da semântica do verbo, uma vez que um verbo como ‘enviar’, por exemplo, denota uma ação que se faz de uma só vez, pode ser considerada pontual ou semelfactivo (pontual e atético), que não apresentam um ponto de encerramento como os verbos ‘solucionar’ e ‘tossir’. Logo, não se pode ‘estar enviando um e-mail’ para alguém, porque basta dar um clique no mouse para que isso seja feito. Smith (1991)⁹ inclui uma quinta classe, a dos semelfactivos, a qual apresenta eventos instantâneos e que não apresentam um ponto de encerramento pré-estabelecido, ou eventos instantâneos e atéticos como em “soluçar”, “tossir”, “bater à porta”.

Outra conjuntura que tem olhares negativos a respeito do uso da perífrase gerundiva, destacada por Bagno (2013), é a insistente utilização dessas construções em uma única

⁹ http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10731/10731_4.PDF.

conversa, principalmente quando o contexto de interação é o comercial, em que um(a) vendedor(a) atende ao cliente e, ao tentar ser polido(a), emprega todos os verbos no aspecto durativo como nos exemplos apresentados por ele no quadro 4:

O Sr. *pode estar provando* a roupa ali... enquanto isso eu *vou estar procurando* a calça que o senhor me pediu, e *vou estar trazendo* para o senhor experimentar, qualquer coisa o senhor *pode estar me chamando*...

Quadro 4 – Gerundismo
Fonte: Elaboração Própria

Neste caso, Fiorin (*apud* VARGAS, 2011, p. 46) explica que:

Quando uma forma linguística atende a uma necessidade de comunicação, ela se difunde. Eis o caso do gerundismo. Os operadores de telemarketing descobriram que era útil. Porque soa como uma forma polida de falar, tal como o futuro do pretérito é usado por quem quer ser gentil, e dá uma ideia de descompromisso, de desobrigação: “vou estar enviando” não é tão afirmativo quanto “vou enviar”.

Este pensamento está em conformidade com Bagno (2013, p. 180) ao afirmar que a consequência disso “é precisamente a reestruturação da gramática/ressignificação do léxico por meio do discurso, ancorado na semântica e acionado pela pragmática”. O autor destaca também que a língua vai se distanciando do que é para se tornar algo novo em um processo que pode levar séculos e às vezes até milênios para se completar. E, somente para ser reiniciado pelos falantes, que ativam novamente os mesmos processos cognitivos, em um ciclo ininterrupto. Diante disso, muitas mudanças ocorrem na língua, algumas se firmam de tal maneira que se tornam elementos comuns, que não despertam atenção. Outras causam estranheza e são combatidas, às vezes, até de forma extremamente preconceituosa, como no caso da perífrase ‘ir’ + estar + gerúndio, na expressão de futuridade.

Isso acontece porque, de acordo com Martellota,

Os falantes são sensíveis às mudanças que ocorrem em sua língua, quando observamos que eles fazem, ou deixam de fazer uso de uma determinada expressão por ela ser típica da fala de pessoas mais velhas ou de falantes mais jovens. Notamos a consciência dos usuários no que concerne à mudança da língua quando percebemos o “desconfortamento” de alguns falantes em relação aos usos novos, que se desenvolvem contrariamente às normas gramaticais, como é o caso do chamado *gerundismo*, ou seja, *o uso frequente do gerúndio em funções não previstas em seu valor tradicional*, que se desenvolveram recentemente. Vemos esse caso em frases do tipo: *Vamos estar mandando a mercadoria amanhã* ou *Eu gostaria de estar falando com o senhor Paulo, por favor*. Esses fatos indicam que os usuários da língua têm consciência dos movimentos de mudança e variação que a caracterizam – pelo menos

daqueles que se manifestam dentro de seu tempo de vida, sendo a eles perceptíveis. (2011, p. 38, grifo nosso).

Para Bagno (2013, p. 163), “a língua não é uma entidade autônoma, que pode ser estudada sem considerar os falantes e suas interações sociocomunicativas. Não há língua sem falantes, ela só existe em uso, em forma de discurso”. Na concepção do autor, a gramática da língua se forma a partir da utilização que os falantes fazem dos recursos linguísticos que estão a sua disposição no sistema. E, quando esses recursos não atendem mais sua necessidade de comunicação, os falantes criam outros, geralmente, “através de reestruturações, ressignificações, reinterpretações e reanálises dos discursos já existentes. Gramática e discurso estão em íntima conexão, e um já traz dentro de si os germes ou a semente do outro”¹⁰.

Por conseguinte, todas estas explicações acerca da funcionalidade deste fenômeno chamado gerúndio desde o seu comportamento no Latim (Campos 1972), no Português Europeu (Lobo 2001), até a discussão sobre a influência dos resultados dos estudos linguísticos concernentes ao português brasileiro contemporâneo nas gramáticas, remetem à ideia de que os usos das formas verbais e suas respectivas marcas de subjetividade, de temporalidade e de aspectualidade são verdadeiras operações de produção e de sentido, que envolvem sujeitos situados nas mais variadas circunstâncias de interação social. Esta abordagem é relevante, uma vez que este estudo é ancorado no Sociofuncionalismo, que busca verificar a inserção da perífrase codificada pelo verbo ‘ir’ + estar + gerúndio como expressão de futuro na diversidade do português do manauara.

No próximo tópico faz-se referência à produtividade das perífrases no português brasileiro para expressar futuridade, apresentadas a partir de constatações de inúmeras pesquisas realizadas. Entre essas perífrases se encontram as de gerúndio, conforme exposto.

2.3 As perífrases verbais na expressão do tempo futuro: do latim ao português brasileiro contemporâneo

O surgimento de perífrases verbais na história de diferentes línguas revela a dinamicidade de inovação e renovação contínua. A existência simultânea de formas perifrásticas e sintéticas relacionadas à expressão da futuridade, historicamente comprovadas na evolução das línguas

¹⁰ *Ibidem.*

românicas, por exemplo, evidencia esse processo dinâmico, que tem sido considerado, muitas vezes, um padrão cíclico de formas sintéticas e analíticas que se intercalam: formas sintéticas – formas perifrásticas – formas sintéticas (FLEISCHMAN¹¹, 1982 *apud* CINTRA, 2008).

Nunes (2003) aponta o processo evolutivo da língua, demonstrando o surgimento da forma sintética. O autor expõe que:

O processo evolutivo não cessou mais e, no campo da morfologia, o que era um verbo absoluto passou a constituir uma forma contracta (*habeo – hei*) que não se estagnaria como uma forma independente. O verbo, que antes concentrava a noção de futuridade seria aglutinado ao verbo da locução (*cantarei*), formando assim uma nova flexão de futuro, a de forma simples. (p. 17)

Na transição do futuro latino das línguas românicas, esse padrão cíclico de síntese de uma forma perifrástica inicial e substituição por uma forma perifrástica inovadora representa o que Castilho (1997 *apud* CINTRA, 2008) denomina “continuidade da inovação”. Assim, muitos verbos auxiliares se morfologizam e são substituídos por outros, desencadeando um processo de competição entre diferentes formas, que embora concorrentes, apresentam diferenças funcionais que permitem apontar implicações discursivas relacionadas a seus usos.

Torres (2009) mostra a conjugação do verbo ‘amar’, no tempo futuro em latim, que era, exceto no caso do futuro perfeito de voz passiva, codificado por uma forma simples em ambas as vozes. Ao adicionar ao tema – ‘ama’ a desinência modo-temporal –*b* e a de número-pessoal –*o* chega-se a ‘amabo’, traduzido por ‘amarei’, em português.

LATIM	CORRESPONDENTE EM PORTUGÊS
Amabo	Amarei
Amabis	Amará
Amabit	Amarás
Amabimus	Amaremos
Amabitis	Amareis
Amabunt	Amarão

Quadro 5 - Futuro Imperfeito na Voz Ativa.
Fonte: Torres (2009), p. 21

LATIM	CORRESPONDENTE EM PORTUGÊS
Amabor	Serei amado
Amaberis ou amabere	Serás amado
Amabitur	Será amado
Amabimur	Seremos amados
Amabinini	Sereis amados

¹¹ FLEISCHMAN, Suzanne. *The future in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1982.

Amabuntur	Serão amados
-----------	--------------

Quadro 6 - Futuro Imperfeito na Voz Passiva.

Fonte: Torres (2009), p. 21

LATIM	CORRESPONDENTE EM PORTUGÊS
Amavero	terei amado
Amaveris	terás amado
Amaverit	terá amado
Amaverimus	teremos amados
Amaveritis	tereis amados
Amaverinti	terão amado

Quadro 7 - Futuro Perfeito ou Anterior de Voz Ativa

Fonte: Torres (2009), p. 21

LATIM	CORRESPONDENTE EM PORTUGÊS
Amatus, -a um –erro	terei sido amado
Amatus, -a um eris	terás sido amado
Amatus, -a um eriti	terá sido amado
Amati, ae, -a erimus	teremos sido amados
Amati, ae -a eritis	tereis sido amados
Amati, ae -a erunt	terão sido amado

Quadro 8 - Futuro Perfeito de Voz Passiva

Fonte: Torres (2009), p. 22

Torres (2009) explica:

Mas essa tradução corresponde apenas ao plano do conteúdo, uma vez que a forma *amabo*, caso tivesse evoluído para o português teria resultado em *amavo* com a mudança do *b* intervocálico para *v*, que é a regra normal de evolução do latim para o português conforme se verifica, em *amava* proveniente de *amabam*; em *fava* de *faba* (*m*), em *cavalo* de *cabal* (*um*). (p. 23)

Então, o futuro sintético do português ‘amarei’ não se originou da forma simples ‘amabo’ mas, sim, da combinação do infinitivo ‘amare’ com o presente do indicativo do verbo ‘hebere’. Para Câmara Junior (1985 *apud* TORRES, 2009) a forma composta pelo verbo ‘hebere’, flexionado no presente e mais verbo principal no infinitivo, empregada inicialmente com valor deôntico (*amare habeo* = devo amar, hei de amar) passou a expressar um valor de futuro puro a partir do século IV. Ele afirma ainda que por volta do século XII, a forma uniu-se ao verbo principal como em: ‘amare habeo’ – século IV – ‘amare hei’ – ‘amarei’ – século XII. “A perífrase com o auxiliar *hebere* foi produtiva na formação do futuro sintético nas línguas românicas ‘eu amarei’ (português), ‘j’ aimerrai’ (francês), ‘yo amaré’ (espanhol), ‘io amare’ (italiano)” (TORRES, 2009, p. 24).

Mercer (2011) complementa que a disseminação do novo futuro sintético no mundo românico não se deveu apenas à origem latina comum das línguas em que se implantou, mas também à influência cultural que sobre elas exerceram o francês e o provençal durante a Idade Média. Isso porque a língua emana do povo. Portanto, ela é dinâmica e a pressão social é que leva a processos de variações e mudanças no decorrer dos tempos em seus mais diversos aspectos, fonológico, morfológico, semântico, sintático, entre outros.

Nos dias atuais, a forma sintética de futuro consagrada tradicionalmente passa por declínio e, ao mesmo tempo, surgem novas formas, como a codificada pelo verbo ‘ir + infinitivo’ que está em ascensão tanto na fala quanto na escrita. “Essas duas formas coexistem atualmente na fala dos brasileiros, assim como no passado coexistiram no latim a forma sintética de prestígio de desinência em *-bo* ou em *-am* e a perífrase do latim vulgar “infinitivo + habeo” (NUNES, 2003, p. 17).

No português brasileiro contemporâneo, as pesquisas apontam, dentro da perspectiva de uso do falante, a variações para expressar o futuro. Dentre os estudos realizados estão: Tafner (2004), Alves (2012), Oliveira (2006), Cintra, (2008), Cintra (2011) e Torres (2009).

Tafner (2004) verificou a expressão do tempo verbal futuro em textos transcritos de fala oriunda das sessões plenárias da Assembleia Legislativa dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesta amostra, a pesquisadora encontrou as formas de expressão da futuridade: o futuro sintético (-rei); vou -R (presente + infinitivo); e estar + gerúndio. Os resultados destacam o futuro sintético em relação a outras formas, por ter um uso bastante frequente na fala de pessoas consideradas cultas e em ambiente que exige formalidade no modo de expressão, como nas sessões das casas legislativas dos estados mencionados.

Alves (2012) analisou dados de uso da língua, originados de *corpus* de linguagem falada e apresenta a variação entre duas formas de expressar a futuridade: ‘ir + infinitivo’ e o ‘futuro sintético’ baseado na perspectiva funcionalista e na Teoria da Variação e Mudança, buscando identificar os fatores linguísticos e sociais influenciadores no uso dessas variantes. Os resultados mostraram que grupos de fatores como a) o tipo de situação a que o falante se refere; b) ocorrência da forma em construção verbal maior; c) tipo de futuro quanto à determinação e d) tipo de inquiritos são relevantes na variação das formas.

Oliveira (2006), ao estudar a expressão do futuro verbal na norma culta brasileira, utilizada por pessoas com nível superior completo, nas modalidades falada e escrita, em Salvador e Rio de Janeiro, mostra, a partir de dados recolhidos nas décadas de 70 e 90 do século XX, o processo de auxiliarização do verbo ‘ir’ na formação do futuro perifrástico e apresenta seis formas de variantes desta expressão: a) forma de futuro simples ‘No próximo mês *viajarei*

para o exterior.’; b) a forma de presente ‘No próximo mês *viajo* para o exterior’; c) a forma perifrástica com o verbo IR no presente+ infinitivo ‘No próximo mês *vou viajar* para o exterior’; d) a forma perifrástica com o verbo IR no futuro + infinitivo ‘No próximo mês *irei viajar* para o exterior; d) a forma perifrástica com o verbo haver no presente + de + infinitivo ‘No próximo mês *hei de viajar* para o exterior.’; e) a forma perifrástica com o verbo haver no ‘futuro + de + infinitivo’ ‘No próximo mês *haverei de viajar* para o exterior’.

Na ótica de Oliveira (2006), estes resultados mostram que a expressão do futuro verbal, ao longo de sua história da língua portuguesa, sempre foi um fenômeno linguístico variável. Outros fatores relevantes evidenciados pela pesquisadora referem-se ao processo de ‘Gramaticalização’ da forma perifrástica com o verbo ‘ir + infinitivo’ que, segundo ela, teve origem no século XIV e, no século XVI, iniciou-se o processo de auxiliarização do ‘ir’, como indicador de futuro, o qual ganhou espaço no sistema linguístico no século XIX e, no século XX, superou as outras variantes na língua falada.

Oliveira (2006) também elaborou um estudo em tempo real de longa duração do uso do futuro considerando apenas os dados de língua escrita formal e revelou que o futuro simples, desde o século XIII, é a variante mais utilizada. E até o século XIX, sua maior concorrente foi a forma perifrástica com o ‘haver de + infinitivo’. Já no século XX, inicia-se a disputa entre as formas ‘haver de + infinitivo’ e ‘ir + infinitivo’. A disputa entre ‘ir + infinitivo’ e ‘futuro sintético’ se dá no século XX.

Já o estudo em tempo real de curta duração, no qual a pesquisadora confrontou os dados da fala e de escrita dos anos 70 e dos anos 90 do século XX, mostrou uma inversão parcial nas duas modalidades de língua, uma vez que há predominância do futuro simples na escrita e, na fala, a predominância é da forma perifrástica ‘ir + infinitivo’. (OLIVEIRA, *et al.*, 2006)

No que tange ao estudo de tendência para a língua escrita, Oliveira (2006) constatou que, embora o futuro simples continue a sobressair na escrita, a perífrase com ‘ir + infinitivo’, da década de 70 para a de 90, atingiu outros contextos que antes favoreciam o futuro simples, ainda que seja minoritária. Por fim, na fala, tanto em uma sincronia como na outra, tem como variante predominante o futuro com ‘ir + infinitivo’. Portanto, os resultados revelam uma mudança em progresso quase concluída.

Cintra (2008) investigou os tipos de textos que são prováveis à emergência da perífrase verbal ‘ir’ (presente) + estar + gerúndio, levando em consideração a sua materialização no desenvolvimento do tópico do discurso e também o uso crescente dessa forma perifrástica como indício de inovação linguística no português brasileiro falado na contemporaneidade relacionadas à expressão de futuridade.

O universo de investigação teve como base as entrevistas do banco de dados IBORUNA (UNESP-SJRP). Nesta investigação de Cintra (2008) os resultados revelam que a perífrase com os verbos 'ir' (presente) + (es) ta (r) + gerúndio tende a se atualizar em textos marcados pelo caráter opinativo do interlocutor, principalmente aqueles predominantemente dissertativos (relatos de opinião), em que o falante avalia, conceitua, expõe ideias para dar a conhecer. Constatou ainda que um dos momentos mais comuns em que a perífrase se atualiza é no fecho do tópico discursivo, o que, nos dados analisados, está relacionado a uma atitude comprometida do interlocutor em seu dizer.

Santos (2008) analisou a expressão de futuro verbal no português brasileiro contemporâneo. Estudou de maneira específica as formas de futuro simples (enviarei), futuro perifrástico (vou enviar), presente (envio), e as formas com gerúndio (estarei enviando e vou estar enviando) estas últimas caracterizadas como gerundismo. A interpretação da pesquisadora acerca da alternância das outras formas de futuro e o gerundismo (Eu vou tá ligando pro motoqueiro, exemplo da autora) é a de que há uma significação aspectual do verbo principal da perífrase de modo que “ocorre uma “tensão” entre o aspecto durativo presente na composição de estar + gerúndio e a falta dessa ideia de duração do verbo” (SANTOS, 2008, p. 94). A análise apontou uma forte tendência na fala do uso da estrutura 'ir + estar + gerúndio' (cf. capítulo 4, p. 69).

Torres (2009), em sua pesquisa, estudou a variação do tempo futuro no português falado em Fortaleza codificado por perífrases verbais com gerúndio, a partir de dados de fala de informantes de três diferentes áreas de atuação, coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas: professores, vendedores e operadores de telemarketing

As perífrases gerundivas, segundo Torres (2009) codificam, sem dúvida, o tempo futuro, de maneira que descrevem eventos no momento da fala e expressam o aspecto durativo. Para análise, estas perífrases foram divididas por Torres (2009) em variantes binárias, representadas por:

1-Tempo Futuro Iminente (TFI)

Essa subvariante é caracterizada pela ocorrência do verbo *continuar* (no presente) juntamente com outro verbo no gerúndio ou por um verbo modal ou auxiliar + continuar (infinitivo) + gerúndio. Assim, sistematizada:

- a) Continuar (presente) + verbo gerúndio – *futuro iminente perifrástico simples*.

(102) Com certeza muita gente mesmo muita gente confia na igreja e creio eu que *CONTINUA MOLDANDO* a sociedade sim. (corpus Torres, 2009, p. 209)

b) Auxiliar ou modal + continuar (infinitivo) + gerúndio – *futuro iminente perifrástico estendido*.

(102) Mas que já existia já existia sempre existiu e *VAI CONTINUAR EXISTINDO*. (corpus Torres, 2009, p. 109)

2 - Tempo Futuro Médio (TFM)

Esta subvariante comporta à sua forma o que se chama de gerundismo e pode também ser simplificada em variantes binárias. Compreende os casos de verbos em que a perífrase envolve os verbos ‘estar’ e ‘ir’ como auxiliares flexionados no presente e qualquer outro verbo no gerúndio.

a) Estar/ir (presente) + gerúndio – *futuro médio perifrástico simples*.

(103) Vai acontecer sim eu creio que *VAI DIMINUINDO* o gelo né da parte fria e vai aumentar o nível do mar. (corpus Torres, 2009, p. 109)

b) Verbo auxiliar modal (presente) + (infinitivo) + gerúndio – *futuro médio perifrástico estendido*.

Compreende de forma mais ampla as ocorrências, situações em que o verbo da primeira posição pode ser um auxiliar ou modal, o da segunda posição qualquer verbo no infinitivo (desde que não configure futuro iminente ou futuro resultativo) e o da terceira um verbo no gerúndio.

(104) Eu acho que no futuro vai ser mais liberado isso porque afinal a igreja *VAI TA LUTANDO* de qualquer maneira né. (corpus Torres, 2009, p. 110)

3- Tempo Futuro Resultativo (TFR)

Esta subvariante apresenta o futuro sob o ponto de vista do término do evento durativo caracterizando-se pela ocorrência dos verbos terminar e acabar (presente) + gerúndio ou pela ocorrência de um verbo auxiliar ou modal na primeira posição (presente), terminar ou acabar na segunda posição (infinitivo) e qualquer outro verbo no gerúndio, conforme se apresenta a sistematização:

a) Terminar/acabar (presente) + gerúndio - futuro resultativo – *perifrástico simples*.

(105) Se a providência divina não vier antes a gente *ACABA DANDO* conta do resto e *DESTRUINDO* tudo. (*corpus* Torres, 2009, 110)

b) Auxiliar ou modal (presente) + terminar/acabar (infinitivo) + gerúndio – *futuro resultativo perifrástico estendido*.

(106) Eu acho que vai ficar pior sabe eu acho que as pessoas *VÃO ACABAR FAZENDO*. (*corpus* Torres, 2009, 110)

Da análise das subvariáveis, Torres (2009) apresenta os seguintes resultados: a frequência de ocorrência do ‘futuro iminente perifrástico’ comparado ao ‘futuro médio’ e ‘resultativo’ teve baixa frequência. Segundo o autor, possivelmente, devido ao seu comportamento peculiar de expressar eventos futuros, que têm como base uma realidade concreta, o que é raro na realização linguística.

Quanto ao ‘futuro médio perifrástico’ os resultados apontaram que o uso da variante ‘futuro médio perifrástico estendido’ em oposição ao ‘futuro médio simples’ é favorecida: a) por fator sexo masculino; b) pela presença de uma marca de tempo para garantir uma interpretação de tempo futuro; c) por operadores de telemarketing, neutralizado por vendedores e inibido por professores. Os resultados do pesquisador mostram que a utilização das perífrases gerundivas entre elas o gerundismo, não são exclusividade dos operadores de telemarketing.

Sobre a perífrase denominada de ‘gerundismo’, favorecem o uso desta construção: a) os verbos modais; b) os operadores de telemarketing são favorecedores da frequência de uso de gerundismo em oposição a não gerundismo e mostram-se como os profissionais que mais utilizam as perífrases mais complexas com três verbos.

Os resultados dos estudos do pesquisador confirmam que o fenômeno estudado é influenciado por fatores de uma natureza distinta: fatores sociais como o sexo e a profissão dos falantes e fatores linguísticos como o tipo do verbo (verbos auxiliares ou modais) e a presença de uma marca de tempo futuro.

Essas novas formas de construções para expressar o futuro evidenciam o movimento da língua desde os primórdios. Esse movimento, comprovado por inúmeros estudos linguísticos, que vão desde o nascimento das línguas até os dias atuais mostram que a língua é viva e, claro, acompanha a evolução do mundo. Logo, muitas formas linguísticas surgem, ressurgem, coexistem, competem entre si, pressionadas pela força da sociedade, seja econômica, cultural ou tecnologia dentre outras. Os novos olhares sobre este fenômeno da expressão de futuro são justamente pelo fato de que a língua é como “um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se

detém em seu curso [...], por estar em movimento se renova incessantemente” (BAGNO, 2013, p. 83).

Capítulo III

CONTEXTO VARIÁVEL DAS PERÍFRASES DE GERÚNDIO E FATORES DE ANÁLISE

Dentre os vários objetivos dos estudos linguísticos que são firmados na teoria Sociolinguística Variacionista está o da relevância de explicitar a variação linguística com base nos fatores linguísticos e sociais, porque “a base do conhecimento intersubjetivo da linguística tem de ser controlada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008, p. 14) para tentar esclarecer em que circunstâncias os fatores linguísticos e sociais podem ser favorecedores ou inibidores de determinada variante. Isso, considerando a concepção de que a língua não é desordenada, nem caótica.

Portanto, como a base deste estudo está no Sociofuncionalismo que resulta da articulação de postulados da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo, é pertinente apontar um arcabouço teórico acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados para a confirmação das hipóteses levantadas para a análise do objeto de estudo. Com base em Torres (2009), será apresentada uma abordagem sobre os aspectos linguísticos que são relevantes para a análise do objeto de estudo desta pesquisa, a construção codificada pelos verbos ‘i’ presente + ‘estar’ (infinitivo) + gerúndio, na expressão de futuro na diversidade do português do manauara.

3.1 A escolha da variável

Conforme Torres (2009), o gerúndio pode combinar-se com outros verbos para expressar diferentes tempos e modos no português brasileiro, acrescentando noções aspectuais distintas como em: ‘Eu estava correndo das 8 às 10 da manhã de ontem’. Neste evento há uma situação anterior ao momento da fala, uma expressão de tempo passado, que tem como verbo principal o gerúndio, o que expressa uma ação durativa e acabada no passado; em ‘Estou estudando o gerúndio’, existe uma situação concomitante ao momento da fala, que expressa duratividade e

situação não acabada no presente; em ‘Amanhã estou viajando para Curitiba’, há uma situação posterior ao momento da fala, uma expressão de futuro igualmente durativa, porém não começada. Tais construções são antigas na língua e não sofrem estigmas, e são variáveis que expressam passado, presente e futuro. Também, há no português brasileiro, no caso da expressão do futuro, formas perifrásticas construídas com três verbos: ‘auxiliar ou modal + infinitivo + gerúndio’ “O emprego dessas construções têm sido alardeados por mitos e radicado o preconceito linguístico e são justamente essas construções as chamadas indiscriminadamente de gerundismo” (TORRES, 2009, p. 37).

Torres (2009) examina as perífrases gerundivas sob quatro aspectos: a forma, a natureza temporal, o aspecto e a modalidade. O autor aponta que, na codificação de tempo futuro, as construções gerundivas podem ser encontradas em português brasileiro contemporâneo nas seguintes formas: (op. cit)

- a) ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (O grande P. C. *vai estar conversando* com a gente!);
- b) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (eu *posso estar marcando* a consulta outro dia);
- c) ir (presente) + qualquer verbo (infinitivo) + gerúndio (*vamos continuar tentando* para que o senhor possa receber sua encomenda em casa);
- d) modal (presente) + qualquer verbo (infinitivo) + gerúndio (se você não se prevenir, você *pode acabar se contaminando*);
- e) estar (futuro do presente) + gerúndio (*estaremos marcando* a nova data das provas);
- f) estar (presente) + gerúndio (*estou pedindo* o relatório na semana que vem).

Ele explica que as construções supracitadas são diferentes quanto à forma. As construções (e) e (f), por exemplo, não podem ser consideradas *gerundismo*. Menon (2004 *apud* TORRES, 2009) argumenta que essas construções como em (e) são antigas na língua e (f) é uma forma de presente com função de tempo futuro. Logo, seu uso não causa estranhamento, já que essa possibilidade de codificação, que emprega o presente pelo futuro, é gramaticalmente prevista. Cunha (2013, p. 507) esclarece que ‘estar’ + gerúndio’ indica ação durativa e ‘ir’ + gerúndio’ indica ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas”. Sendo assim, essa construção é uma forma de presente e está em acordo com a gramática normativa quando expressa tempo futuro. Por isso, elas não são percebidas como construções novas, nem sofrem estigma, como as construções com três verbos.

No que se refere ao aspecto e modalidade, para Torres (2009), as construções com três verbos são aparentemente semelhantes quanto à forma, pois os verbos que aparecem na primeira e segunda posições podem expressar outras funções, como nuances modais diferentes. De acordo com o autor, isso se deve a dois fatores; (i) o verbo que preenche a primeira posição pode ser um mero auxiliar ‘ir’ ou um verbo modal ‘poder’, ‘dever’, ‘querer’ entre outros; (ii) o

verbo que preenche a segunda posição pode ser ‘estar’, o que é importante para a caracterização de *gerundismo* ou outro verbo no infinitivo que pode emprestar à construção nuances aspectuais diferentes como telicidade, duratividade, pontualidade, interatividade, entre outras como nos exemplos: (107), (108), (109), (110).

(107) *Eu vou acabar jantando mais cedo hoje!* (telicidade)

(108) *Eu vou continuar estudando o gerúndio.* (duratividade)

(109) *Eu vou acabar chegando exatamente às 10 horas, mais cedo que pensava.* (pontualidade)

(110) *Eu vou ficar trocando as flores do vaso a cada meia hora.* (interatividade)

A explicação dada pelo autor supracitado é que ao se levar em consideração a observação (i) – verbo na primeira posição pode ser o auxiliar ‘ir’ ou um modal –, essas construções, mesmo sendo iguais quanto ao número de verbos, ou seja, apresentam três verbos, e mantendo o mesmo significado referencial, o que permite analisá-las como uma variante de uma mesma variável, elas não se assemelham em todos os sentidos. Suas diferenças devem ser evidenciadas, visto que se mudar o verbo modal, ter-se-á modalidades diferentes:

a) epistêmica (no sentido de possibilidade):

(111) *João deve estar entregando o relatório amanhã.*

b) deôntica (no sentido de obrigação):

(112) *Você deve estar pagando a fatura ainda hoje.*

Para Torres (2009) essas diferenças não são suficientes para se afirmar o que configura de fato o *gerundismo*, observando apenas o tipo de verbo da primeira posição: ‘auxiliar’ ou ‘modal’.

Quanto à observação (ii) – o verbo que preenche a segunda posição pode ser ‘estar’, ou outro verbo no infinitivo –, Torres (2009) afirma que as diferenças entre uma construção e outra podem ser mais perceptíveis a ponto de não se tratar todas as construções deste tipo como *gerundismo*. O verbo que aparece na segunda posição, por ser um verbo de aspecto imperfectivo, mesmo que acrescido de nuances aspectuais diferentes, telicidade, por exemplo, pode ser mais adequado a uma construção durativa, como são as construções com gerúndio, a que se costuma chamar “de bom uso do gerúndio” como nos exemplos (113), (114).

(113) Se eu jogar, vou acabar ganhando.

(114) Se eu jogar, vou continuar ganhando.

As diferenças entre essas construções, segundo Torres (2009), estabelecem-se pela forma e pelas nuances aspectuais expressas. Os exemplos (113) e (114) codificam o tempo futuro

diferentemente, como um futuro ‘resultativo’ e como um futuro já ‘começado’ respectivamente. O verbo ‘acabar’ não expressa uma duração, aponta para um determinado fim o evento expresso pelo gerúndio, ganhando ou emprestando à perífrase um caráter de aspecto resultativo. Nesse caso, a perífrase, vista em sua inteireza, pode ser dividida em fases: início, meio e fim, o que parece ser suficiente para considerar a construção (113) como adequada, em que a nuance aspectual do verbo no infinitivo não é incompatível com a duratividade expressa no gerúndio. Essa construção, por exemplo, seria menos propensa a estigmas.

Já o verbo ‘continuar’ expressa uma ação durativa, também dividida em três fases, mas não se pode identificar seu início e seu fim, é uma ação durativa por excelência. Conforme Torres (2009), dificilmente a construção (114) seria estigmatizada e caracterizada como *gerundismo*. O autor salienta ainda que, em se tratando dos casos em que a segunda posição é o verbo ‘estar’, um verbo de estado permanente, ‘estar’ funciona como auxiliar e enfatiza a noção aspectual do outro verbo da perífrase. Esse traço é relevante para caracterizar o gerundismo, uma vez que são justamente as construções gerundivas com ‘estar’ as mais estigmatizadas. Ao se considerar os exemplos (115) e (116).

(115) *Eu vou ficar chutando a bola.*

(116) *Eu vou estar chutando a bola.*

Percebe-se que essas construções tem o mesmo verbo no gerúndio, o verbo chutar, considerando um verbo tipicamente de aspecto pontual, no entanto, não há dúvida quanto à duratividade expressa nas construções. Na construção (115), o verbo ‘ficar’ ainda que seja um verbo de estado, indica manutenção do estado, pois empresta à perífrase um caráter iterativo, o que, segundo Torres (2009), permite inferir que o falante do enunciado (116) chutará a bola por tempo indeterminado. Porém, não se pode afirmar o mesmo na construção (117), em que ‘estar’ enfatiza a noção aspectual pontualidade. Causando estranheza o fato de a perífrase com um verbo pontual no gerúndio expressar duratividade, pois, neste caso, o aspecto durativo está descartado. Da mesma forma acontece com as perífrases dos seguintes exemplos.

(117a) *Eu vou estar enviando os convites.*

(117b) *Eu vou ficar enviando os convites.*

(117c) *Eu vou estar transferindo cem reais para sua conta.*

(117d) *Eu vou ficar transferindo cem reais para sua conta.*

‘Enviar’ é um processo único, sem distinção de fases, no entanto quando aparece em construções como (117b), identifica-se iteratividade, repetições do processo, compatível com a

duratividade expressa pelo gerúndio. Do mesmo modo, ‘transferir’ (dinheiro) é um processo único, cuja repetição do processo só pode ser evidenciada pela perífrase em (117d), o que se pode entender que o falante desse enunciado fará transferências indefinidamente, até que esgote o saldo. Torres (2009) argumenta que essa interpretação seria forçada, caso fosse atribuída ao significado de (117d), a menos que se acrescentassem expressões como ‘várias vezes’, ‘por dez vezes’, ‘indefinidamente’. Então seria preciso adicionar advérbios ou expressões que dessem a ideia de repetição, porque se condicionassem expressões ou que transmitissem a ideia de duração, continuaria a interpretação de um evento único como nos exemplos (117a) e (117c).

(117a) *Eu vou estar enviando os convites (por trinta minutos, por meia hora, a tarde inteira etc)*

(117c) *Eu vou estar transferindo cem reais (por trinta minutos, por meia hora, a tarde inteira etc)*

Torres (2009) destaca que o que soaria estranho nas construções (117a) e (117c) seria o fato de que o falante desses enunciados precisa de muito tempo para realizar uma ação que pode ser feita em poucos minutos, considerando que uma interpretação iterativa seria, ainda, muito forçada. ‘Ficar’, por si próprio, expressa a noção de aspecto iterativo, ‘estar’ necessita de expressões adverbiais adicionais para expressar essa mesma noção. Logo, se o futuro possui um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, conforme explica Fiorin (1996 *apud* TORRES, 2009, p. 43), no caso das expressões gerundivas, essa avaliação tem de ficar muito mais evidente, caso se queira estabelecer uma verdade mais provável, como no exemplo (118).

(118) *Amanhã, com certeza, vai estar chovendo.*

No exemplo (118), Torres (2009) afirma que esse estado de coisa só será um fato verdadeiro se levarmos em consideração o contexto em que o enunciado foi produzido (período de chuvas, baseado nas previsões meteorológicas, no conhecimento do clima do local e etc.). Assim, o exemplo citado não pode ser confundido com gerundismo, pois ele expressa tempo futuro e uma modalidade mais provável, que é aceita pelos falantes, não depende da forma verbal usada para expressar o futuro, mas da expressão ‘com certeza’ e não poderia ser confundido com uma promessa ou com um estado de coisas possível. Torres (2009) salienta também que se deve considerar a natureza temporal do exemplo (118), que também contribui para o mesmo ser excluído dos casos de *gerundismo*.

Outro fator relevante discutido por Torres (2009) concernente às construções com gerúndio é relativo à natureza temporal das construções gerundivas. Considerem-se os exemplos (119), (120) e (121).

(119) *Quando você chegar, eu já vou estar dormindo.*

(120) *Amanhã, João vai estar viajando.*

(121) *Amanhã, João vai confirmar que, na semana que vem, ele vai estar viajando.*

De acordo com o autor, nenhuma dessas construções poderia ser tratada como *gerundismo*, visto que o aspecto expresso pelas perífrases com gerúndio mantém a natureza durativa do gerúndio nos três exemplos. No exemplo (119) há uma ação durativa futura concomitante a outra.

(119) [Quando você chegar] [eu já vou estar dormindo]

Isto vale também para o exemplo (120), no qual o advérbio ‘amanhã’ engloba toda a ação expressa pela construção com gerúndio.

(120) [Amanhã, (João vai estar viajando)]

Já no exemplo (121), é a oração ‘na semana que vem’ que engloba a construção com gerúndio.

(121) [Na semana que vem (ele vai estar viajando)]

Segundo o autor supracitado, em todos os exemplos há uma condição que permite a expressão de duratividade. Dessa forma, se se substituísse a perífrase por uma forma simples, essa noção aspectual não mais poderia ser expressa pela forma verbal substituída, mas por advérbios. Já no exemplo (119), dificilmente se poderia expressar duratividade por uma forma simples, mesmo com auxílio dos advérbios.

(119.1) *Quando você chegar, eu já dormirei (há horas) (?)*

(119.2) *Quando você chegar, eu já durmo (há muito tempo) (?)*

Nos exemplos (120) e (121), seriam necessários advérbios para marcar a duratividade, caso se substituísse a perífrase por uma forma simples.

(120) *Amanhã, João viajará (o dia inteiro).*

(121) *Na semana que vem (João viajará a semana inteira).*

A partir desta discussão, Torres (2009) apresenta as seguintes definições para o *gerundismo* considerado como forma de uso inovador e sujeita a estigmas.

(i) o *gerundismo* é tipicamente uma construção com três verbos;

(ii) das construções com três verbos só podem ser consideradas gerundismo aquelas em que o verbo da segunda posição é o verbo ‘estar’ funcionando como auxiliar;

(iii) o gerundismo expressa um estado de coisas possível, uma modalidade não factual. É uma modalidade que não expressa certeza, ou possibilidade de um determinado fato ocorrer; tempo futuro imediato;

(iv) o gerundismo, como variante da codificação de tempo futuro ocorre posteriormente ao momento da fala e ao momento de referência ou a qualquer outra expressão de futuridade, mas nunca é cotemporal ao momento de referência.

(122) Então se as informações não forem verídicas não repasse senão você VAI ESTAR FAZENDO parte deste terrorismo na cidade.

Assim, as detalhadas e esclarecedoras explicações que Torres (2009) oferece a respeito das construções com gerúndio orientam o estabelecimento da variável em estudo, considerando os critérios de forma, natureza temporal, aspecto e modalidade.

Portanto, se considerará *Gerundismo*, quando o evento ocorrer posteriormente ao momento da fala e como *Não gerundismo*, quando o evento ocorrer cotemporal ao momento da fala.

(123) Então tá bom amanhã quando tu me liga eu já VÔ TÁ DORMINDO então um chero.

Assim, parte-se do princípio de que a variável *Não Gerundismo* está em concordância com a gramática normativa e a variável *Gerundismo* está em discordância o padrão culto da língua.

Outro ponto relevante a ser considerado, neste estudo, para afirmar a perífrase (ir) + (es)ta(r) + gerúndio como expressão de futuridade são as marcas de tempo futuro.

3.2 As marcas de tempo futuro

As línguas humanas dispõem de certa abundância de instrumentos linguísticos (como advérbios, flexões verbais, etc.) e uma série de unidade de medida de tempo (ano, mês, dia, hora, minutos, segundos) de forma que sempre há como determinar o tempo cronológico (doravante Tempo) com a exatidão desejável quer pelos instrumentos de medição de tempo, quer pelos meios flexionais e lexicais que dispõem a língua (TORRES, 2009, p. 67).

Assim, a marcação de tempo em uma língua presume a relação entre tempo e os tempos verbais que o exprimem a partir da divisão do tempo em passado, presente e futuro. Em línguas como o inglês e o chinês, por exemplo, dispõem de expressões diferentes (*time, zeit*) para Tempo e tempos verbais (*tense, tempus*), respectivamente (TORRES, 2009). Ainda que apareçam nas línguas de forma diferenciadas estas expressões têm sua importância e seu significado.

Neste sentido, prescinde a necessidade de marcação de tempo decorrentes da comunicação. Como nos exemplos (123) e (124):

(123) *Amanhã, pela manhã, exatamente às dez horas, enviarei um e-mail a minha orientadora.*

(124) *De minha casa, precisamente de meu quarto, do meu computador pessoal, enviarei um e-mail a minha orientadora.*

No enunciado (123), expressa-se, de forma clara, uma ação futura, de maneira que mesmo sem a ocorrência de advérbios na sentença não prejudicaria o seu sentido quanto à futuridade do evento. Ao passo que no exemplo (124) a junção dos advérbios, ainda que estejam em acordo com a norma linguística, causam certa estranheza, devido ao acúmulo de advérbios na sentença.

Conforme Enç (1996 *apud* TORRES, 2009), os advérbios e expressões que firmam de alguma forma o tempo, não pertencem à categoria do tempo, aceitando-se, por exemplo, que perfectividade e progressividade são aspectos e não tempo, mesmo que expressem de alguma forma uma interpretação temporal, o que remete à afirmação de que a propriedade semântica dessas expressões, ainda que levando em conta uma interpretação temporal, não é suficiente para identificá-las como tempo.

No caso da perífrase ‘ir + infinitivo’, a pesquisa de Santos (2012) evidencia um favorecimento da forma perifrástica em contexto com ausência de outro constituinte de valor temporal. De acordo com o autor,

Isso se explica para evitar a duplicidade da marcação temporal de futuro, pois o auxiliar, na perífrase de futuro, faz essa marcação. Por outro lado, o contexto com <Presença de outro constituinte de valor temporal> [...] desfavorece a forma perifrástica de futuro, abrindo o espaço para o uso do presente, forma não marcada morfológicamente, que necessita, por isso, de marcação fora do verbo. (SANTOS, 2012, p. 95)

Santos (2012) ressalta que o verbo ‘ir’ no presente, mesmo sozinho, sem qualquer outro elemento designador de futuro, indica futuridade. O autor expõe que:

O verbo 'ir', é interpretado como indicador de futuro em suas formas do presente do indicativo, é interpretado como indicando futuro. Para indicar presente é necessária a ancoragem de um sintagma ou oração adverbial como *sempre, todos os dias*. (p. 97)

As construções perifrásticas com três verbos, especificamente as codificadas por 'auxiliar/modal + infinitivo + gerúndio' como indicadoras de tempo futuro vêm se mostrando bastante produtivas. Esta atestação foi feita por Torres (2009) em seu estudo sobre as perífrases gerundivas. O autor confirmou que o fator 'presença da marca de futuro fora do verbo' favorece o uso das perífrases com três verbos. Por conseguinte, será verificado nesta análise o fator marca ou ausência de marcas de tempo futuro como favorecedor ou inibidor da ocorrência da perífrase *gerundiva 'ir' + (es)ta(r) + gerúndio* na diversidade do português de Manaus.

Considerando que não há possibilidade de se tratar das combinações verbais fora do tempo expresso pelo verbo, a sessão seguinte aborda o tempo verbal na perspectiva de Torres (2009), o qual referencia o tempo verbal a partir de três pontos: o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento de referência (MR).

3.3 O tempo verbal

Reichenbach¹² (1947, *apud* TORRES, 2009) diz que os estudos sobre a categoria de tempo giram em torno de três pontos para que se possa fazer uma interpretação linear do tempo, que são: o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento de referência (MR). O sistema de retas foi usado pelo autor para representar os tempos verbais, o que permite localizar a situação expressa pelo verbo como em:

(125) *Escreverei meu testamento*
MF/MR → ME *escreverei*

O autor afirma que essa sequência não é absoluta, uma vez que o momento de referência pode aparecer em correferencial ao momento da fala como nos exemplos (126), e posterior a ele, como em (127):

(126) *Amanhã, direi aos meus sobrinhos que escreverei o testamento*
MF → MR *amanhã direi* → ME *escreverei*

¹² REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York. Macmillan Company, 1947.

(127) *Amanhã, escreverei meu testamento*
MF MR/MF *amanhã/escreverei* →

Em se tratando das construções com o gerúndio para expressar o futuro, pode ocorrer o mesmo como nos exemplos (128), (129) e (130):

(128) *Quando você chegar, eu vou estar dormindo*
MF MR/ME →

(129) *Amanhã, vou estar viajando*
MF MR ME →

(130) *Vou continuar apostando na loteria*
MF/MR/ME *vou continuar apostando* →

Na perspectiva de Reichenbach (*apud* TORRES, 2009) o momento da fala é o fator central de referência para que se localize os três tempos: passado, presente e futuro, denominados também de tempos verbais absolutos, que lhes são concomitantes, antepostos ou pospostos. De conformidade com Fleischman (1982, *apud* TORRES, 2009) o momento da fala é aquele que é produzido no momento em questão, no agora, no momento, e serve como ponto zero para o conteúdo proposto na sentença e pode ou não coincidir com o momento de referência (MR). O momento de referência é uma espécie de cenário temporal em relação ao qual uma situação pode ser localizada. O momento do evento é aquele ponto cuja localização, na linha do tempo, pode ser especificada em relação ao MR e ao MF. Ainda segundo Fleischman (1982, *apud* TORRES, 2009), nos tempos compostos absolutos, o MR coincide com o MF, posto que nos tempos relativos o MR funciona como um suplente para o MF e estabelece por ele mesmo a base para a sequência de eventos.

Na concepção de Comrie¹³ (1990 *apud* TORRES, 2009), o ‘tempo absoluto’ é um termo tradicional, um pouco enganoso, para se referir a tempos que tomam o momento presente como dêitico. É enganoso porque é impossível uma referência de tempo absoluto, uma vez que uma situação de tempo é relativa a outras que são estabelecidas como ponto de referência de tempo e o momento presente é apenas um entre uma infinidade de pontos que podem ser escolhidos como referência de tempo, mesmo que desempenhe papel principal na definição de tempos nas línguas humanas. Nesta perspectiva, Comrie (1990) define tempo absoluto como aquele em que uma situação é localizada antes, depois ou no momento presente.

Quanto ao tempo relativo, Comrie (1990 *apud* TORRES, 2009) refere-se àquele em que o ponto de referência para a localização de uma ação é algum ponto dado pelo contexto e não

¹³ COMRIE, Bernad. Aspect 3ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

necessariamente pelo momento presente. Portanto, para Comrie (1990), tempo relativo é aquele em que uma situação é localizada antes, depois ou simultaneamente ao ponto de referência dado pelo contexto como no exemplo (129) apresentado por Torres (2009).

(131) *'Que espécie de tecnologia você imagina no futuro?'*

Resposta: Os carros voando.

A explicação para esta situação é que a forma nominal 'voando' codifica claramente o tempo futuro, mas esse tempo é relativo, pois só pode ser identificado como tal se considerarmos a pergunta *que espécie de tecnologia você imagina no futuro?* O que implica uma construção no futuro.

Os tempos verbais absolutos são definidos como aqueles em que uma situação descrita por uma forma verbal pode ser localizada antes ou depois de um momento de referência. São assim chamados porque seus significados combinam localização de tempo absoluto de um ponto de referência com um ponto de localização de tempo relativo de uma situação. Os tempos absolutos relativos são determinados por ter um ponto de referência antes ou depois ao momento de fala e a situação sendo localizada antes ou depois desse ponto. Um ponto de referência que coincide com um momento de fala simplesmente dá uma referência de tempo absoluto, não uma referência de tempo absoluto relativo. (TORRES, 2009, p. 71)

Assim, em tempos verbais como o 'pretérito mais que perfeito', por exemplo, essa noção é muito clara, de modo que o primeiro já identifica a situação no passado, o 'pretérito perfeito', e depois identifica outra circunstância de passado em relação a esse passado, o 'mais que perfeito'. No entanto, quando a questão é tempo futuro, que é o caso deste estudo, é possível identificar uma situação futura acabada em relação a outra, como no exemplo (130).

(131) *Quando você voltar, já terei terminado a pesquisa.*

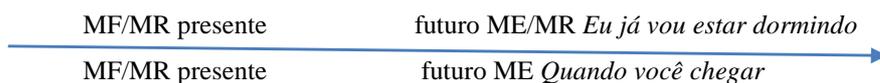
MF/MR1 ME/MR2 *quando você voltar* ME1 *terei concluído* →

São possíveis também situações de dupla referência, em que parte da situação descrita no futuro tem como referência o momento de fala e a outra parte tem como referência outra situação no futuro como no exemplo (132):

(132) *Quando você chegar, eu já vou estar dormindo.*

Torres (2009) explica que a sentença 'Quando você chegar' tem como referência o momento de fala, pois pode ser localizado a partir dele, é uma situação de tempo futuro e 'Eu

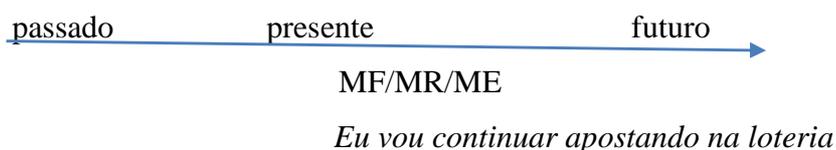
já vou estar dormindo’ toma o momento de fala como referência e toma ainda a outra situação de futuro como referência. Diante disso, o autor esclarece que há dupla referência, já que, parte do significado dessa situação pode ser encontrado no momento de fala e outra parte em um ponto de referência localizado depois dele. Enfatiza também uma característica dessa construção, que é o fato de não poder ser localizada como totalmente posterior a outra situação de futuro que serve de referência, pois a situação ‘Eu já vou estar dormindo’ inicia-se antes, realiza-se durante e depois da situação ‘Quando você chegar’.



No diagrama do tempo, o tempo futuro pode descrever uma situação localizada à direita do momento de fala. Entretanto, quando se fala de tempo futuro em perífrases gerundivas, de acordo com Torres (2009), essa situação pode ou não incorporar o momento de fala, o que dá margem para o distanciamento temporal do tempo futuro em relação ao presente como no exemplo (133).

(133) *Eu vou continuar apostando na loteria.*

O exemplo mostra uma situação de tempo futuro que incorpora o momento de fala, pressupõe que o sujeito jogava antes, joga e continuará jogando, conforme é apresentada na reta:



Esta abordagem é relevante para os estudos sobre a categoria de tempo e auxiliará na interpretação da noção do tempo absoluto e relativo, expressa nas estruturas constituídas com gerúndio, especificamente na perífrase considerada como novo fenômeno na fala do português brasileiro, a construção ‘ir + estar + gerúndio’, usada para expressar uma ação futura. São teorias pertinentes a serem consideradas na análise do objeto de estudo, tanto quanto a Teoria do Aspecto Verbal, que será abordada no próximo tópico.

3.4 O aspecto verbal

Este tópicó tratará da categoria Aspecto Verbal, definição de seu conceito na perspectiva de estudiosos que discutem esta categoria como qualquer outra propriedade linguística, na tentativa de esclarecer o comportamento da dinamicidade da fala nos seus mais variados contextos.

Um dos pioneiros no estudo desta categoria no português brasileiro é o linguista Ataliba Castilho. Em seu estudo sobre o aspecto verbal na língua portuguesa, dá definições a respeito desta categoria linguística e discute sobre a sua composição semântica na língua portuguesa.

Para Castilho (1968) o conceito de verbo pode ser dimensionado de maneiras distintas por meio das categorias verbais, classificados em: aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número.

A função dessas categorias é atualizar o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a ele atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas, assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito, falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, assunto) e quantidade dessas entidades (número). (p. 2)

Castilho (1968) destaca que as primeiras categorias não são exclusivas e podem ocorrer simultaneamente na mesma forma. Neste contexto Bechara (2004, p. 210) corrobora e assume que, “no português há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a “pessoa” do “número” nem o “tempo” do “modo”, isto ocorre em grande parte senão totalmente, com o ‘tempo e o “aspecto””.

O aspecto é definido por Castilho, (1968, p. 14) como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento”. De acordo com ele, o aspecto se caracteriza não apenas pelo sentido do verbo, mas também pela influência de elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipos de oração. Defende também que o aspecto é responsável por expressar a ideia mais concreta e objetiva que o tempo, além de ser mais ligado à noção de processo. Assim, o linguista afirma ser o aspecto a categoria verbal mais antiga, seja por expressar uma ideia mais concreta e objetiva que a de tempo, seja, por principalmente, estar mais ligado à noção de processo.

Castilho (1968) estabelece valores fundamentais correspondentes aos quatro aspectos, que segundo ele, são principais na língua. Como se apresenta no quadro (9):

VALOR	ASPECTO
Duração	Perfectivo
Complemento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

Quadro 9 – Valores Aspectuais.
Fonte: Castilho (1968, p. 49)

Assim, de acordo com Castilho (1968), na ‘duração’, se reconhecem os primeiros momentos, prevendo a continuidade do processo, denominado de ‘perfectivo inceptivo’. Pode haver também, na duração, o não reconhecimento do início e nem do final do processo, ou seja, a ação em pleno desenvolvimento, demonstrado pelo ‘perfectivo incurso’. Além destes, outro fator que pode ser percebido na duração é o término da ação, o aspecto ‘imperfectivo’ ‘terminativo’.

Ao se referir à noção de ‘Complemento’ Castilho (1968) afirma que esta característica do *aspecto perfectivo* remete de forma precisa à noção de começo e fim do processo, separados por um curto espaço de tempo pouco relevante. Essas sutilezas resultantes do período do tempo levam a uma subdivisão do aspecto perfectivo em três partes: o perfectivo ‘pontual’, ‘resultativo’, e o ‘cessativo’. O primeiro é por excelência pontual, o segundo indica o resultado consequente da ação e o terceiro depreende-se da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente. Castilho (1968) postula ainda que a ação repetida leva ao aspecto iterativo, que, segundo ele, é um verdadeiro coletivo de ações, sejam elas durativas (aspecto iterativo imperfectivo), sejam pontuais (aspecto iterativo perfectivo). Além destes, Castilho (1968, p. 50) ressalta que “o português conta com um tipo de aspecto que se caracteriza por não ser nem perfectivo nem imperfectivo, e por isso o chamamos de indeterminado. Além de avesso à expressão de aspecto é o também ao tempo”.

O linguista faz uma esquematização do aspecto no português em linhas gerais, mas ressalva que esta linearidade não constitui um mecanismo absoluto, categórico, pois “a língua é o produto de um equilíbrio instável em que a tradição e a evolução se digladiam” (p. 50)

VALORES	ASPECTOS	
1 Duração	<i>Imperfectivo</i>	Inceptivo Cursivo Terminativo
2 Complemento	<i>Perfectivo</i>	Pontual Resultativo Cessativo

3 Repetição	<i>Repetição</i>	Iterativo Imperfectivo Iterativo Perfectivo
4 Negação da Duração e do Complemento	Indeterminado	

Quadro 10 – Aspectos Verbais do Português.

Fonte: Castilho (1968, p. 51)

As reflexões e análises do autor levam à inferência de que “o aspecto na língua portuguesa é maiormente representado pelo sentido próprio de verbo, pela flexão temporal, pelos adjuntos adverbiais e pelos tipos oracionais”. (CASTILHO, 1968, p. 55). Desta análise, depreende-se, de acordo com o autor, que o aspecto é uma categoria de natureza léxico-sintática.

Outro ponto importante destacado por Castilho (1968) é a respeito da importância do semantema dos verbos, e classifica-os de Têlicos e Atêlicos. Estes configuram o processo em sua duração da qual não se exige complemento para admitir-lhe sua existência como: ‘mastigar’, ‘viver’, ‘escrever’, ‘acompanhar’, ‘dormir’, ‘andar’, ‘atuar’, ‘aumentar’, ‘chover’, ‘contemplar’, ‘escutar’, ‘pensar’, ‘rir’, etc. e aqueles que expressam ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá: ‘matar’, ‘morrer’, ‘cair’, ‘atirar’, ‘descobrir’, ‘iluminar’, ‘mergulhar’, ‘rejeitar’, etc., postula, então, que essa classificação semântica dos verbos tem uma predisposição geral, salvo se houver mudança de classe, seja em função da flexão, ou em razão dos adjuntos adverbiais e dos complementos. “Entre outras vantagens, a consideração do semantema permite que se explique a presença de diferentes noções aspectuais em casos formalmente dêiticos” (CASTILHO, 1968, p. 57)

Castilho (1968) assinala também que a flexão do tempo é determinante na indicação do aspecto, no momento em que ela consegue ladear a tendência aspectual do semantema atribuindo-lhe um valor diferente. Logo, estas categorias de tempo e de aspecto não são dissociadas, ou exclusas, mas, sim, coexistem na mesma forma.

Em Castilho (2014, p. 417), apresenta-se como definição de aspecto “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender”. Nas palavras do autor:

O *aspecto*, que encerra o radical indoeuropeu **spek*, “ver”, capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista do estado de coisas” [...] o aspecto é uma das gramaticalizações da categoria VISÃO. É como se o falante tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, esperando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba (iii) o que se repete. (p. 417)

O autor argumenta que os aspectos imperfeito, perfectivo e iterativo são o resultado da ação cognitiva do falante, pois no português, o aspecto não possui morfologia própria, de modo que para sistematizar sua significação aspectual, o falante precisa combinar vários recursos linguísticos. Castilho (2014) assinala que a combinação dos recursos linguísticos passou por três fases históricas:

(1) Uma fase léxico-semântica, durante a qual foram identificadas as classes acionais semântico-aspectuais do verbo, ou classes acionais. Esta perspectiva atribui à semântica do radical verbal as noções aspectuais apuradas. Observações de Diez (1876), (1883), Belo (1883), Jespersen (1924/1971), Bull (1960) e ainda os comentários de Sten (1953) e Garey (1957) situam-se nesta perspectiva.

(2) Uma fase semântico-sintática, ou composicional, durante a qual se examina o aspecto como resultante da combinação das classes acionais (i) com a flexão e os verbos auxiliares, (ii) com os argumentos do verbo e os adjuntos adverbiais, aqui incluídas as sentenças condicionais-temporais. Nesta perspectiva, o aspecto passa a ser encarado mais claramente como uma propriedade da predicação. Os trabalhos de Castilho (1968a), Verkuyl (1972), Dietrich (1973), Comrie (1976), Almeida (1973/1980), Travaglia (1981), Soares (1987) e Ilari (1998), entre outros, situam-se nesta fase.

(3) Uma fase discursiva, em que se investigam as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos assim constituídos: Hopper (1979a), (1979b), Hopper/Thompson (1980). (CASTILHO, 2014, p. 418)

O autor fundamenta-se nestas fases para descrever as opções que o falante do português brasileiro tem ao sistematizar o aspecto. De acordo com Castilho (2014), o falante precisa, de três momentos para codificar o aspecto:

(1) Escolher um item no léxico marcado pela classe acional requerida por sua necessidade expressiva; (2) confirmar ou alterar a classe acional, por meio de recursos morfológicos e sintáticos; (3) acomodar o aspecto assim configurando na articulação discursiva. Tudo isso acontece simultaneamente. (CASTILHO, 2014, p. 418)

Neste sentido, utilizando a teoria de Bühler (1934/1961), o qual fez uma divisão dos campos linguísticos em simbólico e dêitico, Castilho (2014) estabelece uma diferença entre aspecto e tempo. Segundo ele, ainda que estes possam se manifestar como propriedades da predicação, o autor propõe que “o aspecto integra o campo simbólico, e o tempo, o campo dêitico” (p. 418).

Assim, para Castilho (2014, p. 418) o tempo “é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anterioridade, simultaneidade e a posterioridade”. Além disso, só se pode compreender as divisões do tempo quando se toma como ponto de referência o falante. E, depende ainda, da noção de intervalo ou de duração entre um e outro ponto. Já o aspecto, porém, “não depende,

como o tempo, da postulação de conceitos como o intervalo de e de inserção do ponto primário na linha do tempo [...] essa categoria tem autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica” (p. 2014).

Castilho (2014) destaca que essas categorias linguísticas, aspecto e tempo, foram bastante discutidas entre estudiosos como Lemos (1987), Castilho (1969a), Comrie (1976:5), Lyons (1977/1984II:705). Porém, quem postulou com mais clareza a distinção entre as categorias foi Jakobson (1957: 134:135), ao afirmar que o aspecto quantifica o evento narrado sem que haja envolvimento dos participantes e sem haver referência ao evento da fala. Com relação ao tempo, está associado ao evento de fala.

Diante disso, não considerando os predicados estativos, Castilho (2014) descreve o aspecto propondo uma tipologia disposta no quadro 11.

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

Quadro 11 - Tipologia do Aspecto
Fonte: Castilho (2014, p. 420)

Conforme Castilho (2014), o aspecto imperfectivo apresenta algumas propriedades como: a) predicação dinâmica do sujeito na maior parte dos casos, b) a predicação compreende três fases: a inicial (imperfectivo inceptivo), em curso (inceptivo cursivo) e a final (imperfectivo terminativo) e c) é frequente em narrativas.

O imperfectivo inceptivo exprime uma duração destacando os momentos iniciais do evento de fala. O autor diz que esse aspecto é extremamente dependente de perífrases construídas com verbos no infinitivo e no gerúndio. Ele cita, por exemplo, como auxiliar, os verbos ‘principiar (a)’ e ‘começar (a)’, os quais, segundo o autor, têm sua significação inceptiva decorrente do verbo auxiliar. Para Castilho (2014), o uso pleno desses verbos e de seus auxiliares não se altera. Dessa forma, em ‘Elias *começou* o curso de música no mês de junho’ e ‘Começou a ventar’, por exemplo, o verbo ‘começar’ tem sentido inceptivo. Isto, para Castilho (2014) mostra um grau ínfimo de gramaticalização do verbo auxiliar. Diferentemente, das perífrases com os auxiliares ‘pegar’ e ‘agarrar’ seguidas de preposição e de infinitivo como em ‘Pegou a chorar’ em que o sentido inceptivo não deriva do verbo auxiliar, uma vez que houve intensa alteração na significação do verbo ‘pegar’.

Quanto ao aspecto inceptivo cursivo, o linguista afirma que este apresenta o estado de coisas em curso sem se reportar às fases final ou inicial. Castilho destaca as perífrases gerundivas, por indicarem uma mudança mais gradual, ou seja, o aspecto imperfectivo cursivo. Assinala ainda o aspecto imperfectivo terminativo, que registra os momentos finais de uma duração, o que, segundo ele, só é possível em perífrases construídas com os verbos ‘acabar de/por’, ‘cessar de’, ‘deixar de’, ‘terminar de’ + infinitivo, como em *Acabei de fazer meu trabalho*’.

Ao se referir ao aspecto perfectivo, Castilho (2014) aponta que assim como o Imperfectivo, o perfectivo dispõe de predicação em sua plenitude, ocorre em predicções dinâmicas, com sujeito específico, na maioria dos casos, e é recurso central nas narrativas. A diferença é que o perfectivo não faz referência à fase alguma. O autor subdivide o Imperfectivo em ‘pontual’ e ‘resultativo’. Este se caracteriza por apresentar propriedades como:

(1) Ocorrer nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva. (CASTILHO, 2014, p. 425)

Assim, afirma o autor, que formas simples e perifrásticas expressam o resultativo, pois há verbos que registram a mudança do estado do sujeito como ele explica nas sentenças a) ‘Aquilo *se torna* uma imposição’; e b) ‘Então *ficou* muito bonito (quando a gente entrou)’. A partir dos exemplos, o autor diz que houve alteração na predicação do sujeito. Em *a)* pressupõe que anteriormente não havia imposição e em *b)* algo não era bonito antes. Já o perfectivo pontual, se não houver nenhum fator interferente, o modo indicativo, nos tempos presente, pretérito perfeito simples e mais-que-perfeito flexionados com verbos télicos confirmam sua pontualidade.

Quanto ao aspecto iterativo, Castilho (2014) argumenta que este representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo, o sujeito das predicções não é habitualmente específico, pluralizado e o componente do léxico é insignificante ação iterativa.

Diante disso, Castilho (2014) considera que a descrição no português falado se norteia na natureza, a qual compõe a propriedade da predicação. E, da aplicação de sua hipótese, apreende-se:

(1) Papel do léxico e da semântica
(i) verbos atélicos favorecem o imperfectivo, predominando numericamente aqueles sobre estes.

(ii) A classe acional do verbo, decisiva na emergência do imperfectivo e do perfectivo, não é fator importante para o interativo, salvo se o verbo vier sufixado por *-itar* e *-ejar*.

(2) Papel da gramática: a flexão e as perífrases

(i) O imperfeito do indicativo e o gerúndio encerram traços de/duração/mais fortes que as outras formas verbais, transformando-se em codificadores altamente frequentes do imperfectivo.

(ii) O presente e o perfeito simples são mais independentes de adjuntos para codificar o aspecto; será necessário desenvolver uma reflexão mais detalhada sobre as combinações-classe acional-flexão, para o que o livro-resenha de Koefoed (1979: 125-139) apresenta interessantes indicações.

(iii) As perífrases de gerúndio, além de mais numerosas, são as mais inclinadas a expressar o imperfectivo, com grande predominância do papel lexical do verbo pleno ou verbo auxiliado, nesse processo; as perífrases de valor interativo são mais dependentes dos arranjos sintáticos e do contexto que excede a sentença. Por outro lado, pode-se propor que o presente, o imperfeito e o pretérito perfeito composto são “flexões aspectualmente não específicas”, como o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito.

(3) Papel da gramática: os argumentos e os adjuntos quantificados

(i) Argumentos no singular favorecem o semelfactivo, enquanto argumentos pluralizados favorecem o interativo.

(ii) Argumentos verbais/não específicos favorecem o interativo, ao passo que os específicos/favorecem mais o imperfectivo e o perfectivo.

(iii) Adjuntos adverbiais quantificadores durativos favorecem a emergência do imperfectivo, e os pontuais, do perfectivo, ao passo que os adjuntos adverbiais quantificadores favorecem o interativo.

(4) Papel do discurso

(i) Narrativas favorecem o imperfectivo e o perfectivo

(ii) Textos argumentativos com generalizações favorecem o interativo. (CASTILHO, 2014, p. 430- 431)

A partir da pontuação de Castilho (2014) observa-se que, na sua tipologia aspectual proposta, deve haver a convergência de variados fatores para a composição do aspecto, a qual não parece fechada ou absoluta. Apresenta fatores favorecedores e não favorecedores na construção do todo do evento de fala.

Na perspectiva de Comrie (1981 *apud* TORRES, 2009), o termo *aspecto* é menos comum que os termos ‘modo’ e ‘tempo’. Isso porque, de acordo com o autor, a noção de tempo, não prescinde a exclusão das marcas aspectuais e a terminologia tradicional usa esporadicamente os termos como o *perfectivo* para mencionar, por exemplo, tempo passado simples.

O autor expõe que apesar de o tempo e o aspecto serem conectados ao Tempo, este é tratado de maneiras distintas, uma vez que, na sua concepção, tempo é uma categoria dêitica que localiza situações no Tempo geralmente com alusão ao tempo presente, ainda que possa adquirir outras situações como referência. Além disso, ele destaca que o aspecto estabelece a organização interna de uma situação, da qual se pode exprimir a diferença entre tempo interno de uma situação (aspecto) e tempo externo de uma situação (tempo), ou seja, o aspecto não versa sobre a relação do tempo de uma situação com um ponto de referência de tempo.

“O aspecto como qualquer outra classe gramatical pode ser expresso por flexões morfológicas e por meio de perífrases” (COMRIE, 1981 *apud* TORRES, 2009, p. 73). Para o linguista, o aspecto está relacionado à maneira como uma circunstância ou evento podem ser vistos: na sua plenitude sem diferir as fases (aspecto perfectivo) ou em sua composição interna (aspecto imperfectivo). Comrie diz que há distinção entre *aspecto perfectivo* e *imperfectivo*, visto que o primeiro toma a situação de fora no seu todo, sem levar em conta a construção interna da situação. O segundo toma a situação de dentro, logo, trata da estrutura interna e caracteriza o início e o fim, sendo adequado somente se a situação for durativa do princípio ao fim.

Comrie postula também que é comum a afirmação de que o *aspecto perfectivo* representa ações de curta duração e o *aspecto imperfectivo* demonstra as de ação prolongada.

O aspecto perfectivo não pode ser definido como descrevendo uma situação de duração limitada em oposição a uma limitada, ambos os tipos aspectuais podem ser usados para fazer referência a uma extensão temporal de uma situação, ou seja, formas perspectivas podem ser usadas para codificar situações que se prolongam no tempo, ou que incluem fases internas, desde que essa situação seja tomada como um todo. (COMRIE, 1981 *apud* TORRES, 2009, p. 73-74)

Sobre isso, Coan (2003 *apud* TORRES, 2009) assevera que a convenção de formas perfectivas com advérbios de tempo indeterminado, como ‘sempre’, ‘nunca’, manifesta a duração de uma circunstância, a qual pode ser confundida com aspecto imperfectivo. Para o autor não é adequado afirmar que formas perfectivas necessariamente apontam situações de pouca duração, pontuais, de momento ou que caracterizam situações limitadas. Do mesmo modo, não é apropriado dizer o oposto para as formas perfectivas.

Outra observação que Comrie faz a respeito do aspecto é com relação à afirmação da perfectividade como forma de indicar uma ação completa e uma não completa. Para o autor, mesmo que os termos pareçam dêiticos, existe uma diferença semântica entre eles, o que é relevante ao se discutir a noção de aspecto.

O perfectivo denota uma ação completa, começo, meio e fim. O uso de ‘completada’, contudo, põe mais ênfase na determinação da situação, enquanto que o uso do perfectivo não põe mais ênfase, necessariamente, no fim da situação que em qualquer outra situação, ao contrário, todas as partes da situação são apresentadas como um todo simples (COMRIE, 1985 *apud* SOUZA, 1998, p. 18)

Por isso, a concepção de que o perfectivo representa uma ação simples sem adição de matiz que possam alterar seu sentido. A perfectividade tem como característica retratar a

referência à estrutura temporal interna da situação. O autor enfatiza que perfectividade e imperfectividade não coexistem, ou seja, não são incompatíveis, uma vez que em determinada língua ambas podem ser expressas, caso esta tenha significado para isso.

Comrie também aponta diferenças entre duratividade e imperfectividade e duratividade e pontualidade. Os primeiros, segundo o autor, opõem-se, pelo fato de que:

A imperfectividade atualiza a situação considerando a estrutura interna da situação, ou seja, evidencia sua duração, sua sequência de fases; já a duratividade faz referência, simplesmente ao fato de que uma dada situação dura por um período de tempo. (COMRIE, apud SOUZA, 1998, p. 50)

Ao se referir à pontualidade o autor diz que esta não apresenta indícios de duratividade, mais sim, de momento. O autor menciona que o contexto da situação não pode ser descartado, pois há casos em que ele (o contexto) se faz imprescindível para a atualização do aspecto. Neste sentido, o autor diz que o verbo “tossir” (*cough*) como semelfactivo, por exemplo, em determinados contextos pode caracterizar situações iterativas, quando se repetem. Em situações como ‘A criança tossiu antes de dormir’ o uso é semelfactivo e em ‘A criança tossiu três vezes antes de dormir’, pode ser considerada como uma situação de iteratividade. Diante disso, o autor admite que estes tipos de verbos não são pontuais no seu sentido exato, já que se referem a circunstâncias que se estendem por um período curto de tempo.

Outra tipologia aspectual relevante a se considerar, é a de Vendler (1967). Sua tipologia abrange quatro tipos de processos que levam em conta contextos verbais como expressões sintaticamente complexas, em que os adjuntos, advérbios e complementos contribuem para indicar a categoria de um verbo, já que podem alterar seu significado. A tipologia proposta por Vendler (1967) compõe-se dos seguintes tipos de verbos: *atividades*, *accomplishments*, *achievements* e *estados*.

Vendler caracteriza os verbos de atividades como aqueles que não precisam de um término e que constituem valor pleno mesmo quando se quebra a sua ação. “Os verbos de atividade (processo), cuja situação pode apresentar certa duração, podem colocar em evidência a nuance inicial e final, mas os limites são focalizados” (GIVÓN, 2001; 2005 *apud* BACK & COAN 2014, p.13). Este autor afirma que o que é importante é o processo. Na proposta de Vendler (1967), os verbos de atividade não dispõem de ponto final, um ponto a ser atingido, de modo que o traço de continuidade [+ contínuo] ocorre de maneira igual; qualquer parte do processo é parte da natureza em seu todo.

Em certo sentido, a mesma dinamicidade apresentada pelos verbos de *atividades* aparece nos verbos *accomplishment*, os quais fazem referência à continuação do tempo. Nestes tipos de verbos, deve, necessariamente, haver a indicação do ponto final. Para isso, o autor desenvolve o seguinte raciocínio: “A estava desenhando um círculo em um t significa que t é a extensão de tempo em que A desenhou o círculo” (VENDLER, 1967 *apud* TORRES, 2009, p. 76). O autor assinala que os *accomplishments* aceitam locuções adverbiais como *em uma hora*. Estes tipos de locuções indicam a duração do tempo em que ocorreu o evento. Logo, não se pode identificar suas fases, uma vez que o tempo foi suficiente para que o evento se realize. Esta observação também é feita Givón, 2001; 2005 (*apud* BACK & COAN, 2014, p. 13) ao afirmar que:

Os *accomplishments* englobam verbos que codificam a realização ou a completude de uma dada situação, que em si pode ser de duração mais longa de os casos dos verbos compactos (*achievements*), embora a perspectiva comunicativa focalize a delimitação (término do evento); portanto, também possuem a propriedade de serem télicos, contudo, essa telicidade não está propriamente no verbo, mas naquilo que sua semântica projeta em seus termos de complementos verbais.

Neste contexto, observa-se a contribuição dos complementos verbais para significação e a delimitação de uma dada situação.

Quanto aos *achievements*, de acordo com Vendler (1967, *apud* BACK & COAN, 2014), referem-se aos verbos pontuais. Segundo o autor, esses verbos captam o começo ou clímax de uma situação e não podem acontecer em uma extensão temporal. Assim, para os *achievements*, Vendler (1967 *apud* TORRES, 2009, 76-77) prescreve que: “A ganhou uma corrida entre t^1 e t^2 significa que o instante de tempo que A ganhou a corrida está entre t^1 e t^2 ”. Dessa forma, só é possível dizer que alguém ganhou uma corrida, se realmente ganhou em um instante de tempo. Vendler aponta que a distinção entre os verbos *accomplishments* e *achievement* está exatamente no tempo que os envolvem, uma vez que o primeiro pode durar em um espaço de tempo (uma hora), e o segundo precisa ocorrer em um instante de tempo. Para se obter a certificação das diferenças, pode-se fazer perguntas como: “*Em que hora? Em que momento?* Se se obtiver respostas adequadas às questões, se está diante de verbos *achievements*.

Givón (2001; 2005 *apud* BACK & COAN, 2014, p. 14) observa que:

Os verbos *achievements* (compactos), codificados por rígida delimitação de tempo, descrevem situações de duração exatamente curta do ponto de vista temporal. Possuem a propriedade de delimitação (inceptivo/terminativo), marcando o início ou a finalização da situação de forma instantânea.

A observação do autor corrobora com proposta de Vendler (1976), a qual propõe que verbos *achievements* dispõem de traço [- contínuo] em virtude de ocorrerem em momento único e, conseqüentemente, indicam momento um único, em um só instante, ou seja, alguns chegam ao clímax, ganham a competição, marcam ou reconhecem alguma coisa, em determinado momento definido.

Os verbos *estativos*, conforme Vendler (1967 *apud* TORRES, 2009) demonstram circunstâncias com valor de verdade e ocorrem em todos os instantes de tempo. São eventos que têm duração entre períodos de tempo que vão de t^1 a t^2 sem alterar a sua veracidade comprometida e sem divisão de fases. Para os estados, faz a seguinte esquematização: “A amou alguém de t^1 a t^2 significa que em algum instante entre t^1 e t^2 A amou essa pessoa” (VENDLER, *apud* TORRES, 2009, p. 77).

“O grupo dos estativos é constituído de elementos díspares, em função de recobrir uma classe, na qual se constatam situações de *posse, existenciais e cognitivas*, a exemplo de *pensar* que denota, certamente, um nível de atividade” (BACK & COAN, 2014, p. 14). Para Vandler nesta classe existe a propriedade da não divisão das fases e Givón (2001 *apud* BACK & COAN, 2014) diz que os verbos de estado expressam situações de duração de maneira longa em que não são evidenciados os limites de início e fim, a menos que o verbo esteja pontuado por um elemento gramatical específico.

Do exposto, percebe-se que o aspecto é uma categoria gramatical que contribui para a composição semântica dos verbos. Contudo, é possível ter seu sentido básico modificado em função da conjugação com outras classes gramaticais no discurso. A composição do sentido do aspecto verbal vai além de fatores lexicais comuns, ou seja, “entra em jogo, então, uma espécie de composicionalidade abarcando não só fatores semânticos/lexicais, morfológicos (flexão verbal) e sintáticos (presença de modificadores), mas também fatores estilísticos. (BAK & COA)

3.5 Interferência dos fatores sociais

Os fatores sociais em uma análise sociofuncionalista são definidos como fatores extralinguísticos, que estão intrinsecamente articulados aos fatores linguísticos no funcionamento da língua. Eles referenciam características dos falantes e dos contextos da enunciação no processo comunicativo, as quais influenciam a interação verbal. Logo, neste

estudo serão considerados os fatores de ordem social: sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e profissão.

3.5.1 O Sexo/Gênero

A Sociolinguística, por meio de seus estudos sistemáticos, tem demonstrado que o sexo/gênero do falante pode influenciar em seu comportamento linguístico, no que se refere à escolha de uma forma variante em um fenômeno de variável linguística. A esse respeito, Labov (2008 [1972] p. 81) aponta que: “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens”. Para o autor, elas são mais sensíveis em sua performance linguística do que os homens, mesmo quando utilizam as formas mais extremas de uma variante sociolinguística em avanço. Assim, pretende-se verificar a influência do fator social sexo/gênero quanto à utilização da perífrase gerundiva ‘ir + (es)ta(r) + gerúndio’ como expressão de futuro na fala de Manaus. Diante disso, é importante considerar o pensamento de Freitag¹⁴ (2012: 292 *apud* OLIVEIRA, 2014, et. all, p. 9)

A variável tem sido denominada de “sexo/gênero” por conta de recobrir muito mais do que a dimensão biológica, mas também os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Esta distinção também incorre em outro problema: ao assumirmos a interação entre o biológico e social, o recorte sociolinguístico concebe uma sociedade onde só existem homens e mulheres, tanto na perspectiva biológica como na perspectiva social. Ou, pelo menos assim a sociedade é representada nas amostras sociolinguísticas. De nada adianta distinguir sexo de gênero se a constituição das amostras continua a se dar de modo binário.

É pertinente a discussão proposta pela a autora, uma vez que os trabalhos científicos vão em busca de definições esclarecedoras e os termos mais adequados a serem utilizados em uma dada pesquisa, o que é questionável no que concerne a sexo/gênero, por ser representado na grande maioria das pesquisas de modo binário. Ainda a esse respeito, Paiva completa:

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...] as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma

¹⁴ FREITAG, Raquel Meister Ko. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis socio pessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. In: II CIDS - Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: Diversidade linguística e políticas de ensino, 2, 2012, Belém. Anais... São Luís: EDUFMA, 2012. p. 289-296.

Em referência à expressão de futuridade, Freitag (2012, *apud* OLIVEIRA, *et. al.*, 2014) explica que os homens tendem a usar a forma inovadora (perífrases e pretérito imperfeito), impulsionando a mudança, ao passo que as mulheres tendem a fazer uso da forma canônica, abonada pela gramática normativa.

Isso é confirmado no estudo de Torres (2009) a respeito do uso das perífrases gerundivas. “Pode-se dizer que há uma tendência, embora leve e em termos percentuais, ao favorecimento de gerundismo em oposição ao não gerundismo pelo sexo masculino, usam mais livremente as variantes estigmatizadas” (p. 151).

No estudo de Oliveira (2006, p. 126), no entanto, “o grupo ‘sexo/gênero do informante’ foi selecionado apenas na fala mais formal, o que indica que a distinção homem X mulher é anulada na fala menos formal”. Contudo, Paiva (2012, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 10) alerta que é evidente que qualquer explicação acerca do efeito da variável sexo/gênero pressupõe certa cautela, dadas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino (PAIVA 2012: 41).

3.5.2 Faixa Etária

Nos estudos sociolinguísticos, a variável faixa etária é um dado importante bastante característico, visto que por meio dela se chega, por exemplo, a indícios de mudança linguística em tempo real e em tempo aparente. De conformidade com Oliveira (2006, p. 129), “trata-se de um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso”.

No que se refere à relevância desse fator para o processo de mudança em análise, tendo como referência a expressão da futuridade, quanto ao uso da forma sintética ou da forma perifrástica como inovadora, faz-se menção aos estudos desenvolvidos por Gibbon (2000). A autora investigou este fenômeno na fala de Florianópolis e constatou que a forma inovadora, a perífrase, é preferida pelos jovens, fato que aponta indícios de uma mudança futura. Da mesma maneira atestam os resultados do estudo de Oliveira (2006, p. 36), ao concluir que “há um padrão linear na distribuição das variantes sintética e analítica, com esta última aumentando

progressivamente à medida que diminui a faixa etária do informante, evidenciando, portanto, uma mudança em curso”.

3.5.3 Nível de Escolaridade

O nível de escolaridade é um fator que pode influenciar fortemente no modo de falar dos indivíduos, de maneira que muitos falantes ao adquirirem um grau elevado de escolaridade passam a utilizar de forma predominante a forma prestigiada. Sobre esse assunto, Oliveira (2006) salienta que:

Há fenômenos que são alvo do ensino escolar e outros que não o são. Como as gramáticas escolares e os manuais de ensino e estudo da língua julgam as formas estigmatizadas rotulando-as de “erros” ou “vícios de linguagem”, o grau de instrução do falante pode condicioná-lo ao uso de determinada(s) forma(s) linguística(s) (p. 46).

Essa assertiva é complementada por Santos (2012), ao afirmar que:

No caso das formas de futuridade verbal, não ocorre pressão social para o uso de uma forma específica, nem parece haver, na fala espontânea, um uso de valor estilístico, apesar de as gramáticas normativas descreverem quase que exclusivamente a forma sintética como expressão de futuro. (p. 63-64).

Na pesquisa de Santos (2012) e Oliveira (2006) a variável nível de escolaridade não foi selecionada pelo programa utilizado por eles para medir frequências e percentuais. Dessa forma, a variável nível de escolaridade, tem-se mostrado pouco influente no processo de mudança linguística quanto ao futuro simples e o futuro perifrástico.

Sumariando, esta sessão tratou dos aspectos linguísticos e extralinguísticos a serem considerados para verificar quais contextos de ocorrências são favoráveis à inserção da perífrase gerundiva codificada por (ir) + (es)ta(r) + gerúndio, para expressar o futuro, na diversidade do português do manauara.

Capítulo IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa, seja qual for sua natureza, precisa de condicionantes para conduzi-la a resultados fidedignos. Os procedimentos metodológicos que conduziram o objeto de estudo, ‘a construção inovadora codificada pela perífrase ‘(ir/poder) + (es)ta(r) + gerúndio, no português manauara’, são assim apresentados: *corpus* da análise, esclarecendo sobre a coleta de dados e os critérios de constituição; os informantes, indicando o número e o perfil dos participantes da constituição do *corpus*; apresentação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar ou inibir a ocorrência da variável em estudo e, por fim, a descrição do programa estatístico *GoldVarbX*, que foi empregado na análise dos dados.

4.1 O *corpus*: coleta e critérios de constituição

Para este estudo, o *corpus* da análise provém da escrita mais e menos formal e da fala mais e menos monitorada, entendidas na dimensão do contínuo da fala e da escrita (MARCUSCHI, 2010).

Da escrita mais formal, foram selecionados dois periódicos da imprensa jornalística da cidade de Manaus, os jornais ‘Acrítica’ e ‘Diário do Amazonas’, os quais são aqui considerados como direcionados às classes alta e média manauara, respectivamente, conforme aponta Araújo (2016). A coleta realizou-se de outubro a dezembro de 2014 e se restringiu aos artigos de opinião e à sessão política.

Da escrita menos formal, foram coletados comentários de usuários extraídos da página de *Facebook* do programa jornalístico ‘Alô Amazonas’ e mensagens provenientes de dois grupos sociais para interação no âmbito profissional, por meio do aplicativo *WhatsApp*. O primeiro

constituído por professores universitários e o outro formado por professores e acadêmicos. O período de coleta nos dois aplicativos se estendeu de setembro a dezembro de 2015.

Da fala mais monitorada, os dados coletados com informantes diretos se constituíram de 12 entrevistas realizadas entre professor e documentador (DID) e 06 Elocuções Formais (EF), também coletadas junto aos professores, as quais são registros de aulas e reuniões de colegiado. Os requisitos necessários para incluir o informante na pesquisa foram: ter nascido em Manaus ou residir no município há, no mínimo, 20 vinte anos.

As entrevistas foram direcionadas a partir de um roteiro adaptado de Torres (2009). As perguntas foram abertas, versaram sobre temas gerais do cotidiano e sempre propostos de modo a instigar o informante a direcionar seu discurso para a expressão de futuridade. Por exemplo: “Daqui a trinta anos, como você imagina a cidade de Manaus?”; “O que você pensa a respeito da educação daqui a dez anos?”

A escolha pela investigação da fala dos professores teve como critério os resultados apontados por outros estudos a respeito da expressão de futuridade como o estudo de Torres (2009) que mostra uma censura por parte destes profissionais de ensino quanto ao uso da construção (ir/poder) + estar + gerúndio. Por isso, pretendeu-se verificar se esse fato incide também na fala docente manauara.

Quanto às elocuições formais, o objetivo foi verificar a hipótese de que nessas situações possa ocorrer com maior frequência a variável em estudo, do que nas entrevistas, considerando os graus de monitoramento.

Ainda com referência à fala mais monitorada, foram registrados 12 inquéritos (D2), de interações entre os atendentes de loja ou promotores de venda, com o consumidor. Ressalta-se que, nesse caso, a fala deste último não foi selecionada como objeto de análise.

A escolha destes informantes foi motivada pelos resultados de estudos sobre a ocorrência do gerúndio como expressão de futuro que comprovaram a frequência de uso da perífrase gerundiva ‘(ir/poder) presente + estar + gerúndio’ na fala daqueles que trabalham em ambiente comercial e que são conhecidos como os maiores usuários deste tipo de construção, conhecida também como gerundismo (TORRES, 2009).

Também, constituindo o *corpus* da fala mais monitorada, foram registradas entrevistas veiculadas pelo programa jornalístico televisivo ‘Alô Amazonas’, realizadas no estúdio pelo apresentador e pelos demais jornalistas em externas, no período de setembro de 2015 a janeiro de 2016. Nesse caso, considerou-se a fala tanto do profissional quanto do entrevistado.

A decisão em registrar excertos de fala veiculados pelos programas jornalísticos televisivos por apresentadores e entrevistados objetivou construir um *corpus* que abrangesse também contextos formais de fala, considerando as variáveis sociais dos interlocutores.

Todos estes dados foram considerados como representativos da fala mais monitorada, pelo fato de que os gêneros da oralidade caracterizados como entrevista e os tipos de gêneros que envolvem as elocuições formais, como aulas no contexto universitário, já sugerem maior grau de monitoramento por parte dos interlocutores. De igual modo, considera-se mais monitorada a fala dos atendentes de loja e promotores de venda em suas relações profissionais, quando em sua interlocução com o consumidor. Esses diálogos se caracterizam por relações assimétricas, de distanciamento e pela intencionalidade de persuasão por parte dos vendedores, sobretudo.

Na formação do *corpus* da fala menos monitorada, foram selecionados registros de fala espontânea produzidas no cotidiano, os quais foram registrados em diário de campo, adotado por esta pesquisadora como procedimento para coleta de dados. Esses dados provêm de registros de fala de familiares, amigos e colegas de trabalho, em diferentes contextos de interação. Os dados foram coletados durante o período de fevereiro a dezembro de 2015.

O diário de campo possibilitou a coleta de dados que abrangeram contextos interacionais caracterizados por díades simétricas e assimétricas, em ambientes de trabalho e familiar. As díades simétricas dizem respeito a diálogos em que há maior similaridade entre os interlocutores, como mesmo grau de escolaridade, posição social, etc. e, as assimétricas, por sua vez, quando há maior distanciamento. A primeira díade pode ser ilustrada pelo diálogo entre dois professores.

(134) “[...] Você viu aquela questão do questionário lá era imensa rs...rs... Vi era muito grande aí eu deixei *vô tá olhando* nada [...]”. (Diário de campo, díade, professores)

A segunda é ilustrada pela díade entre professor e aluno:

(135) “[...] Professora dia 8 eu *vô tá viajando* a senhora vai me dá falta?” (Diário de campo, díade, professores)

Também, com o propósito de verificar a aceitabilidade do emprego do gerúndio no português, incluindo perífrases com dois verbos, como ‘estaremos enviando...’ e três verbos ‘vamos estar passando...’, fez-se uma enquete, por meio de um questionário, constituído por 16 questões, aplicado a 14 professores, das áreas de Ciências Exatas e Humanas, que atuam nas escolas da educação básica e no ensino superior. Foram questionados se tal construção era ou não aceitável pela norma culta.

A extensiva constituição do *corpus* de análise teve como critério levantar dados que abrangessem várias situações do processo comunicativo, propondo uma investigação extensiva da variável em estudo no português do manauara. Por isso, foram selecionados tanto dados da escrita mais formal quanto menos formal e da fala mais e menos monitorada. Com isso, intencionou incluir na pesquisa não somente dados coletados em situações mais controladas,

mas também aqueles que se pudesse perceber no cotidiano, ao ouvir a fala dos manauaras, em situações comunicativas, em que houvesse a intenção do falante se referir a um fato no futuro.

Compreende-se que o processo de interação verbal no contexto social ocorre num contínuo da fala para a escrita, atualizando-se nos diferentes gêneros textuais (MARCUSCHI, 2010). Portanto, adotou-se essa postura na análise, objetivando verificar em que medida a variável em estudo se manifesta no português empregado pelo manauara.

As pesquisas sobre a variação e mudança linguística têm apontado que a fala é o ponto de partida para a variação. Na modalidade da escrita, a variação é mais lenta. Por isso, a hipótese é de que a variável em estudo seja inibida na escrita jornalística de Manaus e também na escrita menos formal, referente nesse caso, à parte do *corpus* constituída pelos registros coletados no *Facebook* e *WhatsApp*. Na fala, o critério foi investigar contextos enunciativos com diferentes graus de monitoramento, a fim de verificar em que medida a construção gerundiva ocorre nestas situações de interação, por isso se justifica a extensão do *corpus* selecionado.

Sintetiza-se a constituição do *corpus* analisado, considerando a proveniência dos dados. O *corpus* é formado por 185 dados de construção gerundiva ‘ir/poder (presente) + estar + gerúndio’. Desses, 45 são com o verbo ‘poder’ na primeira posição. Também se ressalta que, embora pesquisado, não houve nenhuma ocorrência de ir/poder no tempo futuro.

Escrita	Periódicos	0
	<i>Facebook</i>	0
	<i>WhatsApp</i>	3
Fala	Entrevistas com professor (DID)	0
	Eloquções formais	6
	Entrevistas (Jornal televisivo)	25
	Diário de campo	87
	Atendentes de loja e promotores de venda	64

Quadro 12 – O *corpus*

4.2 Os informantes

Para compor o *corpus* de análise, contou-se com a participação de 24 vinte quatro informantes diretos, sendo 12 professores e 12 atendentes de loja e promotores de venda:¹⁵

Entre os 12 (doze) professores, 06 (seis) são do gênero feminino e 06 (seis) do masculino, com faixa etária entre 25 a 35 anos, 36 a 45 e de 46 anos em diante. São docentes atuantes nos níveis de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, das áreas de Ciências Humanas e Exatas. Os vendedores também se distribuem em 12 (doze) informantes, sendo 06 (seis) do gênero feminino e 06 (seis) do masculino, com idades entre 18 a 35 anos e com grau de escolaridade Ensino Médio completo.

No quadro 12, apresenta-se de forma sumarizada o número e o perfil dos informantes.

Professores							Vendedores (atendentes e promotores de venda)			
Faixa etária	25/35	36/46 em diante	25/35	36/46 em diante	25/35	36/46 em diante	18/35		36/46 em diante	
Gênero	M/F	M/F	M/F	M/F	M/F	M/F	M	F	M	F
Nº I	2	2	2	2	2	2	3	3	3	3

Quadro 13 – Perfil dos Participantes

Fonte: Elaboração própria

Portanto, ao estabelecer o número e o perfil de informantes para o estudo, teve-se por finalidade buscar um equilíbrio na composição dos grupos de fatores extralinguísticos estabelecidos, que são faixa etária, gênero e profissão. Uma vez que nesta análise os dados receberam um tratamento estatístico, é fundamental uma distribuição harmônica nesta constituição.

4.3 Grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos

Os grupos de fatores são elementos linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) que podem ser favorecedores ou inibidores de uma determinada variável linguística. Esses

¹⁵ Consideram-se informantes diretos da pesquisa aqueles que participaram diretamente, concedendo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foram os 12 professores entrevistados e os 12 vendedores. Os demais dados foram extraídos indiretamente a partir de textos publicados e registros de excertos de elocução formal, programa televisivo e fala espontânea.

fatores denominam-se variáveis explanatórias ou independentes (LUCKESI & ARAÚJO, 2015) que condicionam a ocorrência da variável dependente.

Sherre & Naro (2004) explicam que, na língua em uso, os elementos estruturais de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica apresentam-se em concomitância, atendem ou não às necessidades comunicativas dos falantes. Estes, por sua vez, fazem parte de uma comunidade e dispõem de características intrínsecas ou adquiridas, a saber, gênero, faixa etária, origem geográfica, classe social, participantes de redes de relações, entre outras. Neste sentido, para compreender a estrutura gramatical naturalmente variável, é preciso formular hipótese referente a fatores de natureza interna ou externa, formal ou funcional, social ou não social.

4.3.1 Grupos de Fatores Linguísticos

Nesse estudo, os grupos de fatores estabelecidos para a análise são linguísticos: variável dependente (gerundismo e não gerundismo); variáveis independentes: tipos de verbo, marca de tempo futuro, marcas de tempo futuro, tipos de oração, pessoa do discurso; e extralinguísticos, que são variáveis independentes: gênero, faixa etária, escolaridade e profissão.

I Variável Dependente

a) Gerundismo

O emprego das construções ‘ir + estar + gerúndio’ sofrem preconceito e são rotuladas como gerundismo, quando remetem a ações no futuro, junto a verbos não durativos. Torres (2009) faz uma análise dos seguintes enunciados que servem para explicar a ocorrência de gerundismo.

(136) *Eu vou ficar chutando a bola.*

(137) *Eu vou estar chutando a bola.*

Os exemplos têm o mesmo verbo no gerúndio, o verbo ‘chutar’, que é considerado um verbo tipicamente de aspecto pontual. No entanto, não há dúvida quanto à duratividade expressa nas construções. Na construção (136), o verbo ‘ficar’ ainda que seja um verbo de estado, indica manutenção do estado, pois empresta à perífrase um caráter iterativo. Torres (2009, p. 42) explica que, nessa construção, permite-se inferir que o falante do enunciado (136) chutará a

bola por tempo indeterminado. Porém, não se pode afirmar o mesmo no exemplo (137), em que ‘estar’ enfatiza a noção aspectual pontualidade. Causando estranheza o fato de a perífrase com um verbo pontual no gerúndio expressar duratividade, pois, neste caso, o aspecto durativo está descartado. Portanto, a construção gerundiva em 137 é tratada como um caso de gerundismo.

O mesmo fato pode ser explicado com seguintes perífrases:

(138a) *Eu vou estar enviando os convites.*

(138b) *Eu vou ficar enviando os convites.*

(138c) *Eu vou estar transferindo cem reais para sua conta.*

(138d) *Eu vou ficar transferindo cem reais para sua conta.*

O verbo ‘enviar’ é um processo único, sem distinção de fases. No entanto, quando aparece em construções como (138b), identifica-se iteratividade, repetições do processo, compatível com a duratividade expressa pelo gerúndio, o que não acontece em (138a), em que ocorre o verbo ‘estar’ na segunda posição da perífrase. Do mesmo modo, ‘transferir’ (dinheiro) é um processo único, cuja repetição do processo só pode ser evidenciada pela perífrase em (138d), o que se pode entender que o falante desse enunciado fará transferências indefinidamente, até que esgote o saldo. Em contrapartida, em (138c), a construção com o verbo ‘estar’ é rotulada de gerundismo, pois não é compatível com a duratividade.

No entanto, as construções consideradas como gerundismo ocorrem na língua portuguesa como forma inovadora, embora seu uso seja grandemente combatido. Isso gera muita confusão e o falante se confunde quanto ao emprego do gerúndio de forma geral. Por isso, é fácil encontrar nos sites explicações sobre como empregar o gerúndio e evitar o ‘gerundismo’.

No site da revista Exames, Passadori (11/10/2012) define gerundismo como “um fenômeno recente no Brasil de implicações semânticas e pragmáticas, usadas, na maioria dos casos, quando o falante não quer repassar a ideia de ações simultâneas e quando a duração não é prioridade”. Explicam que é errado dizer:

"Um minuto, que eu vou estar verificando seu cadastro." Nesta construção emprega-se erradamente o gerúndio "vou estar verificando" para uma ação que indica um processo que se finaliza imediatamente ao momento da fala. Logo, o correto é: "Um minuto, vou verificar seu cadastro."

Assim, o emprego do gerúndio para indicar o futuro, expresso pela construção ‘ir + estar + gerúndio’ é visto, preconceituosamente, como um modismo ou vício de linguagem que deve ser evitado.

Freire (2004), em texto intitulado ‘Gerundismo zero’ exemplifica este fato, abonando qualquer uso da construção ‘ir + estar + gerúndio’: “Você não deve usar nunca o verbo estar no infinitivo, combinando com o verbo no gerúndio”. (*apud* TORRES, 2009, p. 177).

Ainda conforme consta no site da revista Exame, o emprego do gerúndio é “correto” apenas quando:

[...] se quer expressar uma ideia ou ação que ocorre no momento de outra no futuro. Logo, podemos dizer: Amanhã, quando você estiver fazendo a apresentação, eu estarei realizando os meus exames.

Dessa maneira, para a análise do *corpus*, foi separada como forma inovadora do gerúndio, ou seja, gerundismo, as construções ‘ir/poder + estar + gerúndio”, que se refere a um evento posterior ao momento de fala e não se refere a ações concomitantes. Esse é o uso que é preconceituosamente condenado como vício de linguagem a ser evitado. Por exemplo:

(139) “Um centro desse um espaço de lazer em funcionamento cê vai tá ocupando o jovem cê vai tá promovendo qualidade de vida para a comunidade [....].”

(*Corpus*: fala de apresentador, programa televisivo Alô Amazonas)

b) não gerundismo

Conforme explicitado no capítulo 3.1, a partir Torres (2009), construções com gerúndio estão relacionadas à natureza temporal. No que se refere à construção com ‘ir + estar + gerúndio’ para expressar o futuro, são consideradas adequadas as construções em que o aspecto expresso pela perífrase com gerúndio mantém a natureza durativa do gerúndio, como lustrado nos exemplos (140), (141) e (142):

(140) Quando você chegar, eu já *vou estar dormindo*.

(141) Amanhã, João *vai estar viajando*.

(142) Amanhã, João vai confirmar que, na semana que vem, ele *vai estar viajando*.

O autor explica que no exemplo (140) há uma ação durativa futura concomitante a outra, o exemplo (141) apresenta o advérbio ‘amanhã’ que abrange toda a ação expressa pela construção com o gerúndio e no exemplo (142), é a oração ‘na semana que vem’ que engloba

a construção com gerúndio, portanto, são construções em há uma condição que permite a expressão de duratividade.

Neste estudo, são consideradas como variável *Não Gerundismo* as construções com ‘ir + estar + gerúndio’ que permitem a expressão do traço de duratividade e quando se refere a eventos que ocorrem cotemporalmente, com em (143).

(143) “[...] Então QUANDO ele tiver correndo eu VÔ TÁ FALANDO aqui é... é...?”
(Diário de campo, acadêmico, díade professor e aluno)

II) Variáveis independentes Linguísticas

1. Tipos de verbo

Oliveira *et. all.* (2014, p. 5) apontam que o verbo ‘ir’ como auxiliar de movimento conquista espaço cada vez maior na língua portuguesa, embora a gramática normativa apresente tradicionalmente quatro verbos com uso frequente na língua (ter, haver, ser e estar). Explicam que esse fenômeno linguístico é resultado de um processo de gramaticalização, pelo qual o verbo ‘ir’ passa de pleno a auxiliar. Por conseguinte, o tipo de verbo é um fator relevante ao se referir às perífrases com três verbos, indicadoras de futuro.

Outro verbo que ganha espaço na língua nas perífrases gerundivas com três posições é o modal ‘poder’. Portanto, neste estudo, como grupo de fator ‘tipo de verbo’, são selecionados para investigação os auxiliares ‘ir’ e ‘poder’, conforme formulado: ‘ir/poder (presente) + estar + gerúndio’. O verbo modal ‘poder’ é codificado em três tipos de períodos: com ou sem indicativo de certeza e com indicativo de dúvida.

Exemplos:

a) auxiliar: ir (presente)

(144) “[...] Eu vou apresentar algumas coordenações novas e eu *vou estar chamando* a professora X [...] a nossa meta agora é transformar a instituição num centro universitário e aí eu *vou estar apresentando* pra vocês alguns resultados [...]”.

(Elocação formal, díade simétrica, professores)

b) modal: poder (1. com indicativo de certeza; 2. sem indicativo de certeza; 3. com indicativo de dúvida)

(145) “[...] Olha você tem que tomar cuidado com o *facebook* o *fotoshop* taí as pessoas só postam fotos bonitas bem arrumadas cuidado porque você *pode tá caindo* numa armadilha [...]”

(Programa Televisivo ‘Alô Amazonas’, apresentador.)

2. Marcas de tempo futuro

Neste grupo de fator foram verificadas a presença ou ausência de marca de futuro fora da perífrase verbal. De acordo com Oliveira (2006, p. 7), “Esse grupo de fator está relacionado ou não a um constituinte de valor temporal de futuro além do verbo, tais como advérbio, oração temporal, presença discursiva ou ausência de marca”.

Nos estudos de Torres (2009), o fator ‘presença da marca de futuro fora do verbo’ favoreceu o uso de perífrases com três verbos. Por isso, neste estudo, levantou-se a hipótese de que o fator presença da marca de tempo futuro favorece a ocorrência da perífrase gerundiva. Portanto, são verificados os fatores presença e ausência de marca fora do verbo.

Para exemplificar esse fator, apresentam-se os seguintes exemplos:

a) presença da marca (advérbio de tempo, locução encabeçada pela preposição ‘em’).

(146) “[...] Essa informação mais detalhada de como vocês vão fazer a gente *vai estar passando talvez nessa semana ou na próxima* [...].”

(Elocução formal, díade simétrica, professores).

b) ausência de marca

(147) “[...] Se a gente saí daqui *vão tá reclamando né?* E a gente vai deixa de ajudar a coordenação...).

(Diário de campo, díade simétrica, professores em ambiente de trabalho).

3. Tipos de Oração

O grupo de fator ‘tipos de oração’ foi selecionado para verificar se a estrutura sintática pode favorecer ou não o uso da construção gerundiva em estudo. Santos (2008) apontou que esse tipo de construção sintática é favorecida por orações absoluta e principal. Assim, levanta-se a hipótese que no *corpus* em análise também esses tipos de oração, ou seja, absoluta e principal, serão favorecedoras para a ocorrência da perífrase gerundiva. Os tipos de oração analisados são: absoluta, coordenada, principal, subordinada e interrogativa. Apresentam-se exemplos dos tipos de oração, conforme selecionados no *corpus* em análise.

a) oração absoluta

(148) “Eu não *vô tá aturando abuso* de marido e de filho.”

(Diário de campo, díade simétrica em ambiente familiar)

b) oração coordenada

(149) “É o que a gente espera né é como tá lá em Pedro a gente ajuda a pessoa mas a gente *vai tá levando* [...].”

(Diário de campo, díade simétrica em ambiente familiar)

c) oração principal

(150) “Se eu trabalhar, eu *vô tá fazendo* ele se acomodá.”

(Diário de campo, díade simétrica em ambiente familiar)

d) oração subordinada

(151) “[...] Eu encontrei o X ali na rua hoje e eu não quiria olhá eu pensei se eu olhá ele *vai tá me olhando* eu sei que ele vai tá aí eu não olhei aí ele disse [...]”

(Diário de campo, díade simétrica em ambiente familiar)

e) oração interrogativa

(152) “Professora muito obrigada a senhora *vai tá* vindo todo dia pra cá prá faculdade?”

(Diário de campo, díade assimétrica, acadêmico, professor)

4 Pessoa do Discurso

Gibbon (2000, p. 87) explica que “este grupo de fatores tem como objetivo investigar o comportamento das variantes sob a influência das pessoas do discurso”. Em seu estudo sobre a expressão do tempo futuro no português falado em Florianópolis, codificada pelas formas presente do indicativo e a forma perifrástica, investigou a influência das pessoas do discurso sobre as variantes selecionadas e formulou a hipótese de que o uso das primeiras pessoas poderia indicar mais compromisso quanto à realização de um fato anunciado e que os pronomes de terceira pessoa, por serem usados para reportar fatos que ocorrem com terceiros, é nula a participação do falante. E que isso se aplica, também, em relação ao empenho/envolvimento do falante naquilo que enuncia como ação no futuro. Quanto às segundas pessoas não apresentou nenhuma expectativa de condicionamento (p. 87). Os resultados corresponderam a sua hipótese, confirmando que a pessoa que representa os interlocutores (eu, nós, a gente, tu, você) favorece a perífrase. Assim, conclui que:

Nesse caso, a forma perifrástica ocorre mais em contextos nos quais o falante pode expressar mais intencionalidade e mais certeza na realização do fato”. [...] podemos

constatar, senão a intenção, pelo menos a certeza que o falante deposita na ação que será praticada pelo ouvinte. (p. 89)

Torres (2009, p. 136), ao estudar as perífrases gerundivas na fala cearense, nesse grupo de fator, não confirmou a hipótese de que a ocorrência do futuro médio perifrástico estendido¹⁶ estivesse associado ao fator não-locutor de um enunciado futuro. No entanto, não se confirmou esse fato, ressaltando, em concordância com Gibbon (2000), que “a atuação desse grupo de fator é uma ameaça à afirmação de que o uso das perífrases gerundivas, em especial, os casos de gerundismo, estaria ligado à falta de comprometimento com o enunciado futuro”.

Nesse estudo, o grupo de fator ‘pessoa do discurso’ também foi selecionado, sendo verificadas: a) primeira pessoa do singular e plural (eu, nós, a gente); b) segunda pessoa do singular e do plural (tu, você, vocês); c) terceira pessoa do singular e do plural (eles, eles).

4.3.2 Grupos de Fatores Extralinguísticos

Os fatores extralinguísticos são aqueles não linguísticos. Neste sentido, Tarallo (2007) argumenta que tudo aquilo que servir de pretexto e contexto à variável, isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico, poderá ser relevante para a resolução do “caso” pesquisado. A formalidade *versus* a informalidade do discurso; o nível socioeconômico do falante; sua escolaridade; a faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores. Os grupos de fatores de natureza extralinguística que compõem este estudo são os de gênero/sexo, faixa etária e profissão.

Por exemplo, se, neste grupo de fator, o gênero/sexo for apontado como favorecedor para a perífrase em estudo, indicará que as mulheres utilizam com maior frequência a construção gerundiva do que os homens.

O segundo fator é a faixa etária. Considera-se que este fator é essencial para a verificação se a variável inovadora em estudo é uma variação estável ou uma mudança em progresso. Luckesi e Araújo (2015) apontam que:

No que se refere à faixa etária, a variação estável se caracteriza por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras (cf.

¹⁶ Tempo futuro médio perifrástico estendido compreende os casos de ocorrência em que o verbo da primeira posição pode ser um auxiliar ou modal, o da segunda posição qualquer verbo no infinitivo (desde que não configure futuro iminente ou futuro resultativo) e o da terceira um verbo no gerúndio. (TORRES, 2009, p. 110)

CHAMBERS e TRUDGILL, 1980, p. 91-3). Mas a tendência aferida pelos resultados da faixa etária deve ser confirmada pelos resultados das outras variáveis sociais.

Logo, este fator é importante para verificar se a ocorrência da variável em estudo se encontra estável na língua ou se trata de uma mudança em progresso, quando verificado conjuntamente com os resultados obtidos das outras variáveis sociais consideradas na análise. Neste estudo, as faixas etárias verificadas são a primeira, a segunda e a terceira. A primeira faixa abrange informantes com idade de 18 a 35 anos, a segunda, os de 36 a 46 anos e, a terceira, os de 46 anos em diante.

As outras duas variáveis sociais consideradas como grupo de fator são a escolaridade (nível fundamental, médio e superior) e a profissão (professores, atendentes). A hipótese é que ambos sejam influenciadores diretos na utilização ou não da perífrase gerundiva 'ir + estar + gerúndio'. Espera-se que os falantes com nível de escolaridade mais elevada rejeitem o uso da construção inovadora. Quanto ao fator profissão, a hipótese é a de que a frequência de uso da perífrase seja inibida na fala dos profissionais da educação, por atuarem em uma área, na qual se exige uma modalidade de fala mais monitorada. Já na fala dos atendentes de loja e promotores de venda, a hipótese é de que a frequência do uso da construção inovadora seja maior, visto que na tentativa de convencer o cliente a comprar algum produto, buscam uma forma que julgam ser mais polida para se expressarem. Os fatores profissão são testados com base em Torres (2009), em cujo estudo revelou que os profissionais atendentes tendem a utilizar com mais frequência a construção inovadora em comparação com os professores (p. 132).

Sumariando, apresenta-se um esboço da subdivisão do grupo de fatores extralinguísticos. **I Gênero/Sexo:** a) Masculino; b) Feminino. **II Faixa Etária:** a) Faixa I (18 a 35 anos); b) Faixa II (36 a 46); c) Faixa III (acima dos 46 anos). **III Escolaridade:** a) Ensino Fundamental, b) Ensino Médio, c) Ensino Superior Incompleto, d) Ensino Superior Completo; **IV Profissão:** a) Professores; b) Vendedores/Atendentes.

4.3.4 Tratamento Estatístico dos Dados

Os dados tiveram tratamento quantitativo no programa estatístico *GoldVarb X*. Este programa tem por objetivo selecionar os grupos de fatores que podem ser favorecedores ou inibidores da ocorrência do fenômeno da variável investigada, indicando a frequência e o peso relativo em que a variável ocorre, considerando o grupo de fator selecionado.

Este modelo de análise vem sendo utilizado nos estudos sociolinguísticos variacionistas, para realizar a análise da regra variável. Guy e Zilles (2007) explicam que essa análise consiste em um tipo de análise multivariada que busca separar, quantificar e testar a significação dos efeitos nos contextos de uma variável linguística. A preferência pelos programas de análise multivariada se dá pelo fato de proporcionarem a construção de um modelo completo e específico dos processos e efeitos que não aparecem em simples cálculo de porcentagem. (*apud* SALOMÃO, 2011, p. 191).

Oliveira (2014, p. 3) esclarece que:

É através dos modelos quantitativos que se podem estabelecer relações entre fatos linguísticos e socioculturais, o que proporciona uma melhor visão da variação da língua, que descrita em termos variáveis, às quais se podem atribuir valores probabilísticos (ou pesos relativos) que predizem a ocorrência das variantes independentes do fato observado.

Portanto, entende-se que a quantificação dos dados é imprescindível nas pesquisas sociolinguísticas, uma vez que:

Os fatores que desencadeiam a mudança linguística são numerosos e diversificados; podem ser explícitos e perceptíveis, ou, ao contrário, invisíveis e inacessíveis à percepção do falante. Podem ainda ser externos ou internos ao sistema da língua. (MARCHELLO-NIZIA *et alii*, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2014)

Diante das informações obtidas por meio do cálculo do programa, ou seja, das rodadas estatísticas, o pesquisador faz uma interpretação, relacionando a quantificação dos dados com os grupos de fatores selecionados, linguísticos e extralinguísticos, para confirmar as hipóteses levantadas sobre o objeto de estudo.

Wenreich, Labov, Herzog (2006 [1975]) postulam que:

A pesquisa na Sociolinguística Variacionista busca apreender a sistematicidade da variação, seu encaixamento linguístico e social e uma possível relação com a mudança linguística por meio de análises quantitativas de um *corpus* escolhido a partir de certas características sociais correlacionadas a uma variável linguística, que pode ser fonético- fonológica, morfossintática, entre outras.

Dessa forma, para os autores, equacionar a questão da variação conjectura respostas para cinco problemas, a saber:¹⁷

- a) Fatores condicionantes – busca-se compreender quais são as condições para a mudança em determinada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social ou de ordem linguística.
- b) Encaixamento da variação – busca-se atentar para outras mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos condicionantes linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social.
- c) Avaliação das mudanças – busca-se estudar os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não representacionais (inclusive interacionais, discursivas e pragmáticas) envolvidas na fala.
- d) Transição – busca-se compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua: como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que duas formas co-existem, tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra.
- e) Implementação - busca-se analisar os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas.

Portanto, devido à dimensão quantitativa dos dados dos estudos variacionistas, uma análise desta natureza, apresenta certo grau de complexidade. Por isso, é importante que os dados recebam tratamento por meio de programa estatístico. A aplicação do *GoldVarb* ao corpus desta análise possibilitou o controle da frequência da variável em estudo, considerando os grupos de fatores estabelecidos para análise.

¹⁷ *Idem.*

Capítulo V

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nos procedimentos metodológicos explicitados no capítulo 4 referentes à metodologia do estudo, apresenta-se a análise do *corpus* investigado. Em um primeiro momento, trazem-se os resultados obtidos referentes à frequência da perífrase gerundiva ‘ir/poder (presente) + estar + gerúndio’ na escrita mais e menos formal. Após, apresenta-se a análise da amostra da fala sobre a qual se aplicou o tratamento estatístico por meio do Programa *GoldVarb* para verificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que se comportam como favorecedores ou inibidores da ocorrência da perífrase estudada. Por fim, apresentam-se os resultados de uma enquete realizada com a finalidade de avaliar a aceitabilidade do emprego do gerúndio entre os docentes.

5.1 O gerúndio como expressão de futuridade na escrita

Para a análise da frequência da construção gerundiva na escrita, focalizou-se a identificação da perífrase ‘ir/poder (presente/futuro) + estar + gerúndio’ em textos de maior e menor grau de formalidade. Conforme explicitado no capítulo 4, como representativos da escrita mais formal, foram selecionados dois periódicos da cidade de Manaus, os jornais ‘A crítica’ e o ‘Diário do Amazonas’, considerados como direcionados às classes média e alta manauara (ARAÚJO, 2016). Da escrita menos formal, destacaram-se os comentários extraídos da página de *Facebook* do programa televisivo ‘Alô Amazonas’ e interações de dois grupos de usuários do aplicativo *WhatsApp*, um constituído por professores universitários e acadêmicos e outro somente pelos professores, os quais trocam mensagens a respeito do espaço acadêmico.

A análise mostrou um resultado nulo de ocorrências da perífrase gerundiva na amostra dos textos de jornais pesquisados, conforme delimitação apresentada em 4.1 Já, nas mensagens trocadas pelo *WhatsApp*, houve três ocorrências:¹⁸

(153) Gente, *vou estar chamando* os professores para estarem com os alunos do Enade no dia da prova. (mensagem de *WhatsApp*. Grupo de professores, em 22/11/2015).

(154) Vão logo é preparando os slides para apresentar o TCC. *Eu vou estar lá assistindo* de camarote.

(mensagem de *WhatsApp*. Professor em grupo de professor e aluno, em 04/12/2015).

(155) Consegui a carona vou com a XX

_Então, Eu *vô tá aqui esperando*.

(mensagem de *WhatsApp*; aluno no grupo de professores e alunos, em 10/11/2015).

Considerando as três ocorrências, analisa-se que, no exemplo (135), a construção gerundiva possui como núcleo da perífrase o verbo ‘chamar’, um evento pontual, que não é compatível com o traço de duratividade. A locução adverbial ‘*no dia da prova*’ também é compreendida como pontual. As outras duas ocorrências, (154) e (155), apresentam os verbos ‘assistir’ e ‘esperar’, respectivamente, no gerúndio. As duas orações podem ser entendidas como eventos durativos, télicos, que apresentam início, meio e fim de sua realização, o que favorece a ocorrência da construção gerundiva em estudo. Observa-se que nesse contexto de análise, não aparece nas orações marcas de futuridade fora das perífrases verbais.

Esse resultado confirmou a hipótese de que a construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ é evitada na escrita, mesmo em situações de comunicação menos monitorada, menos formal, a exemplo das mensagens que têm como suporte o aplicativo *WhatsApp*. Assim, pode-se dizer que essa ínfima ocorrência da construção gerundiva na escrita era um resultado esperado, pois se sabe que as mudanças na escrita padrão da língua acontecem de forma gradual.

Sabe-se que, a fala e a escrita são modalidades diferentes de comunicação, no entanto, não existe superioridade de uma sobre outra, são complementares e se distribuem em um contínuo de gêneros discursivos. As variações e mudanças linguísticas têm como ponto de partida a fala. A escrita, por sua vez, costuma ser mais resistente às variações.

A título de exemplificação, para expressar o tempo futuro, ocorrem a variante sintética e a perifrástica. A variante concorrente ‘ir + infinitivo’, bastante produtiva no português

¹⁸ Devido à baixa ocorrência da construção gerundiva em estudo na escrita não foi necessário aplicar o programa estatístico a essa parte da amostra.

contemporâneo falado, aos poucos vem se integrando à escrita, conforme mostram resultados das pesquisas na área. Nessa perspectiva de estudo, destacam-se as pesquisas de Araújo e Martins (2015) e Araújo (2016) que investigam a ocorrência da perífrase de futuro em periódicos jornalísticos da imprensa manauara.

Por isso, embora estatisticamente pareça insignificante o registro na escrita de apenas (03) ocorrências da construção gerundiva, esse é um dado relevante que não se pode deixar de mencionar, ainda mais porque ocorreu entre professores universitários, os quais, em outros estudos, têm-se mostrado mais resistentes ao emprego dessa construção sintática. Esse fato demonstra um indício da expansão da forma inovadora, conhecida como gerundismo, na escrita menos formal, empregada na troca de mensagens por meio do aplicativo *WhatsApp*.

Dessa maneira, essa análise foi relevante como indicadora do estágio em que se encontra o fenômeno da variável em tempo real, o que é relevante para a prospecção da variação e mudança no percurso da língua.

5.2 O gerúndio como expressão de futuridade na fala

Para a análise da fala, a amostra foi constituída por inquéritos de diferentes graus de monitoramento. Os dados representativos da fala mais monitorada são formados por:

a) 12 entrevistas entre documentador e informante (DID) e 06 Elocuções Formais (EF), ambos coletados com professores;

b) 12 inquéritos gravados entre atendentes de loja e promotores de venda (vendedor (a)/comprador (a)). Nesse caso, somente os excertos da fala dos vendedores que constituíram objeto de análise;

c) Entrevistas veiculadas pelo programa jornalístico ‘Alô Amazonas’, no que se refere às formas gerundivas, considerando as falas de entrevistadores e entrevistados.

Da fala menos monitorada, foram analisados excertos da fala espontânea do cotidiano, registrados no Diário de Campo, em situações simétricas e assimétricas, no contexto familiar, entre amigos e colegas de trabalho na universidade.

Procedeu-se à análise da amostra assim constituída, com o objetivo de investigar contextos de ocorrência da construção gerundiva em estudo, a partir desta delimitação estabelecida na constituição dos dados e segundo os critérios de seleção e procedimentos de coleta de dados explicitados em 4.1. Assim foram identificadas 185 ocorrências de ‘ir/poder (presente) + estar + gerúndio’.

Para verificar os contextos favorecedores ou inibidores da ocorrência da perífrase gerundiva, foram selecionados os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos para serem verificados:

- I) variável dependente: a) gerundismo e b) não gerundismo;
- II) tipos de verbo: auxiliar: ir (presente); modal: poder (com indicativo de certeza; sem indicativo de certeza; 3. com indicativo de dúvida);
- III) marcas de tempo futuro: a) presença da marca (advérbio de tempo; locução encabeçada pela preposição ‘em’; locução não encabeçada pela preposição ‘em’); b) ausência de marca. A codificação de locuções encabeçadas ou não por ‘em’, deve-se à hipótese que se levantou de que a presença desta preposição seria um contexto de inibição para a ocorrência da construção gerundiva.
- IV) Tipos de Oração: a) oração absoluta; b) oração principal, c) oração subordinada, d) oração coordenada, e) oração interrogativa;
- V) Pessoa do Discurso: a) primeira pessoa do singular e do plural (eu, nós, a gente); b) segunda pessoa do singular e do plural (tu, você, vocês); c) terceira pessoa do singular e do plural (ele, eles).

Como extralinguísticos foram verificadas as seguintes variáveis independentes:

- I) Gênero/Sexo: a) Masculino; b) Feminino.
- II) Faixa Etária: a) Faixa I (18 a 35 anos); b) Faixa II (36 a 46); c) Faixa III (acima dos 46 anos).
- III) Escolaridade: a) Ensino Fundamental, b) Ensino Médio, c) Ensino Superior Incompleto, d) Ensino Superior Completo;
- IV) IV Profissão: a) Professores; b) Vendedores (atendentes de loja e promotores de venda)

Os dados que constituíram a amostra foram codificados para que pudessem ser quantificados pelo programa estatístico *GoldVarbX*. Fez-se o cruzamento dos grupos de fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos selecionados, para analisar o comportamento da perífrase (ir/poder) + estar + gerúndio e os contextos em que se manifestam.

Na amostra, a construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’, a variável dependente foi codificada como ‘gerundismo’ e ‘não gerundismo’. Foram analisadas como ‘não gerundivas’ as ocorrências em que havia uma relação de concomitância entre os eventos, ou seja, quando uma ação ocorre enquanto outra se realiza. Por exemplo: “Não me ligue nessa hora, porque eu vou *estar almoçando*”. Nos demais contextos, foram analisadas como ‘gerundismo’. Os resultados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1: Variável dependente: gerundismo e não gerundismo

Variável	Número de Dados	Percentual
Gerundismo	139	97,9%
Não Gerundismo	3	2,1%
Total	142	100%

Conforme é apresentado na tabela 1, a amostra se constituiu quase que exclusivamente de gerundismo, aqui codificadas como as construções ‘ir/poder (presente) + estar + gerúndio’ em que a ação não ocorre no momento de outra, considerada no futuro.

5.2.1 Frequência do verbo auxiliar e modal nas construções gerundivas

Ao quantificar a frequência da construção inovadora ‘ir/poder + estar + gerúndio’ com indicação de evento futuro, na fala manauara, pretendeu-se mensurar na amostra da análise a ocorrência desse fenômeno linguístico, na população em estudo. Esse fenômeno de variação linguística é tratado por muitos críticos e conservadores da língua “correta”, como gerundismo, ou seja, “erro” de construção, haja visto que outras pesquisas apontam para uma tendência de uso desta construção gramatical como indicação de futuro em outras regiões do país. A tabela 2 apresenta a distribuição dos dados que constitui a amostra.

Tabela 2 – Distribuição dos dados com construção de gerúndio

Fatores	Número de Dados	Percentual
verbo auxiliar ir+ estar + gerúndio	142	76.8%
verbo modal/poder sem indicativo de certeza	42	22.7%
verbo modal/poder com indicativo de certeza	1	0.5%
verbo modal/poder com indicativo de dúvida	0	0
Total	185	100%

No conjunto de 185 dados, as construções com o verbo ‘ir’ são muito mais frequentes que as com ‘poder’. Com o verbo modal, a ocorrência é, quase que exclusivamente, sem indicativo de certeza.

(156) A dança disciplina de um jeito que você *pode estar passando* de um lado pro outro.
(Programa televisivo ‘Alô Amazonas’, entrevistado, em 10/10/2015)

5.2.2 Análise dos fatores linguísticos favorecedores ou inibidores da perífrase gerundiva

Esta sessão analisa os grupos de fatores selecionados por esta pesquisa, como favorecedores ou inibidores da perífrase ‘ir/poder + estar + gerúndio’ como indicação de futuro na diversidade do português manauara. Nesta perspectiva, apresenta-se o resultado estatístico dos fatores controlados, que foram os linguísticos (marcas de tempo futuro, tipo de oração, pessoa do discurso) e os extralinguísticos (gênero/sexo, faixa etária, profissão, nível de escolaridade e graus de formalidade). O programa estatístico selecionou como grupos de fatores mais significantes dois grupos: marcas de tempo futuro e tipos de oração. No entanto, os resultados de outros fatores também são demonstrados tendo em vista apresentar uma análise mais detalhada do fenômeno de ocorrência da variante em estudo.

5.2.2.1 Marcas de Tempo Futuro

A tabela 3 destaca a estatística obtida na verificação do fator ‘Marca de Tempo Futuro’ no contexto variante de futuro ‘ir/poder + estar + gerúndio’. A hipótese a ser verificada é se a perífrase gerundiva é favorecida por este fator. A verificação desta hipótese neste estudo deve-se ao fato de que outras pesquisas como a de Torres (2009, p. 135) mostrou que a presença de um constituinte indicador de tempo futuro como os advérbios de tempo e locuções adverbiais favorece a construção com três verbos que expressam futuro.

Na amostra desta análise, os resultados foram:

Tabela 3 – Marcas de Tempo Futuro

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Ausência de Marca	165/185	1/185	89,7%

Presença de Marca	17/185	2/185	10,3%
Total	182	3	185

Diferentemente dos resultados obtidos por Torres, nessa amostra a ausência de marca é que foi favorecedora da perífrase gerundiva, com 89,7% das ocorrências. Ao passo que, com a presença de marca, houve 17 dados, o equivalente a 10,3% de ocorrência. Os exemplos (157) e (158) ilustram a ocorrência sem marca de tempo futuro e o (159) exemplifica a ocorrência com marca de tempo futuro, o qual apresenta em sua estrutura o advérbio de tempo ‘amanhã’.

(157) “[...] Se a gente saí daqui *vão tá reclamando* né? E a gente vai deixa de ajudar a coordenação [...].”

(Diário de campo, professores em ambiente de trabalho)

(158) “Por hoje é só tem festa na ilha e nós *vamos estar* apresentando direto de Parintins.”
(Programa televisivo ‘Alô Amazonas’; apresentador)

(159) “Quem não trouxe o dinheiro amanhã eu *vô tá passando* pra pegá”.

(Diário de campo, díade simétrica, alunos)

Isso permite dizer que a ocorrência da perífrase não depende ou não está atrelada à marca de tempo futuro. No confronto dos pesos relativos, o programa apontou para a ausência de marca (0,632) e para presença de marca (0,009).

Este resultado coincide com o que foi apresentado por Santos (2008). Ao analisar o aspecto e a temporalidade no advérbio para o gerundismo expandido (*vou estar enviando*), registrou 0,69 de ausência de marca. Nas ocorrências com marca de futuro foi mais frequente o aspecto pontual em referência a mais de uma semana (0.55).

A pesquisadora apresenta alguns exemplos de sentenças gerundismo sem marca de futuro registradas: “*eu vô tá colocando* uma etiqueta que vale por trinta dias pode ser?” e “*vou tá verificando* se o livro está disponível na editora”. Esclarece que “a ação se efetivou imediatamente após a fala, graças ao recurso da informatização de estoque, a resposta foi dada. A etiqueta também foi colocada no mesmo instante” (p. 81). Com isso, Santos¹⁹ chama a atenção para se desmistificar a ideia de que a forma inovadora é usada quando há a intenção de não realização da ação.

¹⁹ *Idem*

5.2.2.2 Tipos de Oração

Outro fator controlado foi o ‘tipo de oração’, com o intuito de verificar quais orações favoreciam a utilização da construção inovadora. A ocorrência da perífrase foi examinada em cinco tipos de oração: oração absoluta, coordenada, principal, subordinada e interrogativa. Os resultados constam na tabela 4.

Tabela 4 – Tipo de Oração

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Oração Absoluta	12/185	0/185	6,5%
Oração Subordinada	34/185	1/185	18,9%
Oração Principal	13/185	2/185	8,1%
Oração coordenada	118/185	0/185	63,8%
Oração Interrogativa	5/185	0/185	2,7%
Total	182	3	185

Os dados apresentados na tabela 4 destacam que há maior frequência de ocorrência da perífrase (ir/poder) + estar + gerúndio é em orações coordenadas, 63,8%, seguidas pelas subordinadas, com 18,9%. O menor índice de ocorrência foi no contexto das orações interrogativas, 2,7%. Este resultado difere dos encontrados por Santos (2008). A pesquisadora constatou em sua pesquisa, que a construção ‘ir + estar + gerúndio’, denominada por ela de ‘gerúndio expandido’, é favorecida nos casos de oração absoluta (p. 75).

5.2.2.3 Pessoas do Discurso

O fator ‘pessoa do discurso’ apontou os seguintes resultados, expostos na tabela 5.

Tabela 5 – Contexto Pessoa do Discurso

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Primeira Pessoa do Singular	43/185	3/185	24%
Segunda Pessoa do Singular	83/185	0/185	44,9%
Terceira Pessoa do Singular	22/185	0/185	11,9%
Primeira Pessoa do Plural	29/185	0/185	15,5%
Terceira Pessoa do Plural	5/185	0/185	2,7%
Total	182	3	185

A disposição dos números na tabela indica que a perífrase ‘ir/poder + estar + gerúndio’ acontece com todas as pessoas do discurso. O maior índice de ocorrência é com a segunda pessoa do singular (tu, você), com frequência significativa 44,9%, seguida da primeira pessoa do singular, 24%. O menor índice de ocorrência da perífrase estudada foi com a terceira pessoa do plural, 2,7%. É importante destacar que este grupo, embora tenha sido eliminado pelo programa estatístico, considera-se pertinente apresentar as informações, visto que evidenciam o espraiamento do uso da construção em todas as pessoas do discurso.

Além disso, é importante se remeter aos resultados da pesquisa de Torres (2009, p. 136). O autor, ao comparar o futuro médio perifrástico estendido e o futuro médio simples, explica que “esperava que o primeiro fosse favorecido pelo fator não locutor (ele/eles), em que não haveria nenhum comprometimento por parte do falante”. No entanto, os dados mostraram que a presença desses fatores não foi estatisticamente relevante para explicar o uso de futuro médio perifrástico estendido, que é o objeto do presente estudo.

Também, na amostra da fala manauara, foi justamente a pessoa referente ao não locutor que tiveram os índices mais baixos de ocorrência.

5.2.2.4 Fator Gênero/Sexo

Quanto ao fator gênero/sexo, o propósito foi verificar se havia favorecimento do uso da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ a um dos gêneros. A tabela 6 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 6 – Realização da Fator Sexo

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Feminino	111/185	2/185	61,1%
Masculino	71/185	1/185	38,9%
Total	182	3	185

Os resultados na tabela evidenciam maior frequência no uso da perífrase gerundiva, conhecida como gerundismo, na fala feminina, 61,1%. Enquanto que para o gênero masculino a ocorrência foi de 38,9%.

Esse resultado que desponta o gênero feminino com um percentual bem mais alto do que o masculino na fala de Manaus é um dado importante sobre o gerundismo nesta população em estudo, mas que deve ser interpretado com cautela, pois é necessário ser visto correlacionado aos resultados de outros fatores.

No âmbito da Teoria da Sociolinguística Variacionista, Labov (2008 [1972] p. 81) aponta que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens”. Considerando que a variante inovadora estudada é uma forma que tende a ser avaliada pela sociedade brasileira como um vício de linguagem que deve ser evitado, seria de se esperar que o gênero masculino fosse mais favorecedor à ocorrência do gerundismo.

Freitag (2012, *apud* OLIVEIRA, *et. al.*, 2014) contribui com esta discussão, ao afirmar que os homens tendem a usar a forma inovadora, impulsionando a mudança, ao passo que as mulheres tendem a fazer uso da forma canônica, abonada pela gramática normativa.

Isso é confirmado no estudo de Torres (2009), ao afirmar que “pode-se dizer que há uma tendência, embora leve e em termos percentuais, ao favorecimento de gerundismo em oposição ao não gerundismo pelo sexo masculino, usam mais livremente as variantes estigmatizadas” (p. 151).

Esse princípio da Sociolinguística é reforçado nos resultados do estudo apresentado também por Oliveira (2006): “o grupo ‘sexo/gênero do informante’ foi selecionado apenas na fala mais formal, o que indica que a distinção homem X mulher é anulada na fala menos formal” (p. 126). Contudo, Paiva (2012, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 10) alerta que é evidente que qualquer explicação acerca do efeito da variável sexo/gênero pressupõe certa cautela, dadas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações

sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino (PAIVA 2012: 41).

A partir do que aponta a Teoria da Sociolinguística Variacionista a respeito do fator gênero/sexo e dos resultados obtidos por outros estudos, conforme descrito acima outras pesquisas, a constatação de maior frequência do gerundismo na fala feminina deve ser interpretada, conforme dito no início dessa discussão, correlacionando outros fatores como o contexto de formalidade ‘mais e menos formal’ e o grau de escolaridade.

Quanto ao fator escolaridade, as mulheres que participaram deste estudo como informantes diretas possuem ensino superior (professoras) e ensino médio (atendentes de loja e promotoras de venda) e quanto ao contexto mais formal e menos formal, o gerundismo foi mais frequente em contextos menos formais.

Logo, considerando o princípio de que as mulheres tendem a encabeçar a mudança quando a forma inovadora não é estigmatizada, estudos referentes à aceitabilidade do gerundismo entre os manauaras vão contribuir para melhor compreender a mudança em curso. Nesse estudo, foi realizada uma enquete a esse respeito, no entanto, restringiu-se aos professores. Seria necessário que tivesse um prosseguimento, sendo ampliada a outros segmentos sociais da sociedade.

5.2.2.5 Fator Faixa Etária

O fator faixa etária foi selecionado para este estudo por ser um dado importante nas pesquisas sociolinguísticas. Embora não tenha sido escolhido pelo programa GoldvarbX como significativo na amostra em análise, considera-se pertinente apresentar as informações, já que a faixa etária indica se a variável inovadora aponta para uma mudança em tempo real ou em tempo aparente e se se trata de variação estável ou de mudança em curso, conforme explica Oliveira (2006, p. 129).

Tabela 7 – Faixa Etária

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Faixa Etária I (18 a 35)	130/185	2/185	71,4%
Faixa Etária II (36 a 45)	50/185	1/185	27,6%

Faixa Etária III (46 em diante)	2/185	0/185	1.1%
Total	182	3	

Os dados apresentados na tabela 6 apontam que a frequência de uso da construção tachada de gerundismo é muito maior na primeira faixa etária (18 a 35), alcançando o total de 71% dos dados da amostra. O percentual de ocorrência do gerundismo na terceira faixa etária foi ínfimo, somente 1,1%. Na segunda faixa etária, o percentual é bem mais elevado em referência à terceira faixa, mas ainda se distancia em muito da frequência identificada na primeira faixa etária. Esse resultado evidencia que, na fala manauara, o emprego do gerundismo como forma inovadora indica uma mudança em curso bem acentuada.

Esse resultado da variável faixa etária é um dado bastante importante para a Sociolinguística Variacionista, “[...] pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso” (OLIVEIRA, 2006, p. 129).

Logo, o resultado do fator faixa etária na fala manauara apontando que se trata de uma mudança em curso é um dado importante que pode também ser melhor compreendido correlacionado a outros fatores.

5.2.2.6 Fator Profissão

O fator profissão foi selecionado com o intuito de verificar se a profissão é um fator que inibe ou favorece o uso da perífrase ‘ir/poder + estar + gerúndio’ na codificação de tempo futuro. A hipótese era a de que este fator inibisse o uso da construção gerundiva na fala dos professores e que favorecesse na fala dos atendentes de loja e promotores de venda. Na amostra foram amalgamados os dados das 06 Elocuções Formais (EF) coletadas com professores, 12 inquéritos registrados com os vendedores em ambientes de trabalho e dados do diário de campo. Exemplos desses registros são:

(160) “[...] – Ela não gostô que o professor que foi professor da turma antes passou email com o conteúdo pros alunos.”

– Sêrio!

– Porque ela disse eles já iam saber o assunto dela eu disse isso não é bom? Aí eu disse pra ela então planeja tua aula e dá uma aula excelente porque tu *vai tá* dando aula pra quem sabe do assunto tu *vai tá explicando* assunto pra gente que conhece [...]”

(Diário de campo. Professor, díade simétrica em ambiente de trabalho)

(161) “[...] Professora se eu falar de tributação das pequenas empresas *vai tá abrangendo* toda a tributação das pequenas empresas [...]”

(Diário de campo. Acadêmico, díade assimétrica: professor/aluno)

A respeito das entrevistas com os professores que foi um instrumento empregado para a constituição do *corpus*, retoma-se o fato de que não produziu nenhum dado. No entanto, esse resultado nulo foi importante para compreender com maior abrangência o fenômeno da variável em estudo. O que se concluiu é que em situações de alto grau de monitoramento, as construções gerundivas ‘ir/poder + estar + gerúndio’ são evitadas na fala dos professores.

Para apresentação dos resultados, reuniu-se, na tabela 8, não somente a frequência do gerundismo na fala de professores e atendentes, mas incluiu-se na fala dos acadêmicos, dos apresentadores e entrevistados do programa televisivo local e na fala de um grupo que não foi discriminado em relação à profissão que é o constituído por familiares e amigos. Esse último grupo consta na tabela para efeitos da composição do total de dados apresentados. Os resultados desta verificação apresentam-se na tabela 8.

Tabela 8 - Profissão

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Familiares/Populares/Amigos	31/185	1/185	17,3%
Entrevistados (pelo programa televisivo)	7/185	0/185	3,8%
Jornalistas (apresentadores e entrevistados do programa televisivo Alô Amazonas)	37/185	0/185	20%
Acadêmicos de Ensino Superior	14/185	1/185	8,1%
Professores	39/185	1/185	21,6%
Vendedores	54/185	0/185	29,2%
Total	182	3	185

Na disposição dos dados na tabela, observa-se das 185 ocorrências, 54 são da fala dos atendentes de loja e promotores de venda, correspondente a 29,2%. Na fala dos professores registraram-se 39 dados, o equivalente a 21,6%. Na sequência estão as ocorrências na fala de apresentadores do programa televisivo ‘Alô Amazonas’, alcançando 20% e dos demais em que se contabilizou a fala de familiares, populares e amigos, foi de 17,3%.

Os exemplos (162) e (163) representam a ocorrência da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ na fala dos atendentes de loja e promotores de venda.

(162) “é...então esse aqui é smart xxx controle a gente tá trabalhando com ele o plano tem duzentos MB e até dezembro a gente *vai tá dando* de cortesia mais duzentos MB ele possui ligações ilimitadas para todo Brasil. ”

(Inquéritos D2. Díade assimétrica entre vendedor/comprador).

(163) “[...] você tem que passa doze meses com esse plano pra podê vir a cancelá ele se você cancelá fora do prazo você pode também mas *vai tá pagando* uma taxa por quebra de contrato.”

(Inquéritos D2. Díade assimétrica entre vendedor/comprador).

E os enunciados expressos em (164) e (165) exemplificam a ocorrência da perífrase na fala dos docentes em ambiente formal.

(164) “[...] A gente não sabe que horas que os professores que vão avaliar *vão ta passando* então não pode falta ninguém [...]”

(Elocução formal. Professor em sala de aula)

(165) “[...] Esse aqui é manual vocês *já vão tá recebendo* alguns já receberam outros não receberam a gente *vai tá mostrando* o calendário acadêmico eu sempre faço um resumo do calendário acadêmico [...]”

(Elocução formal. Professores em ambiente de trabalho)

Por conseguinte, os resultados da análise indicam a confirmação da hipótese de que o fator profissão inibe o uso da perífrase na fala dos docentes, embora a discrepância entre os índices não seja alargada. Outro dado importante a ser notado é a similaridade de ocorrência do gerundismo na fala dos professores (21,6 %) e dos jornalistas (20%), embora a deste último grupo não foi incluído nas hipóteses levantadas no início desse estudo quanto ao fator profissão como favorecedor ou inibidor da ocorrência do gerundismo.

Também foi verificado que, na fala dos acadêmicos, o gerundismo ocorreu 8,1%, sendo, portanto, muito menos frequente que na dos professores. No entanto, esse dado deve ser visto com precaução, uma vez que os acadêmicos são participantes indiretos neste estudo, no sentido que os dados que deles provêm são constituídos somente de anotações em diário de campo e, portanto, nesse caso, não se pretendeu controlar esse grupo de fator ‘professor versus acadêmico’ quanto à frequência de uso de gerundismo. Para isto seria necessário obedecer ao critério de equidade quanto ao número de dados de cada grupo representado. Ressalta-se que

esse resultado apontado na tabela 8 quanto à frequência do gerundismo entre os acadêmicos é importante para demonstrar que todos os dados da amostra foram considerados na rodada do programa estatístico, além de apontar para uma futura investigação para a melhor compreensão do fenômeno em estudo.

5.2.2.7 Fator Nível de Escolaridade

O fator nível de escolaridade também foi verificado neste estudo. A hipótese formulada é a de que o menor grau de instrução favorece o uso da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’. Do grupo com nível superior fazem parte professores e jornalistas (apresentadores e entrevistadores de programa televisivo) e do ensino superior incompleto, referente aos acadêmicos, em interação com os professores. Do ensino médio, os atendentes de loja e promotores de venda, além de parte do grupo constituído por populares, amigos e familiares. Outra parte deste último grupo possui apenas ensino fundamental.

Tabela 9 - Nível Escolaridade

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Ensino Fundamental	3/185	0/185	1,6%
Ensino Médio	84/185	0/185	45,4%
Ensino Superior Incompleto	14/185	1/185	8,1%
Ensino Superior Completo	81/185	2/185	44,9%
Total	182	3	

Os dados apresentados na tabela mostram que dos 185 dados, 84 foram registrados na fala de pessoas com nível de escolaridade médio, um percentual de 45%. E, 81 foram de ocorrências na fala de pessoas com ensino superior, alcançando a 44,9%. Observa-se que há uma equiparação entre os níveis, o que mostra que as pessoas com maior grau de escolaridade não têm resistência em utilizar a construção gerundiva em estudo. Portanto, não se confirmou a hipótese de que o gerundismo seria inibido na fala de pessoas com grau de escolaridade nível superior.

5.2.2.8 Grau de Formalidade

O fator grau de formalidade também foi selecionado neste estudo para verificar o comportamento do uso da perífrase gerundiva, considerando as interlocuções em contextos mais e menos formais, divididos em contextos formais, menos formais e informal. Foram consideradas como formal o ambiente de trabalho que, no caso dos professores, foram reuniões pedagógicas e sala de aulas e, no caso dos atendentes de loja e promotores de venda, os diálogos com os consumidores. Como contextos menos formais, foram agrupadas as ocorrências no contexto do programa televisivo local e como informal os ambientes em que ocorriam interação entre professores, como colegas de profissão nos momentos de intervalo do trabalho, entre amigos e familiares.

Tabela 10 - Graus de Formalidade

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Formal	39/185	2/185	21,6%
Menos Formal	98/185	0/185	53%
Informal	45/185	2/185	25,4%
Total	182	3	185

A partir das informações registradas na tabela, verifica-se que a maior ocorrência da perífrase gerundiva em estudo foi em contexto menos formal, alcançando 53%. Em contextos formal e informal, os resultados apontam para uma relativa equivalência referente à frequência, sendo 21,6% e 25%, respectivamente, com vantagem discreta para as ocorrências em contextos informais. Apesar dessa proximidade referente à frequência entre contextos formais e informais, confirma-se a hipótese que nos contextos formais a ocorrência do gerundismo é menos produtiva.

Esses dados são relevantes para a análise, uma vez que evidencia que o gerundismo não está restrito a ocorrer somente em um tipo de contexto. Essa variável inovadora, considerando a amostra analisada, apresenta-se, na fala, em todos os graus de formalidade, embora tenha menor índice no ambiente formal.

No ambiente classificado como menos formal, por exemplo, estão inseridas as ocorrências no programa televisivo local, em que foram registradas díades de apresentador, repórter e entrevistado. Os exemplos (166), (167) e (168) ilustram o uso da perífrase nestes ambientes.

(166) “[...] É impressionante como existem muitos pontos na cidade de Manaus da Manaus Ambiental nessa situação nós entramos em contato com a concessionária e eles disseram que logo *vão tá resolvendo* aí esse problema aí da rua Santo Afonso.”

(apresentador em programa televisivo local)

(167) “[...] essas áreas de estacionamento elas chegam ai até a Avenida do Turismo e aí pra esse perímetro de segurança no caso pra evita o robo dos veículos que também é muito comum a polícia montada *vai estar atuando* andando sempre onde estiverem estacionados os carros dentro dos eventos em si principalmente na Ponta Negra vai tê aí pelo menos quatrocentos policiais que *vão estar dando* o suporte necessário para a guarda municipal né.” (repórter em programa televisivo local)

(168) “[...] Nós vamos colocar 20 viaturas que *vão tá* rodando nas ruas então pra você que não se senti seguro nas ruas pode contar com a segurança aí.)

(Entrevistado em programa televisivo local)

É importante lembrar que estes programas apresentam roteiro de escrita e de fala, ou seja, há momentos em que o apresentador lê a notícia no monitor e, em determinados momentos, faz comentário a respeito de algum assunto voltado ao interesse da sociedade manauara. É exatamente quando o interlocutor se desvincula do texto escrito que foram registrados os gerundismos. Esta mesma circunstância favorece o uso desta construção gerundiva pelos repórteres, os quais utilizaram a forma inovadora, no momento em que precisavam noticiar para o programa através de links ao vivo.

No que se refere a ambientes formais, como as reuniões pedagógicas e sala de aula apresentam-se como exemplos da ocorrência do gerundismo os enunciados (168) e (169):

(169) “[...] Eu vou apresentar algumas coordenações novas e eu *vou estar chamando* a professora X [...] a nossa meta agora é transformar a instituição num centro universitário e aí eu *vou estar apresentando* pra vocês alguns resultados...”

(Elocução formal. Professor em ambiente de trabalho)

(170) “[...] Olha façam silêncio depois a gente *vai ta fazendo* a conferência eu e a professora [...]”

(Diário de campo. Professor. Díade assimétrica Professor/Aluno)

Os exemplos expressos em (171), (172) e (173) ilustram a ocorrência perífrase inovadora em ambientes informais.

(171) “[...] Amanhã *vão tá fazendo* biometria aqui nessa unidade há eu vou fazer a minha [...]”.

(Diário de campo. Professor; Díade simétrica Informal/Professores)

(172) _ Professora a senhora pode tirá uma dúvida minha?

_ Sim, sim.

_ A minha cliente tá pedindo aposentadoria.

_ Sob que alegação?

_ De que a patroa tá exigindo muito dela pô... se ela tá nove anos sem trabalha como é que ela *vai tá exigindo*?

(Diário de campo. Professor; díade simétrica professores/ informal)

(173) “[...] eu falei pra mamãe e ela ainda ficô chateada disse mãe a senhora já tá com esse problema aí eu *vô tá levando* mais problema [...]”

(Diário de campo, díade simétrica, ambiente familiar)

Diante dos resultados apresentados e dos exemplos que ilustram o uso da perífrase ‘ir/poder + estar + gerúndio’, para expressar o futuro, há que se considerar que essa construção gerundiva é altamente frequente na fala, mas também não é nula na escrita menos monitorada.

Não é pretensão deste estudo registrar um quantitativo elevado de dados deste fenômeno linguístico, visto como inovador no português brasileiro, mas sim, descrever o comportamento de sua inserção na fala manauara. Da análise, entende-se que a construção, a qual é vista como “errada” por muitos críticos e gramáticos, vem se expandindo na fala, caracterizando-se como uma mudança em curso, e não está restrita a determinado grupo de falante, faixa etária, gênero ou à determinada situação de comunicação, embora selecione, entre os fatores extralinguísticos, o gênero feminino, a primeira faixa etária, os atendentes de loja e promotores de venda e os contextos menos formais como fatores favorecedores da ocorrência do gerundismo.

5.3 Grau de aceitabilidade dos docentes no emprego da perífrase inovadora (*ir*) + *estar* + *gerúndio*

A decisão de fazer a sondagem com os professores a respeito da construção inovadora surgiu a partir do Diário de Campo, metodologia utilizada pela pesquisadora para registrar a

fala no cotidiano dos manauaras. Os registros apontavam uma frequência no uso da construção, na fala dos docentes em ambiente de trabalho, tanto em situações de formalidade como em reuniões pedagógicas, diálogos com alunos em sala de aula e em situações descontraídas como em uma conversa com o colega de profissão nos momentos de intervalo. Entretanto, nas entrevistas entre documentador e professores, nenhum dado foi registrado neste contexto de alto grau de monitoramento. O fato poderia apontar para um uso espontâneo do gerundismo, que era inibido em situações monitoradas e formais. Sendo assim, foi proposta esta sondagem, com o objetivo de verificar a aceitabilidade da utilização da construção perifrástica com gerúndio, com estrutura ‘estar + gerúndio’ e ‘ir (presente) + estar + gerúndio’, uma vez que se observou o emprego dessas estruturas pelos professores em sua fala no cotidiano.

Para que se alcançasse o objetivo, aplicou-se um questionário composto por 16 sentenças gerundivas, consideradas como gerundismo pela norma prescritiva. Essas foram construídas com dois verbos (estar + gerúndio), a exemplo de “A partir do dia 09 de setembro *estaremos recebendo* as provas para serem avaliadas pela coordenação” e com três verbos, restringindo-se à estrutura ‘ir (presente) + ‘estar’ + gerúndio, como em “Todos os professores *vão estar conversando* com vocês na sala de aula sobre as atividades que serão realizadas”.

O questionário foi aplicado a 14 professores, distribuídos em dois grupos de estudo. O primeiro grupo constitui-se de professores participantes diretos da pesquisa, isto é, os docentes que participaram também das entrevistas. O segundo foi formado por aqueles que são participantes indiretos, ou seja, que foram selecionados através do Diário de Campo, pelo critério de utilização frequente da construção com gerúndio em estudo. A todos, solicitou-se que assinalassem as sentenças que estivessem de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

Essa estratégia da enquete foi utilizada para analisar se o comportamento linguístico dos professores estava embasado em conhecimento sobre as regras gramaticais que prescrevem o emprego do gerúndio e manutenção dessas ou se haveria uma permissividade em relação ao que a norma prescreve e o efetivo uso da língua legitimado por eles como norma culta e quais estruturas que possuem maior aceitação entre a população em estudo.

A tabela 11 a seguir apresenta os índices de aceitabilidade pelos dois grupos de professores às construções gerundivas, apresentando as 16 questões que constituíram a enquete e analisando as sentenças que foram mais legitimadas pelos docentes. Citam-se os resultados da enquete sobre as questões (3), (5), (09), (10), (13), (14), (15) e (16). Na tabela, em referência à indicação ‘A’ que consta na tabela 10, leia-se: em acordo com a Norma Culta, e ‘D’, em desacordo com a Norma Culta.

Tabela 11 – Aceitabilidade do gerundismo entre os docentes²⁰

Nº	Sentenças	Grupo 01		Grupo 02	
		A	D	A	D
01	A escola não <i>vai mais estar liberando</i> os alunos antes do horário.	11%	89%	20%	80%
02	Os alunos serão liberados mais cedo na semana que vem porque o professor de matemática <i>vai estar viajando</i> .	33%	67%	20%	80%
03	A partir do dia 09 de setembro <i>estaremos recebendo</i> as provas para serem avaliadas pela coordenação.	67%	33%	100%	0%
04	Os cartões de crédito vão estar disponíveis nas agências bancárias. Quem necessitar de mais informações, <i>queiram estar solicitando</i> aos seus gerentes.	11%	89%	20%	80%
05	No período de 08 a 15 de setembro <i>estaremos enviando</i> o formulário de inscrição aos candidatos inscritos no certame.	56%	44%	100%	0%
06	Não consegui fazer a minha inscrição ainda, mas <i>vou estar tentando</i> de novo logo mais à noite.	36%	67%	20%	80%
07	Todos os professores <i>vão estar conversando</i> com vocês na sala de aula sobre as atividades que serão realizadas.	44%	56%	60%	40%
08	Os resultados do seu exame já estão prontos, na terça-feira pela manhã você <i>vai estar recebendo sem problemas</i>	11%	89%	40%	60%
09	Para não haver atropelos, já <i>vou estar pedindo</i> o resumo do livro, uma semana antes da realização da prova.	33%	67%	40%	60%
10	Talvez, na outra semana, nós já <i>vamos estar passando</i> as informações para vocês.	22%	78%	0%	100%
11	Se vocês conseguirem bom desempenho na prova, vocês <i>estarão ganhando</i> muitos benefícios.	67%	33%	60%	40%
12	Isso é importante porque vocês <i>vão estar mostrando</i> para a sociedade que a instituição faz cidadania.	33%	67%	60%	40%
13	A gente não sabe que horas que os professores que vão avaliar <i>vão estar passando</i> , então não pode faltar ninguém.	22%	78%	0%	100%
14	Olha façam silêncio depois a gente <i>vai estar fazendo</i> a conferência eu e a professora.	11%	89%	20%	80%
15	Essa informação mais detalhada de como vocês vão fazer a gente <i>vai estar passando</i> , talvez	0%	100%	0%	100%
16	Planeja tua aula e dá uma aula excelente, porque tu <i>vai estar dando</i> aula para quem sabe do assunto.	33%	67%	40%	60%

Os resultados apontam para uma similaridade entre os dois grupos quanto à aceitabilidade. A sentença 15 “Essa informação mais detalhada de como vocês vão fazer a gente *vai estar passando*, talvez [...]”, extraída da amostra em análise, da fala de professor, em locução formal, foi rejeitada pelos dois grupos, com índice de 100%.

²⁰ As sentenças destacadas em azul na tabela foram extraídas da amostra analisada.

No grupo 1, no segundo ranking, consideradas em desacordo com a norma culta, estão as questões 1, 4, 8 e 14, com 89%. Todas elas são perífrases gerundivas com três verbos: ‘ir + estar + gerúndio’. No terceiro, constam as sentenças 10 e 13, as quais têm em comum o verbo ‘passar’ no gerúndio. As construções gerundivas mais aceitas como norma culta pelos professores foram as sentenças 3 e 11, as quais são perífrases construídas apenas com dois verbos.

No segundo grupo, na primeira posição julgada em desacordo com a norma culta estão, juntamente com a sentença 15, a 10 e a 13, com 100% de rejeição. As duas últimas são construídas com o verbo ‘passar’ na última posição. Na segunda posição, estão as orações 1, 2, 3, 4 e 14. Nota-se que, com exceção da sentença 3, todas têm 3 verbos em sua estrutura. Na terceira posição, estão as orações 8, 9 e 16, também com 3 verbos. As sentenças 100% avaliadas pelos docentes como norma culta foram as 3 e 5. Ambas são perífrases com 2 verbos, com os verbos ‘receber e enviar’, os quais são muito produtivos na linguagem dos profissionais de *Telemarketing* na interação com os consumidores. Por causa disso, esperava-se que essas orações fossem rejeitadas devido à difusão do preconceito linguístico quanto à linguagem empregada neste setor da comunicação. Já o primeiro grupo, apresentou 33% de rejeição para a oração 3 e 44% para a 5.

Da análise do questionário, observa-se que há forte rejeição pelos docentes das construções com o verbo ‘estar’ na segunda posição, quando a sentença apresenta três posições verbais, o que os levam a avaliar como em desacordo norma culta. E, quando existem duas posições verbais como nos exemplos (3), (5) e (10) tendem a julgar como em acordo com a norma.

Portanto, levanta-se a hipótese que o julgamento das construções gerundivas como em acordo ou desacordo com a norma culta, naquelas em que aparece o verbo ‘estar’ tem como base o número de posições verbais. As perífrases gerundivas com duas posições tendem a ser legítimas como norma culta pelos usuários da língua, enquanto que as com 3 posições são julgadas como discordantes.

Este resultado corrobora a argumentação de Torres (2009, p. 50), de que “o gerundismo configura uma construção prototipicamente com três verbos”. Confirma também, o que Bagno (2013, p. 164) descreve como um embate entre duas forças: a da gramática tradicional e o das inovações linguísticas. Por um lado, existe a forte crença dos falantes do português brasileiro de que é a gramática que rege a fala e que o que está fora dela está “errado”. Por outro, estão as inovações linguísticas, uma realidade que mostra que os falantes, em sociedade, criam novos recursos, quase sempre através de reestruturações, ressignificações, reinterpretções e reanálises dos recursos já existentes.

O que se conclui no plano sociolinguístico variacionista, considerando o comportamento linguístico e a frequência de uso, correlacionados à amostra da fala que constitui o *corpus* da pesquisa e aos resultados da enquete sobre a aceitabilidade das construções gerundivas na avaliação dos docentes, é que estes profissionais tendem a rejeitar construções que, fora dessa avaliação direcionada, empregam em seu cotidiano mesmo em contextos formais. Essa é uma tendência que talvez se estenda a outros segmentos sociais, o que comprova a força da língua, no âmbito da variação e mudança linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados, que este estudo apresenta referentes à frequência de uso da perífrase gerundiva, conhecida como “gerundismo”, possibilitam alavancar uma discussão a respeito do tema em referência à fala de Manaus e no contexto do português brasileiro.

Trata-se de uma discussão inicial, pois não se teve a pretensão de verificar todos os grupos de fatores que podem implicar na ocorrência da variável gerundiva de futuro, como forma inovadora na língua, nem correlacionar todos eles, mas delimitou seu objeto de estudo e sua perspectiva de análise e desenvolveu a pesquisa conforme o objetivo estabelecido, que foi verificar a frequência de uso da construção gerundiva de futuro e estabelecer, entre os grupos de fatores selecionados, quais são favorecedores ou inibidores para essa ocorrência.

A abrangência da constituição da amostra que se remetem aos dados da escrita mais formal e menos formal e da fala mais monitorada e menos monitorada foi importante para conhecer o alcance da forma inovadora na fala manauara. Assim também os diversos segmentos sociais que estão representados na pesquisa como informantes diretos e indiretos. Com a extensibilidade da amostra foi possível perceber a demanda de outras pesquisas, dando continuidade ao estudo do tema. Por exemplo, a frequência da perífrase ‘ir/poder + estar + gerúndio’ na fala dos professores e dos jornalistas obtiveram resultados similares, os quais são inferiores à frequência de gerundismo na fala dos atendentes de loja e dos promotores de venda. Por isso, seria interessante um estudo para verificar a ocorrência do gerundismo na fala destes profissionais da comunicação e a aceitabilidade dessa construção entre eles.

Sumarizando os resultados obtidos considerando a amostra da análise, referente à escrita mais formal, constatou-se que a construção inovadora não ocorre na escrita mais formal. Porém, considera-se pertinente destacar este resultado, visto que indica o estágio da variável e servirá de referência para verificar seu comportamento no transcorrer do tempo. Já na escrita informal, ressalta-se que foram encontrados três dados referentes à utilização da perífrase. Embora sejam ínfimos, julga-se relevante, uma vez que podem ser indicativos da expansão da perífrase também na escrita não monitorada.

Da fala, considerando os objetivos e as hipóteses do estudo, destacam-se dois grupos de fatores linguísticos selecionados pelo programa estatístico como os mais significativos para a ocorrência da perífrase gerundiva em estudo, que são a ‘marca de tempo futuro’ e o ‘tipo de oração’. A análise mostrou que o fator ‘ausência’ de marca favoreceu a ocorrência da perífrase gerundiva, mostrando similaridade com os resultados de Santos (2008) e divergentes daqueles obtidos por Torres (2009).

Em se tratando do controle do tipo de oração, a análise apontou favorecimento do uso da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ para dois tipos de oração: as coordenadas, com 63,8%, com grande vantagem sobre a segunda maior frequência que foram as subordinadas, com 18,9%. Este resultado difere dos encontrados por Santos (2008) em que a oração favorecida é a absoluta.

A hipótese de que a perífrase gerundiva inovadora fosse inibida na fala dos professores e favorecida na dos atendentes de loja não se confirmou, considerando que a frequência de uso apontou para resultados muito próximos. Na fala dos docentes foi de 21,6% e, na fala dos vendedores, foi de 29%.

A pesquisa mostrou que a realização da perífrase inovadora transita entre os falantes de todos os graus de escolaridade; é mais frequente em contextos menos formais; as mulheres surpreendentemente são as que mais utilizam; os atendentes de loja e promotores de venda empregam mais que os professores, mas na fala destes últimos a frequência não é baixa; e o uso é maior entre os jovens de 18 a 35 anos, o que aponta para uma mudança em curso.

A enquete que verificou a aceitação das perífrases gerundivas com o verbo ‘estar’, de duas ou três posições verbais possibilitou confirmar que as com dois verbos são muito mais aceitáveis que as com três e que há uma convergência entre os falantes no julgamento que fazem quanto ao acordo ou desacordo em relação à norma culta.

Esses resultados mostram uma forma reorganizada de expressar circunstâncias futuras na contemporaneidade do português brasileiro, que é o fenômeno do ‘gerundismo’, que ganha força na língua, apesar do preconceito linguístico que permeia seu uso, mesmo pelos usuários desta forma linguística.

Os resultados deste estudo contribuem para o melhor conhecimento da expressão de futuridade no português brasileiro, considerando a variação e a mudança linguística. A expressão da futuridade tem sido objeto de estudo do grupo de pesquisa Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC) e este trabalho traz resultados que poderão ser somados na discussão do tema. Também poderão contribuir para a compreensão da expressão de futuridade no âmbito dos estudos sociofuncionalistas referente ao português brasileiro. Outros estudos deverão se seguir para verificar outras perspectivas da ocorrência do gerundismo na fala de Manaus.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tiago Gil Lessa. *A variação ir + infinitivo e presente do indicativo na expressão de tempo futuro*. Caderno de Cultura e Ciência, Ano VII, v.11, n.1, dez, 2012. Universidade Regional do Cariri – URCA.

ARAÚJO, J. M. *A Expressão de Futuridade na Escrita Jornalística Manauara dos Anos 80 aos Dias Atuais: Um Estudo Funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Programa de Pós-graduação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2016.

ARANTES, Helene Carvalho. *O Português Falado na Cidade de Manaus: Coleta de Dados - SIPROJ- n°27543*. Pesquisa de iniciação científica (PAIC). Universidade do Estado do Amazonas UEA, 2014.

BACK, ANGELA Cristina Di Palma, COAN, Márluce Atuação do aspecto na variação entre os pretéritos Mais-que-perfeito e perfeito: algumas considerações sobre o princípio do uniformitarismo, Revista Prolíngua – ISSN19839979, Volume, 9 Número 2, jul/dez de 2014.

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. *O preconceito linguístico: o que é e como se faz*. -55 ed, - São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BABILONIA, Leandro, MARTINS, Silvana. *A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara*. Revista Eletrônica do Programa de Pós- Graduação em Letras/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras. Três Lagoas, MS, 2005. Semestral ISSN 1980-1858. Descrição baseada em: v. 13, n.1, ago./dez. 2011.

BARROS, Nathalie Anne Conceição. *Indicativo na Expressão do Irrealis na Fala Manauara*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Manaus, 2015.

BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. *A Realização da Fricativa Glotal na Fala Manauara*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas, 2014.

BRITO, Roseanny de Melo. *Atlas dos falares do baixo Amazonas- AFBAM*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade do Estado do Amazonas, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & Educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma visão crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza. *O Gerúndio Românico: estudo histórico-descritivo*. ALFA v.18/19, p. 383-402, 1972.

CAMPOS, Maria Sandra. *O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do Português falado em Borba no Amazonas*. Tese (Doutorado em Linguística) Niterói: UFF, 2009.

CASTILHO, Ataliba de; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Funcionalismo e gramática do português brasileiro*, in Souza Edson Rosa de (org.). *O Funcionalismo Linguístico. Novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba de. *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília, 1968. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3311/3038>. Acesso em: Dezembro de 2016.

_____, *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1, ed, 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CINTRA, Marcos Rogério. *A perífrase ir + (pres.) + (es) ta (r) + gerúndio: uma inovação linguística*. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br>>. Acesso: em Setembro de 2015.

_____, Marcos Rogério. *A Relação entre Gênero e a Expressão Verbal: uma Abordagem Discursiva para a Manifestação da Futuridade*. Revista de Linguística Alfa, São Paulo, volume 58, nº 1, 2014. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5363>.

CORRÊA, Hydelvídea Cavalcante de Oliveira. *O falar do caboclo amazonense*. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) UFRJ, 2004.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo* – 6 ed – Rio de Janeiro: Lexikon; 2013.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo* – Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L & PM, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Daniele de Oliveira. *Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/ em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2007.

EVANGELISTA, Camila dos Santos. *A realização da lateral /l/ na fala manauara: um estudo Sociolinguístico Variacionista*. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. *Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: Um estudo de geolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

HOLANDA, Luciana Serdeira. *A gradação na fala manauara: uma abordagem sociolinguística e funcional*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Manaus, 2015.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. *Atlas linguístico dos falares do alto rio Negro – Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Amazonas*. UFAM, 2012.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas>.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOBO, Maria. *Aspecto da Sintaxe das Orações Gerundivas Adjuntas do Português*. Actas do 17º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística Lisboa, outubro, 2001.

LUCCHESI, DANTE, ARAÚJO, Silvana. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em <www.vertentes.ufba.br/a> - teoria-da-variação linguística. Acesso em: 12 de agosto de 2015.

MAIA, Edson Galvão. *Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.

_____. *Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas*. Manaus: UFAM, trabalho monográfico do curso de especialização em Linguística, 2009.

MARCUSCH, L. C. *Da fala para a escrita*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Silvana; MARTINS, Valteir. *Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil*. 178. Inter DISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies Vol. 3.1, 2014.

MARTINS, Flávia Santos. *A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé*. Manaus: UFAM, Relatório de Pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.

_____. *A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins e Tefé*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2007.

_____. *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)*. Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.

MARTELOTA, Mário Eduardo; ALONSO, Kren Sampaio, in SOUZA, Edson Rosa de. (org.). *Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. Novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MERCER, José Luiz da Veiga. *O Futuro nas línguas românicas*. Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 385-394. 1ª parte 2011.

NEVES, Maria Helena. *Estudos Funcionalistas no Brasil*. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º Especial, 1999, p. 70 a 104.

NUNES, Rosa. *Evolução Cíclica do Futuro do Presente do Latim ao Português*. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade de Pelotas, RS, 2003.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da Língua Portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

_____, Josane Moreira de. *Introdução ao GoldVarbX: uso e interpretação*. Universidade Federal da Paraíba (UFP), 2014. Disponível em: <www.alfal2014brasil.com>. Acesso 03 de março de 2016.

_____, Josane Moreira de. *Relevância de Variáveis Linguísticas e Sociais na Expressão do futuro Verbal*. (UEFS). Disponível em: <www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos>. Acesso em: 02 de agosto de 2015.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. *Vamos estar considerando sobre o gerundismo*. *Revista Linguagem*. São Paulo: edição 04, dezembro de 2008 e janeiro de 2009. Disponível em: <www.lettras.ufscar.br/linguasagem>. Acesso em 23 de setembro de 2014.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. *As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)*. (Mestrado em Letras), UFAM, 2012.

_____. *Comportamento fonético-fonológico do –S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa e iniciação científica (PIBIC), 2007.

RIBEIRO, Paula; MARTINS, Valteir. *Contextos Linguísticos e Socioculturais da Variação da Expressão de Futuridade na Fala Manauara*. (SISPROJ – Nº 21106). Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2014.

RIBEIRO, Paula Jamile Feitosa. *A Variação da Futuridade na Fala Manauara*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Manaus, 2015.

RODRIGUES, Tatiana. *Estudo da variável (nj) em paroxítonas terminadas em “nia” e “nio” em Manaus*: descrição da tese. Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 06 – Ano III – 10/2014. Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM – QUALIS/CAPES – LATINDEIX – ISSN: 2238-6424. Disponível em www.ufvjm.edu.br/vozes.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. *Variação e Mudança Linguística: Panorama e Expectativas da Sociolinguística Variacionista no Brasil*. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 8, n 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br> Acesso em: Fevereiro de 2016.

SANTOS, Patrícia Tavares Almeida. *Só um pouquinho, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e expansão da mudança*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística- Universidade de Brasília, 2008.

SANTOS, Eduardo Pereira. *A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. Campus I. 2012.

SANTOS, Fernanda Almeida, *Relevância de Variáveis Linguísticas e Sociais na expressão do Futuro Verbal*. XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA. ALFAL, 2014. <www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos>. Acesso em: Agosto de 2015.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira. *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves*. Manaus: UFAM, Dissertação de mestrado, 2010.

TAFNER, Elisabeth Penzlien. *As Formas de Futuridade em Contextos de Interação*. (PG Universidade Federal de Santa Catarina). Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais>>. Acesso em: Agosto de 2014.

_____, Elisabeth Penzlien. *As Formas de Futuridade em Contextos de Interação*. (UFSC). Disponível em: <www.filologia.org.br/soletras>. Acesso em: Agosto de 2014.

_____, Elizabeth Penslien. *As formas de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem Sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. *Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Interdisciplinar*. Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, p. 27 – 48, jan./jun. 2013.

TORRES, Fábio Fernandes. *O Gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, 2009.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. *A realização das variantes palatais / ʎ / e / ɲ / nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio Solimões)*. Manaus: UFAM, mestrado em Sociedade e Cultura, 2010.

VARGAS, Maria Varília. *Verbo e práticas discursivas*. 1. ed. São Paulo: Contexto 2011.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG.M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

Acrítica. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/Amazonas-Amazônia-vagas-empregos-Zona-Franca-Manaus_0_1450054989.html>. Acesso em: Março de 2015.

D24Am: <<http://new.d24am.com/noticias/amazonas/imigrantes-representam-22-habitantes-manaus/39104>>. Acesso em: Junho de 2015.

O Guia do Turista. Disponível em: <<http://guiadoturista.uol.com.br/destinos/manaus>>. Acesso em: Agosto de 2015.

Portal Amazônia. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=26>>. Acesso em: 30 de junho de 2015.

Passadori, Reinaldo. Instituto Passadori. Educação Corporativa. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/como-usar-o-gerundio-corretamente-sem-virar-gerundismo>>. Acesso em: Março de 2015.